

REVISTA DA SEMANA

N.º 44 :-: 28-10-44



Eles
ouviram o
chamado
da Pátria

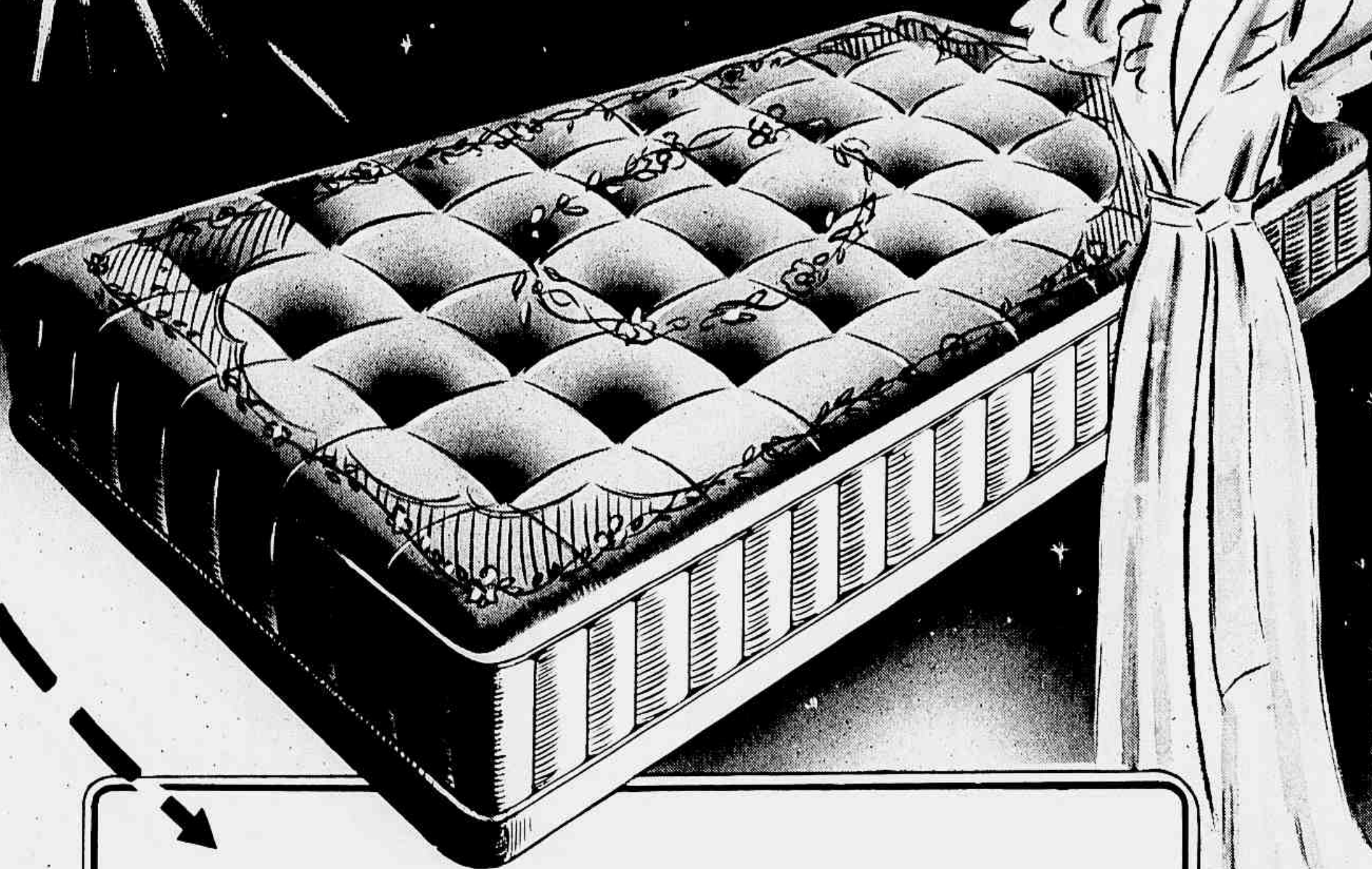
CR\$
1,50
EM TODO
O BRASIL

COLCHÃO DE MOLAS

33

CENTAVOS
por dia

BRASIL



É o custo real, calculando-se pela sua durabilidade, portanto, mais barato que um colchão comum, não se contando o conforto e o bem estar que ele proporciona o que dá disposição para o trabalho e alegria de viver.

COLCHÃO DE MOLAS "BRASIL" LTDA.

Rua Barão de Itapetininga, 112 — Fones : 4 6699 — 4 4225 — São Paulo

Alpa

AGENTES NO INTERIOR E OUTROS ESTADOS

Amparo
Marcelino Consoli
Araraquara
Bartolomeu Miceli
Assiz
Casa Roselli
Araçatuba
Melo & Cia.
Avaré
Cyro de Julio
Barretos
David Pilnik
Batatais
Claudio Nori
Bebedouro
Simão Zilbermann
Botucatu
Cecion E. Veskmann
Bragança
Afonso M. Brandi
Cafelândia
Francisco Chagas Tavares
Campinas
Aldo Leonardi
Campos de Jordão
F. Clementino & Cia.
Catanduva
Sebastião de Arruda Lima
Espírito Santo do Pinhal
Elias dos Santos Oliveira
Franca
Primo Meneghetti
Guaratinguetá
Simão Fraifeld

Itapetininga
Tuffy Assayd
Itú
Henrique Menquetti
Jaboticabal
Marcos Mereines
Jau
De Lucio & Firetti Ltda.
Jundiaí
Miguel Giuntini
Limeira
Rosenthal & Cia.
Marília
S. Fisher
Olimpia
José Junqueira
Ourinhos
Manoel Pinchovsky
Piracicaba
Irmão Sansigolo
Presidente Prudente
Simão Chafermann
Ribeirão Preto
H. Tarozzo & Irmão
Rio Claro
Marcos Rosenthal
Rio Preto
De Lucio & Firetti Ltda.
São Bento do Sapucaí
Manoel Pereira de Azevedo
São Carlos
Moyses Mucheat
São José do Rio Pardo
Braghetta Filho Ltda.

Santa Cruz do Rio Pardo
Leão Bichusky & Filho
São José do Rio Pardo
Ambrosio Blondino
São João da Boa Vista
Bruno Balestin
Sorocaba
Pascoal Ciardi
Taubaté
Samuel Indurski
Vargem Grande
José Luiz de Miranda
AMAZONAS
Manaus
J. V. D'Oliveira & Irmão
GOIAZ
Anápolis
Silva Duarte & Cia.
MATO GROSSO
Campo Grande
Henrique Pup
MINAS GERAIS
Araguari
Geraldo Gomide Borges
Andradas
Alfredo Ansani
Belo Horizonte
Odilon Torres
Borda da Mata
Julio Caponi
Guaxupé
Orostrato Olavo Silva
Ouro Fino
Carlos Rivelli

Paraisópolis
Awrum Gang
Poços de Caldas
José S. Amaral
Pouso Alegre
Mauricio Gandelmann
Santa Rita do Sapucaí
Monteiro & Prado
Uberaba
José de Oliveira Neto
Uberlândia
Irmãos Testa
PARANA
Curitiba
Djalma Fayet
Londrina
I. Schehtmann
João B. Gurgel Pismel
Ponta Grossa
Marina Faria Machado
PERNAMBUCO
Recife
T. Corrêa
ESTADO DO RIO
São Fidélis
Emilio Berditchevsky
RIO GRANDE DO SUL
Rio Grande
João Canuso
BAHIA
Antonio Leão & Cia.
TERRITÓRIO FEDERAL
DE PONTA PORA
Ponta Porã
Mario M. Oliva



— Eles não me compreendem... E no entanto, eu sou um gênio... Tenho um romance que é um colosso...

O MARTIR DA INTELIGENCIA

O personagem mais pitoresco da nossa comédia literária é incontestavelmente o cidadão que se confessa vítima do próprio talento... Esse tipo existe por toda parte, mas floresce de preferência no Rio, onde se reproduz em centenas de exemplares humanos. As portas de livraria e as mesas de café andam cheias de sujeitos assim, que levam uma vida magnífica, sem trabalho, sem preocupação de qualquer espécie, mas sempre se consideram perseguidos pela inteligência assombrosa, verdadeiramente genial, que descobrem, nem sei como, dentro da cabeça.

A vítima do talento não escreve coisa nenhuma, jamais se atreveu a publicar uma linha sequer, nunca estudou o menor assunto, não lê nada além de *Seleções*.

Convença-se, entretanto, de que possui enorme cultura, a maior do mundo, servida pelo gênio, esse gênio maravilhoso que ainda não deu de si nenhuma prova, mas de cuja existência o literato não duvida. O mártir não pensa em compor nenhum livro, nem mesmo um simples artigo de revista ou jornal, porém se queixa amargamente de que não há no país compensações e vantagens para o escritor. Passa o dia inteirinho de testa franzida, cara amarrada, resmungando contra a pobre sorte das criaturas de valor neste Brasil ingrato.

Quando alguém, mais otimista, diz que não é tanto assim, que afinal de contas muita gente boa já foi para adiante à custa de mérito intelectual, o homem fica uma fúria, protesta indignado... Não é verdade! E cita o seu exemplo. Por mais modesto que seja, tem de reconhecer que é um talento dos raros. E como sabe tudo! No entanto, ainda não lhe deram um cargo rendoso, nem uma cadeira na Academia, nem ganhou for-

tuna com a pena... Ah! se fosse na Inglaterra, ou na França, ou nos Estados Unidos... Mas teve o azar de nascer aqui, onde é tão mesquinha a condição de literato... Que destino cruel!

O curioso é que o moderno Jeremias nunca tentou qualquer iniciativa para triunfar nas letras. Rejeita mesmo as ofertas que lhe dirigem. Se lhe propõem a tradução de um famoso romance estrangeiro, declara que se encontra muito atrapalhado no momento para fazer isso... E a sua única ocupação é bater pernas e bater papo, de manhã à noite, do "Amarelinho" à "José Olímpio". Se um editor insiste para que escreva alguma obra, desconversa, muda de assunto, ou afirma que não vale a pena escrever numa terra como esta. Se o diretor de algum suplemento lhe pede colaboração, encabula, avisa que anda muito sem tempo ou promete mandar uma crônica ou um conto que nunca aparecem na redação, que não chegam mesmo a lançar-se no papel. O homem não faz nada, absolutamente nada, além de queixar-se...

Mas, como se queixa, meu Deus do céu! Parece que só ele é infeliz neste mundo... Os povos sacrificados pela brutalidade nazista na Europa, o longo drama dos chineses, os sofrimentos imensos que tantos e tantos já padeceram pelo planeta a fora, somem diante daquela desgraça proclamada entre um cafézinho e um *chopp* na roda alegre onde se acabou de contar a última anedota carioca.

Genolino Amado

O motivo de tão constante e choroso lamento é sempre este: a falta de compensações econômicas para o escritor brasileiro. A vítima do talento não se cansa de bater nesta velha tecla. Se passa pela Avenida um engenheiro que venceu como construtor de arranha-céus, o homem deblatera... Vejam só! Um simples mestre de obras, quase um pedreiro, chefe dos cobres, enquanto ele, tão genial, tem somente no bolso alguns "japonêses" sebetos... Se encontra na esquina um advogado que enriqueceu à custa de muito esforço para arranjar clientela, aproveita a ocasião para reclamar ainda uma vez... Que injustiça! Um chicanista montado no burro do dinheiro e ele, um rival de Shakespeare, um emulo de Goethe, sem ter com que pagar a pensão! Quando sabe que um médico tem o consultório procuradíssimo, vocifera contra o sucesso do cientista. Um mero curandeiro na fartura, quando o extraordinário literato é obrigado a pedir aos amigos que paguem a sua despesa no café...

Pouco adianta explicar a esse homem que muitos profissionais da pena já recebem razoável remuneração pelos seus trabalhos. Não quer ouvir isso, de forma nenhuma. Tem a volúpia da queixa... Gosa a delícia de comparar o seu fracasso com o triunfo alheio. Mas, quem é culpado pela sua derrota? Afinal de contas, não só literatos, mas também advogados, médicos, engenheiros, pessoas de qualquer profissão, teriam a mesma sorte se passassem o dia todo conversando à toa, sem fazer força pela vida... A vítima do talento é, na verdade, uma vítima da preguiça. Espalha o boato falso do próprio gênio para esconder a realidade da sua vadiagem incorrigível.

ELES OUVIRAM O CHAMADO DA PATRIA

Nunca, em toda a história do nosso país, atravessámos um momento tão grave e decisivo como o atual. Estamos vivendo a hora definitiva da nossa história. E pela primeira vez todo o nosso povo encontra-se plenamente consciente da seriedade da ocasião.

Pela primeira vez estamos fazendo a reportagem dos ausentes. Aquêles que a justificaram não falaram e não apareceram ao reporter e não falarão ao leitor. Eles aparecem em nossas páginas em retratos que nos foram cedidos pelas famílias. Retratos que valem um tesouro para cada parente.

— O senhor garante que não perderá nem estragará esta fotografia?

Nós garantíamos e tranquilizávamos. Não era difícil compreender aquêles cuidados.

Aliás, esta não era a única dificuldade para o reporter.

Algumas famílias mostravam-nos cartas dos parentes convocados — filhos, irmãos, esposos. Cartas que são guardadas com todo o carinho, que são lidas uma, duas, cem vezes, sempre que a saudade aperta. Cartas manchadas por muitas lágrimas. E não é que toda esta gente — a esposa e a mãe do capitão ou do tenente, a humilde esposa do soldado raso — tenham uma visão errada do momento que atravessamos; não é que elas se desesperem, mas a verdade é que este sentimento não pode ser refreado. Esse carinho

e ternura moram no mais profundo da alma de cada mãe e do coração de cada esposa ou noiva.

— Moço, nenhuma coisa do mundo pagaria para mim esta carta. A cada momento eu a leio, lembrando-me do meu filho. O senhor não pense que me revolto com a sua ausência. Compreendo muito bem a importância do que ele está fazendo. Tenho a certeza de que voltará cheio de glória e serei então a mais feliz e orgulhosa das mães.

Assim nos falavam quase todas as entrevistadas. Quando guardávamos a carta, o olhar que lançavam devia ser igual àquele com que se despediram dos filhos ou maridos.

— A carta voltará, minha senhora, tranqui-



A noite, em sua casa, enquanto d. Odete escreve uma carta ao marido, d. Lúcia Damires G. Gonçalves, a mãe do expedicionário, folheia um album de fotografias procurando recordações. E assim se passam os dias dessas duas mulheres, cujos pensamentos se confundem, cujos corações batem unisonos, pela volta do filho e marido que lá do outro lado do mar bate-se pela pátria, preparando o mundo em que irá viver o filho.

A REPORTAGEM DOS QUE NÃO ESTÃO PRESENTES — TODO O BRASIL ESTÁ LUTANDO — O SUSTO DOS ENTREVISTADOS — FALAM OS QUE ESPERAM — O FRONT DA RETAGUARDA — A GUERRA APRESSA OS CASAMENTOS — LUA DE MEL DE 16 DIAS — UM DIA ÊLES VÃO E NÃO VOLTAM MAIS — ÊLES VIRÃO CHEIOS DE GLÓRIA — NA LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA — CONVERSANDO COM A FAMÍLIA DO TENENTE MILLER — REGINA ANGÉLICA NÃO PODE OUVIR A CAMPAINHA TOCAR — "CADETE PAPAI" — AS ATRAPALHAÇÕES DO REPORTER E DO FOTÓGRAFO — "O TEU NOME ME ACOMPANHA" — O NOIVO ESTÁ ESPERANDO.

lizávamos, voltará como o seu filho. Pode estar descansada. Mas não era de grande confiança o olhar com que nos fitavam.

Em algumas casas, a cena dolorosa começava na porta, antes de entrarmos. Batíamos palmas. Apareciam pessoas à janela.

— Que deseja?

— Aqui é a casa do expedicionário "Fulano"?

Os sobrecenhos se enrugavam. Olhares assustados caíam sobre nós.

— Que aconteceu?

— Estamos apenas fazendo uma reportagem, minha senhora. Nada aconteceu ao expedicionário.

— O senhor não está me enganando?

— Estou lhe dizendo a verdade.

Entretanto algumas não se deixavam vencer tão facilmente. Precisávamos explicar detalhadamente. Muitas vezes era preciso lutar contra o pranto. Traquilizadas afinal, deixávamos entrar.

Na pequena casa da vila ou no luxuoso apartamento de Copacabana, não diferiam muito as declarações dos entrevistados.

Em quase todos esses lares a partida do

expedicionário trouxera modificações. Muitas vezes ele era o arrimo da família; o irmão mais novo, apenas um menino, trazia na fisionomia a decisão de quem começa a arcar com uma responsabilidade até então desconhecida. Entretanto, há um certo orgulho de serem parentes de um soldado que está na Europa, lá do outro lado do Atlântico, defendendo a sua pátria. "Daqui partiu um expedicionário", parecem dizer tôlas aquelas fisionomias.

Muitas vezes a esposa do expedicionário vai morar com a sogra, para juntas esperarem a chegada gloriosa e ansiosamente esperada. E de fato elas se podem confortar mutuamente.

(Continua na pág. 9)



Muitas vezes ela contempla o retrato do seu casamento. Uniu-se ao homem que sempre amara apenas dezesseis dias antes da sua partida. Toda a sua vida é então recordada. Nestes momentos d' Odete Gonçalves Campos, a esposa do expedicionário Antônio Gonçalves, fica ausente do mundo. Tudo desaparece e o seu pensamento está muito longe. Lá na Itália, que ela não conhece, ao lado do seu marido.



JOCKEY CLUB MUNDANO

Agora que o verão vem aí, maior é ainda a frequência às corridas dominicais do Jockey Club Brasileiro, cujo hipódromo acomoda uma multidão de aficionados do "turf" que entusiasticamente acompanham os lances emocionantes das notáveis carreiras.

As fotos que aqui reproduzimos fixam aspectos do último meeting realizado no Prado da Gávea, num dos quais aparece o almoço ali oferecido a s. excia. o embaixador do Uruguay.



REVISTA DA SEMANA

ANO XLV -- 28-10-944 -- N. 44

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: ... Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5603
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NUMERO CONSTA DE 52 PAGINAS

O CORPO DE COLABORADORES DA REVISTA DA SEMANA ESTÁ ORGANIZADO. SÓ PUBLICAMOS COLABORAÇÕES SOLICITADAS PELA REDAÇÃO. NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELA DEVOLUÇÃO DE ORIGINAIS, MESMO QUANDO NÃO PUBLICADOS.

Sumário

LITERATURA:

O Martir da Inteligencia (Genolino Amado).....	3
Quem matou Algernon Ashe? (Lassifer Wren e Randle Mac Kay).....	15
Pintura e Pintores (Escragnolle Doria).....	16
A Cesar o que é de Cesar.....	17
Quadros (Jerome K. Jerome).....	30
Livros Novos.....	38/39

REPORTAGENS:

Eles ouviram o chamado da Patria — A começar da página.....	4
Jockey Club.....	6
Somos uma geração de respeitáveis mediocres (A. Migueis).....	31/34
Figuras e Fatos.....	35

FEMININAS:

Nos Bastidores Femininos.....	23
Como vestem as "estrelas".....	24/25
Modelos Femininos.....	40 e 44

CURIOSIDADES:

Serrador, o creador da Cinelandia.....	14
Em ruínas a capital de Carlos Magno.....	22
Bandeirantes de ontem e de hoje (Celestino Silveira).....	26/27
Arte Fotográfica.....	28/29

Casada ou Solteira

Quando levar uma queda, um susto ou tiver raivas, todas as vezes que molhar os pés, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, quando receber uma noticia má, que cause tristeza e aborrecimento, tome uma colher (das de chá) de **Regulador Gesteira** e logo em cima meio copo de agua.

Faça sempre assim, que evitará muitas doenças perigosas.

Use Regulador Gesteira

Regulador Gesteira evita e trata os padecimentos nervosos produzidos pelas molestias do utero, a asma nervosa, peso, dores e colicas no ventre, as perturbações e doenças da menstruação, anemia, palidez, amarelidão e hemorragias provocadas pelos sofrimentos do utero, fraqueza geral e desanimo, a fraqueza do utero, tristezas subitas, palpitações, opressão no peito ou no coração, sufocação, falta de ar, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, dormencia nas pernas, enjôos, certas coceiras, certas tosses, pontadas e dores no peito, dores nas costas e nas cadeiras, falta de animo para fazer qualquer trabalho, canções e todas as perigosas alterações da saude causadas pelas congestões e inflamações do utero.

Regulador Gesteira evita e trata estas congestões e inflamações desde o começo.

Regulador Gesteira evita e trata tambem as complicações internas, que são ainda mais perigosas do que as inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

SEÇÕES:

A guerra em marcha.....	20/21
De Teatro (Anselmo Domingos).....	41
De Cinema.....	42/43
De Rádio (Djalma Maciel).....	45
De Música (Roberto Lyra F°).....	47

CARICATURAS

De Bom Humor.....	18
"Charge" de Raul.....	48

NOVELA:

"Covardia" (Berliet Junior).....	49,50
----------------------------------	-------

SABONETE

VALE QUANTO PESA

É O IDEAL PARA O BANHO!

GRANDE BOM BARATO

A VENDA EM TODO O BRASIL

A cobra está fumando!



A frase veio dos sertões. A rigor, ninguém lhe conhece a origem, como não se desvendam as origens dos grandes motivos genuinamente populares, quando o tempo passa. Pode ter nascido de um pequeno incidente de campo, de um quasi-nada fortuito, que agora vai se imortalizando e adquirindo projeção universal. "A cobra está fumando" — quer dizer a turma está enfezada. Vai ajustar contas com os malditos que tiraram nossos rapazes do seu bem-estar, do convívio da família e de suas obrigações em tempos de paz. Mas a frase já existia, não foi uma consequência da guerra nem da convocação de brasileiros. Veio, trazida para os nossos quarteis, por algum recruta sertanejo, que primeiro a lançou quando ouviu o comandante da tropa repreender um "cabra" por qualquer motivo de somenos importância. Outros recrutas a repetiram, e o "slogan" espalhou-se pela cidade, tomou conta dos paisanos, para embarcar com os expedicionários, de permeio com os seus utensílios mais inseparáveis. E agora, no campo da luta, os alemães ficam sabendo o que seja o fumar da cobra. Morteiros são lançados a grande distância; investidas de patrulhas formadas por cabôculos decididos de rincões brasileiros repetem-se, e aqui está o resultado: Até os homens de outras nacionalidades, nossos aliados, usam e abusam da frase. — "The snake is smoking" — dizem os americanos do 5.º Exército, hombrando com a "tuima" cá de casa e aptendendo a repetir o "slogan" em nosso próprio idioma.

Quando a guerra for apenas uma recordação e os rapazes estiverem de volta, além do seu heroísmo terão legado à História uma frase que será perpetuada. A cobra está fumando, ajustando contas com o inimigo. E alemão nenhum desejará que ela volte a acender o charuto, pois já lhe conhece de sobre as consequências. Os jornais norte-americanos andam repetindo a frase e fotografias estão sendo publicadas com legendas alusivas ao significado da mesma.

Somos, por excelência, um povo dosado de muito bom humor e não seria a guerra que nos desmentiria nesse particular. Enfrentamos as mais tremendas adversidades tirando o melhor partido de uma boa anedota e sabemos vingar-nos agindo de armas em punho mas também estigmatizando os que nos ameaçaram, com essa outra arma não menos eficaz — o senso de humor. Nossos amigos britânicos e norte-americanos sabem desta guerra conhecendo melhor o homem brasileiro, através dessa particularidade, a de sabermos sorrir. E quanto à cobra, ela continuará fumando, sem esperar coisa alguma, como o protagonista do tango. Nós fumamos e agimos simultaneamente, o que é muito mais prático. E inteligente também.

Desta vez foi mesmo!



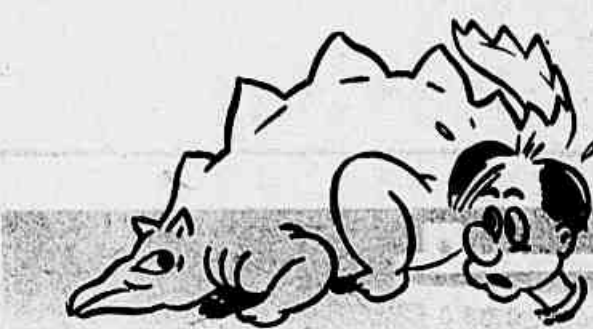
Tantas vezes o telegrafo anunciou a morte de Von Rommel que, desta última, ela não teve outro remédio senão o de se conformar com o inevitável e a ocorrência aconteceu mesmo. Praga? De modo algum. Estranho foi que Von Rommel não tivesse morrido há mais tempo. Mas o destino sabe o que faz e, determinando a eliminação do chamado "Raposa do Deserto" neste momento exato, deu mais um golpe de desânimo e desencorajamento ao Fuehrer, que já anda tão racionado de bons colaboradores. Praticamente, o desaparecimento desse cabo de guerra não terá influido nos resultados da luta, de vez que a luta está com o seu desfecho previamente traçado. Com Von Rommel ou sem ele,

a derrota de Hitler éram fadas contadas. Singular, apenas, a indiferença das multidões pela notícia que, tempos atrás, despertaria invulgar sensação, quando o moito de agora vivia o "climax" de sua agitada carreira militar e quando os nazis podiam ainda sonhar, de olhos abertos ou fechados, com o domínio do mundo. Hoje, mais um general morto, menos um, a sensação é a mesma, quando o desenrolar dos acontecimentos obedece a um rumo novo, francamente favorável para o nosso lado e sem maiores consequências desagradáveis que as de esperar o epílogo. Sob um ponto de vista, a morte de Rommel terá constituído um motivo de júbilo para o pintor de paredes que um dia pretendeu tomar conta da Humanidade. Sabe-se quanto o povo germanico anda desiludido das diabruras do seu chefe, o qual, depois de pretender pintar o sete, vai ter mesmo de recolher-se à primitiva condição de pintor de paredes. E ainda assim, será mistério que lhe dêem paredes para pintar, em última instância as paredes da cela onde venha a aguardar a decisão dos tribunais competentes para julgá-lo e aos seus comparsas. Mais feliz que Hitler, Goering e Himmler, foi Von Rommel, desaparecido pouco antes da corrida final e poupando-se às consequências finais. Uma coisa é morrer no campo da luta e outra, muito diferente, nas mãos do inimigo, já em tempos de paz, julgado e condenado. A menos que as tristes figuras germanicas antecipassem os acontecimentos justificando-se pelas próprias mãos, fato que deles não devemos esperar, nem a tanto chega o heroísmo nazista. Eles podem aguardar uma taboa de salvação, podem ambicionar um canto de mundo onde suas carcassas apodreçam mais alguns anos, mas não ignoram que a visão fagueira da Vitória dissipou-se irrevogavelmente.

Mas também reconhecem que desta vez a Holanda não fornecerá abigo para mais um lenhador. Bem pensado, a solução mais prática ainda será a repetição do fato que eliminou Von Rommel. Com vistas à Fraternidade do Fôle, que deve enviar, quanto artes, outros bombardeiros do Brasil...

a Semana em Revista

Algo de novo em Niterói



A tranquila população de Niterói está agitada por um acontecimento sensacional. As ruas da capital ali do outro lado da baía de Guanabara, estão sendo convulsionadas. Uma legião de operários levanta trilhos, constroem verdadeiros sistemas orográficos, que obrigam a exercícios atléticos de saltos e alpinismo aos moradores da cidade vizinha.

A verdade é que Niterói cansou-se de ser acusada de não evoluir, de se

manter quase igual aos tempos do saudoso e valente Araribóia. Enquanto de São Paulo, de Minas, dos pontos mais distantes do Brasil, chegavam notícias de acontecimentos sensacionais e espantosos, Niterói continuava no mesmo. A meninada do outro lado continua a viajar nas mesmas barcas areicas em que os seus avós faziam a travessia. E' verdade que pagam muito mais e que, paradoxalmente, numa época em que tudo anda depressa, barcas da Cantareira são cada vez mais lentas.

Um frenesi de remodelações e construções novas apoderou-se de Niterói. Os morros são arrasados, as árvores derrubadas, miniaturas pretenciosas de arranha-céus começam a olhar para os seus antecessores do lado de cá da baía.

Isso entretanto era pouco. Não bastava. Era preciso algo de verdadeiramente sensacional. Em Belo Horizonte nascem gulinhas com dentes, vitelas com cinco pernas, em São Paulo uma mulher dá à luz quatro crianças ameaçando o "record" das Dione. E em Niterói? Nada de novo.

Agora, entretanto, um acontecimento estranho veio satisfazer os niteroienses. Revolvendo as entranhas de uma rua, as picaretas nada científicas dos operários esbarraram num corpo duro. E' granito, é isto, é aquilo. Depois de muito cavar e escavar, arrancaram afinal do seio da terra uma ossada gigantesca.

Ao espanto dos trabalhadores juntou-se logo o espanto das transeuntes e dentro em pouco sabia-se que havia sido encontrado nada mais nada menos do que o esqueleto de um animal ante-diluviano. Afinal, Niterói está de parabéns. Agora a reforma irá para diante. Aquela estagnação talvez fosse provocada pela caveira do fóssil. Transposta esta para um museu, para a reforma completa da terra de Araribóia fica faltando apenas mandar também para a Quinta da Boa Vista aquelas barcas mais antigas do que o fóssil e o povo tomar coragem. A D. Heloisa Torres arranjar um lugarzinho no museu para a frota da Cantareira e estará modernizada a Capital do Estado do Rio. Adiante Niteroienses!

Excesso de leite



Alguns habitantes de Marechal Hermes vinham há algum tempo cometendo um crime terrível, só agora devidamente punido. Esta gente, naturalmente pobre, tendo em casa crianças, com muito sacrifício comprava, por duzentos ou trezentos cruzeiros, cabras leiteiras, que passeavam tranquilamente pela vizinhança. Todas as manhãs lá iam eles sorratamente ordenhar as cabrinhas trazendo para seus filhos o leite do bom animal.

Não se preocupavam com filas de leite. Enquanto em toda a cidade as monstruosas centopéias humanas coleiam nas portas das leitarias, os felizardos de Marechal tranquilamente os seus filhos, sem precisar sair de casa.

As crianças cresciam fortes e rosadas, graças ao sadio alimento. Pelos morros e mesmo em outros bairros da cidade, crianças esqueléticas esperam inutilmente pelo leite agitado que não chega. Nos cafés, a média é com leite condensado, quando há. Em Marechal Hermes, não havia nada disso: nem filas, bem crianças esqueléticas, nem falta de leite.

Is tudo muito bem, num mar de rosas, ou melhor num mar de leite, (evitaremos prudentemente o trocadilho), quando surgiu a carocinha da municipalidade e agarrou todas as cabras. Adeus boa vida, adeus leite gostoso e sem água!

Provavelmente a garotada de Marechal Hermes abriu o berreiro. Se tivessem um pouco de iniciativa, teriam fundado um clube ou um partido cujo título mais indicado seria "Mamãe, eu quero mama".

Mas não aconteceu nada disso. As cabras foram mesmo apreendidas e não há remédio. O mais curioso é que o comissário do 15.º Distrito, Dr. Oscar, mostrou-se admirado ao tomar conhecimento do fato, pois não conhecia nenhuma ordem neste sentido.

Teria então a iniciativa partido dos funcionários da carrocinha? Se assim foi, que punição merecem estes funcionários por terem ameaçado de fome a crianças inocentes, numa época em que é tão grande a dificuldade para encontrar alimentos?

Não sei porque sempre tive uma enorme antipatia por esta gente que, de laço em punho, anda pelas ruas procurando inofensivos ládus, revestindo a capture desses animais de tão grande espalhafato que parecem estar cercando um tigre de Bengala. Talvez isto seja apenas uma simpatia pelos irracionais. São Francisco também a tinha e ninguém lhe poderá negar as virtudes. No caso das cabras, esta caçada torna-se ainda mais antipática, pois afeta a saúde e até a vida de crianças.



O tenente Newton Miller Rangel, ainda no Regimento Sampaio, numa demonstração de transmissões, em que se especializou. Atualmente ele está na Itália, comandando soldados brasileiros nesta luta que é de todos nós.

Cada um desses soldados tem um lar que os aguarda e muitos corações que pulsam pela volta.

Este é um aspecto novo da luta. Elas também travam a sua batalha. Batalha de todos os minutos, sem esmorecimentos, que só terminará com a guerra e a volta do ente querido. Ninguém citará os seus atos de heroísmo, elas não serão condecoradas. Nem por isso são menos dignos de admiração o seu esforço e a sua coragem.

Na pequena casa da vila estavam almoçando quando chegámos. Muita gente se reunia em torno da mesa. Sentámo-nos, depois de ter agradecido o convite para compartilharmos da refeição.

A princípio houve um pouco de constrangimento logo desfeito.

— A senhora é parenta do expedicionário Antônio Gonçalves?

Falávamos a uma jovem de olhos grandes e tristes.

— Não, senhor, aquela senhora é a mãe de Antônio.

Voltámo-nos para a pessoa indicada:

— Já recebeu alguma carta?

— Por enquanto nenhuma; também não houve tempo.

— Seu filho era soldado?

— Antônio foi convocado em Janeiro deste ano. Como todos os outros, não sabia se iria ou não embarcar. Está claro que esta hipótese não estava fora de cogitações.

— E antes da convocação, que fazia seu filho?

— Era alfaiate. Sempre foi tão bom para mim! O senhor não pode imaginar que pérola. Ele sustentava a família. Casou-se pouco antes de embarcar.

— Mas então ele é casado?

Olhávamos em torno, procurando descobrir a espôsa.

A criatura dos olhos tristes esboçou um sorriso.

— Sou eu a espôsa. Não queria dizer, mas uma vez que não há outro remédio...

— Mas por que tentou ocultar-se?

— Preferia não fazer declarações. Desde menina gosto de Antônio. Brincávamos juntos. Quando Antônio foi convocado já havíamos resolvido que nos casaríamos. Entretanto, não marcámos data.

— Casaram-se então há pouco tempo?

— Dezesseis dias antes da partida resolvemos casar. Ele já desconfiava que de um momento para outro poderia embarcar, e não queria ir embora sem casar comigo. Foi tudo resolvido de repente. Agora é esperar a volta. Enquanto isto, fico rezando. Dizem que as mulheres têm o pressentimento das coisas, e eu acho que é verdade. No dia do meu casamento chorei

muito. Parece que estava adivinhando o que ia acontecer. Agora choro menos. Passo horas e horas olhando o retrato dele, o retrato do nosso casamento, este ali.

E mostrava uma daquelas fotografias clássicas do casal de noivos, ela com vestido branco, e véu. Depois ficou um pouco pensativa e sorriu:

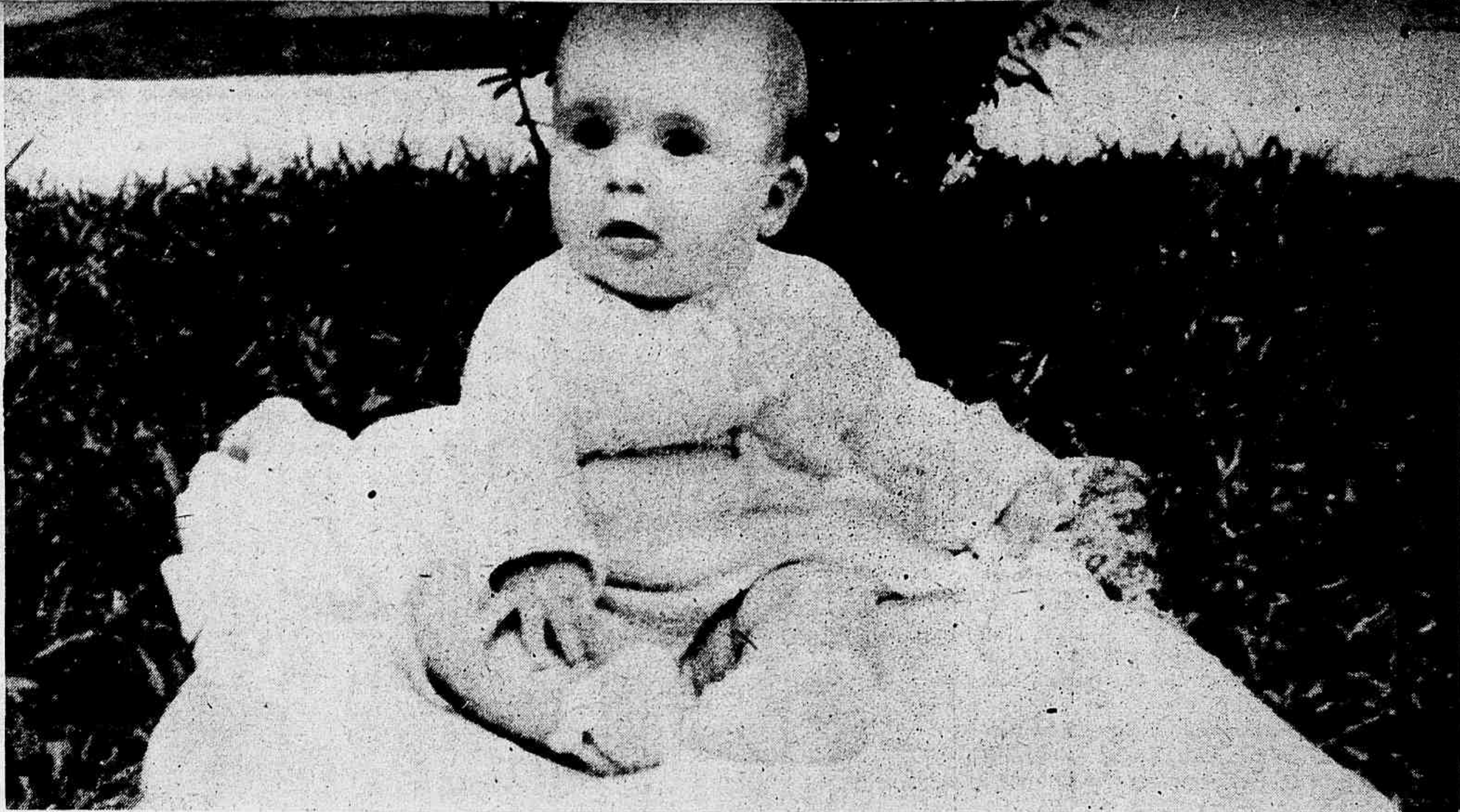
— Dizem que as italianas são muito bonitas. ...

— Tem ciumes do seu marido?

— Qual, nem penso nisto. Posso imaginar como todas aquelas mulheres estão sofrendo, e este pensamento traz-me coragem. Elas me servem de exemplo e estímulo para esperar. O senhor conhece aquele ditado popular: "Mal de muitos..." Pois no mundo inteiro não há centenas de mulheres, de espôsas, de noivas e de mães que esperam a volta de um ente querido? Para mim isto é um consolo. Não lhe posso ne-

Três gerações estão aqui representadas: mãe, filha e neta. Todas três esperam a volta do tenente Newton. Regina Angélica está olhando atentamente para o retrato do "Cadete Papai", apelido que deu ao tenente Newton.





Diomedes Luiz tem apenas cinco meses. Quando o papai voltar ele já estará andando e falando. Naturalmente vai ouvir muitas histórias sobre a guerra, uma guerra que está sendo travada para que ele possa viver num mundo melhor, onde não haja "fuehrers", nem bombas, nem fome e opressão. É para isso que Diomedes Torres, agora simplesmente o sar gento Tórres, está lutando.

gar e o senhor não acreditaria se o fizesse que desejo ter o meu marido junto de mim. Duvido que haja no mundo alguém que pense de modo diferente. Entretanto, sinto-me orgulhosa de que meu marido seja um daqueles que ajudaram a vencer o inimigo do mundo. Ele está arriscando a vida em benefício dos que virão.

D. Odete compreendia bem a situação. Quanto rapaz humilde, simples, deixou a sua família, o seu lar, muitas vezes recém formado, atravessou um mar cheio de perigos, desembarcou em terra estranha, num continente distante já regado pelo sangue moço de milhares de outros heróis para lutar, não propriamente pela sua liberdade, mas por um mundo melhor em que irão viver seus filhos e netos. E toda esta gente não vai à cata de honrarias, de glórias, de renome ou de imortalidade. Eles tem o ideal sincero da gente simples e desprendida.

O caso de Antonio Gonçalves é igual a milhares de outros no mundo inteiro, quer se chame John e tenha nascido em Ohio, quer se chame Antonio e tenha nascido em Mato Grosso.

Muitos casamentos foram antecipados como o de Antonio. E cada um desses soldados deixou na sua terra distante um lar formado.

Não foi apenas Antonio que interrompeu a lua de mel, trocando-a pela guerra. No caso em questão a lua de mel durou apenas dezesseis dias.

Dona Lucia, mãe do expedicionário, conta-nos que se foi aos poucos habituando com a idéia de que seu filho qualquer dia teria de embarcar.

— De vez em quando ele se ausentava dizendo que ia para as manobras e voltaria dentro de alguns dias. Assim era. Assim foi por algum tempo. De cada vez julgava que estava me enganando e ia embarcar. Afinal um dia, partiu e não voltou mais. Eu sabia que ia ser assim...

E realmente é assim em todos os lares.

D. Odete interrompeu o pensamento da sogra:

— Também sabia que ele ia partir. Sabia com esta mesma certeza que tenho da volta. Eles voltarão cheios de glória.



— Aqui é a casa do cabo Waldemar Martins Ribeiro?

— Quem deseja falar com ele?

— Uma senhora e um rapazinho debruçados na janela perguntaram ao mesmo tempo, entre assustados e curiosos.

— Somos da "Revista da Semana" e viemos entrevistá-la sobre o expedicionário Waldemar Ribeiro.

— Eu sou a mãe do expedicionário. Pode entrar.

Conversamos pouco tempo com a boa senhora. Era evidente a sua emoção ao falar no filho, ao mostrar os seus retratos.

— O meu filhinho, o meu rapaz...

— A senhora já recebeu alguma carta?

— Recebi uma.

— Da Itália?

— Da Itália não. O meu filho saiu neste último grupo. Ele escreveu ainda de bordo. O senhor quer ver a carta?

— Nós queríamos ver e o irmão do cabo foi buscar a carta.

Linhas simples, cheias de ternura e despreendimento: "É com grande pesar que escrevo esta carta para informar que estou a bordo".

"Mamãe, peço que não chores, pois isso não ajudaria a minha missão..."

Tôdas as frases são assim. Não há basófias nem promessas.

Entretanto, com a carta na mão, Dona Olga falava quase em monólogo, sem perceber a nossa presença:

— Meu filho sempre quis vencer. Trabalhava numa papelaria.

Ha três anos. Pretendia ser perito contador. Que fará quando voltar da guerra? Como ficará a sua vida? Acho que vai ser tudo tão diferente...

Despedimo-nos de Dona Olga.

— Pelo amor de Deus não perca a minha carta. Nada neste mundo poderia pagar o seu valor para mim.

Até então só entrevistamos famílias de praças: soldados, cabos, sargentos. Gente humilde e simples.

Estiveramos em casas de vila e até mesmo em casa de comodos.

Os endereços foram fornecidos na Legião Brasileira de Assistência onde nos atenderam gentilmente, apesar do afan com que se trabalhava.

Era preciso falar com uma família de Oficial.

Em Capcabana, subimos ao sétimo andar de um arranha céu, residência da família do Tenente Newton Miller Rangel.

Fomos atendidos pela sua senhora, Dona Angélica Miller Rangel.

Explicamos o que nos levava a procurá-la.

Desta vez, felizmente não houve pranto nem sustos.

Apenas uma ligeira oposição quando o olho frio da máquina do nosso fotógrafo apontou irreverentemente para a cadeira em que estava sentada, pronta a nos fazer declarações.

— Não gosto muito de entrevistas, principalmente sobre este assunto. Aliás, não sei se meu marido estará de acordo com isto. Rapidamente porém as dúvidas foram dissipadas. Dona Angélica compreendeu que desejávamos ouvir famílias de expedicionários pertencentes a diversas categorias sociais. Todo o Brasil está lutando: operários, alfaiates, gente pobre e gente rica, pouco instruídos e cultos.

O tenente Newton Miller Rangel sempre teve o ideal da sua carreira.

Em 1938 entrava para o Colégio Militar, onde se distinguiu como bom estudante. Em 1940 saía aspirante e no ano seguinte era promovido a tenente. Tendo inicialmente servido no Rio Grande, transferiu-se depois para o Regimento Sampaio onde organizou e comandou uma seção de morteiros. Trabalhou sempre por uma especialização. Ultimamente estava cursando a Escola Técnica onde seguia o curso de transmissões.

Dona Angélica nos explicou que o tenente Miller não é o primeiro militar na família. Seu avô materno, o Dr. Juvenal Otaviano Miller, foi engenheiro militar, tendo depois chegado a vice-presidente do Rio Grande do Sul no governo de Dr. Carlos Barbosa. Sua carreira política foi brilhante, tendo sido deputado federal e depois estadual, pelo Rio Grande do Sul.

O dr. Otaviano Miller foi um dos fundadores da Escola Politécnica de Porto Alegre e prefeito do Rio Grande.

A sogra do tenente Miller afirma a sua admiração pelo genro. Mãe e filha falam-nos sobre o temperamento do expedicionário, do seu gênio reservado, da sua energia e capacidade de trabalho.

— Servindo no Regimento Sampaio, Newton teve ocasião de permanecer no Brasil. Entretanto, recusou-se a sair do regimento pois fazia questão de embarcar. Nunca procurei dissuadi-lo. É evidente que tenho saudades, muitas saudades, mas não teria feito tal sugestão a um oficial brioso como meu marido, principalmente vendo o seu entusiasmo.

— A família é constituída pelas senhoras? Nenhuma delas teve tempo de responder à nossa pergunta.

A entrada de um lindo anjinho loiro, uma figura de cartão postal, deu-nos a resposta.

As duas senhoras sorriram, percebendo que não era preciso fazer apresentações.

Regina Angélica se incumbiu, sem nenhum embaraço, de apresentar-se na sua meia língua, compreensiva apenas para as pessoas de casa.

Ficámos amigos em pouco tempo. A garota mostra o retrato do pai na parede e mostra:

— “Cadete papai, cadete papai”, puxando-nos a manga do casaco.

Dona Angélica apressa-se a explicar o apelido:

— Regina habituou-se a chamar assim o pai. Não se esquece dele um minuto. Sempre que tocam a campainha ela diz que é o pai.

Não é sempre porém que se conserva alegre olhando o seu retrato.

Muitas vezes chora e não há jeito de fazê-la parar: “quero o papai”.

Ha pouco tempo encontrou na praia um rapaz que se parece muito com o meu marido e não quis deixá-lo. Agora, sempre que o vê, pensa que é o pai.

Infelizmente não havia muito tempo para conversar com Regina Angélica.

Queríamos nos despedir, mas não nos pudemos furtar à gentileza da família, que nos ofe-

recia café e cumulava-nos de delicadesas.

Indicaram-nos o endereço do soldado João, na Praia de Botafogo.

Procurámos a casa e fomos acabar apertando a campainha de um palacete, desconfiados de que nos tivéssemos enganado.

Um senhor com sotaque estrangeirado atendeu-nos.

— Morava aqui o expedicionário João? Não pudemos nem dizer o sobrenome.

— Ele “erra” meu “criado”. A família “morra em Niterrói”.

Bom rapaz o João, bom rapaz. Com licença, “cavalheiro”.

E com um sorriso amável fechou o portão.

O primeiro sargento Diomedes Torres, do primeiro Batalhão de Saúde, está casado há dez anos. Dois filhinhos o esperam: Airton e Diomedes Luiz que tem apenas cinco meses.

Dona Natalina de Andrade Torres, sua senhora, fala com entusiasmo e coragem no marido.

— Newton saiu com o primeiro comboio que levou tropas do Brasil. Por enquanto não recebi cartas dele.

José Mendonça tem 24 anos e seguiu como cabo. Deixou aqui sua noiva, Ondina de Matos Lima. Nós dizemos que ele a deixou aqui, en-



tretanto ambos consideram-se sempre juntinhos. Pelo menos José Mendonça não deixa a Ondina.

Ao alto — Waldemar Martins Ribeiro era apenas guarda-livros antes de estourar a guerra. Atualmente é cabo e está lutando na Itália. Aqui o vemos apertando a mão de um companheiro que lhe deseja felicidades. Em baixo — D. Olga, a progenitora, lê, em companhia de seu filho, uma carta de Waldemar: “Mamãe, peço que não chores, pois não seria feliz na minha missão”.





12

Ela o segue em tôda parte do "front", mesmo nos momentos de maior perigo, no auge do fogo, quando a "cobra está fumando".

Mas não se assustem. Ondina é o nome do Jeep pertencente ao Estado Maior, dirigido pelo cabo José Mendonça. E ele garante que dentro de pouco tempo Ondina estará sendo conduzida por ele pelas ruas de Berlim, se ainda fôr possível encontrar ruas na capital do Nazismo.

Junto com ele, nas ruínas de Berlim, desfilarão muitos outros brasileiros. E os que não conseguem trazer o nome das noivas nos "jeeps", carregam-nos no coração.

Batemos palmas no portão e uma cabeça feminina assomou à janela logo seguida de mais duas.

— Somos da **REVISTA DA SEMANA**. Na Liga Brasileira de Assistência informaram-nos que aqui é a casa de um expedicionário.

— Sim, é verdade.

— Poderíamos entrar para fazer algumas perguntas?

— Aconteceu alguma coisa?

— Nada aconteceu, estamos apenas fazendo uma reportagem. Queremos que nos fale do expedicionário, quando partiu, com que posto foi, se já escreveu para a família.

— Está certo, mas que poderemos dizer sobre isso?

— Se a senhora nos permitisse entrar, não a iríamos incomodar muito tempo. Aqui de fora não poderemos tomar notas.

— Mas não podemos deixá-lo entrar nem falar sobre este assunto.

— Por que?

— O chefe da família não está e ele não

A família de Antônio Gonçalves espera com ânimo forte, sem choros e queixas, que ele volte glorioso da luta na Europa. "Eu queria estar com ele quando entrar na Alemanha", diz-nos o caçula.

gostaria que dêssemos informações à imprensa sem o seu consentimento.

Não era possível ficar do lado de fora gargarejando, enquanto as três criaturas se obstinavam em não nos deixar entrar. O nosso fotógrafo tentou bater uma chapa, mas a fuga pre-

Antônio Gonçalves era alfaiate e nunca pensou em ir à Europa. No seu olhar franco está escrita a determinação com que partiu.



cipitada seguida dos protestos das três criaturas obrigou-nos a bater em retirada, sem nada ter feito.

Este era apenas um dos obstáculos dos muitos que nos apareceram. Era preciso ter paciência pois muitos outros haveriam de surgir.

Não poderíamos percorrer mais casas de expedicionários. Na sua maioria eles moram nos subúrbios, em Niterói, e nem mesmo duas semanas seriam suficientes para conseguirmos mais casos. Não seria possível e não seria necessário. Os poucos casos que divulgamos servem de padrão para os outros.

Os sentimentos humanos são em geral muito parecidos. As reações não podem diferir muito, principalmente sendo o mesmo o fato que as provoca.

Na casa do soldado como na do oficial, na humilde casinha do subúrbio como no luxuoso apartamento de Copacabana ou de Botafogo, ouvíamos as mesmas palavras de estímulo, de conforto ou de resignação.

Todos eles têm a exata compreensão dos seus deveres e do papel que estão desempenhando nesta guerra, que não é apenas a guerra dos soldados, dos oficiais que estão no campo de batalha, mas de toda a humanidade. Não é apenas uma guerra para estabelecer um domínio econômico de determinado grupo, mas uma guerra em que se chocam, em proporções nunca vistas, os ideais da humanidade dividida em dois grupos.

Consciente ou inconscientemente estamos todos direta e imediatamente interessados no desfêcho deste conflito que felizmente já se delineia depois de cinco longos e tenebrosos anos da maior sangreira da história do mundo, onde milhares de jovens de todas as raças, crenças,

em todos os recantos do globo, empunharam armas para defender os princípios sagrados inerentes à natureza humana. Não é possível a ninguém manter-se indiferente ou alheio a este choque. A indiferença seria neste caso um crime.

Atravessamos o período talvez mais decisivo da história do mundo, aquele que durante muito tempo ficará como um marco separando duas épocas.

Se nas guerras anteriores era possível ignorar as razões mais profundas geradoras do conflito, nesta em que estamos tomando parte não é possível ficar à margem dos acontecimentos.

Talvez em nenhuma época da nossa história tivéssemos, todo o povo brasileiro, sentido tão profundamente a importância do papel que estamos desempenhando juntamente com as demais nações.

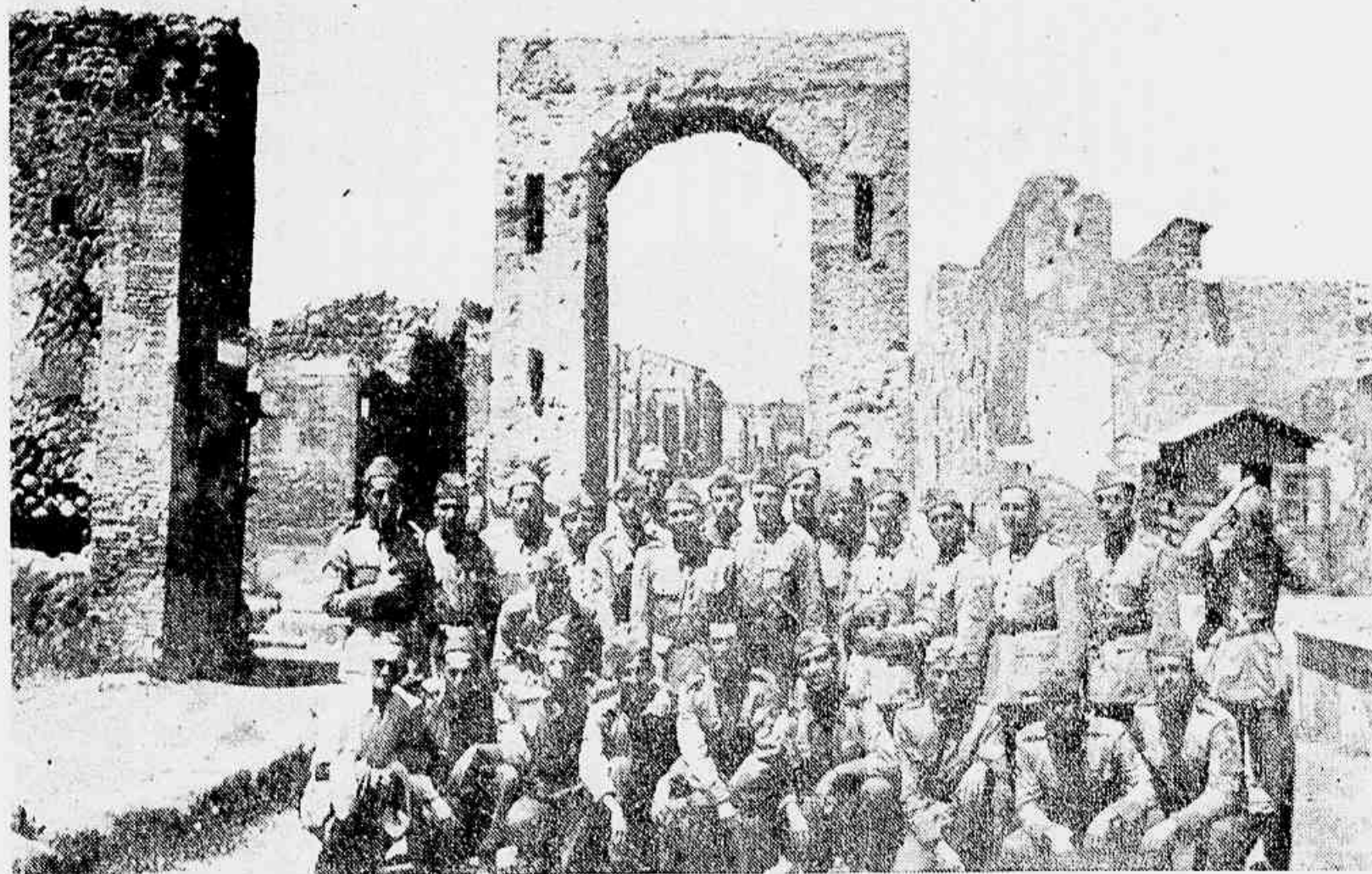
Assumimos desassombradamente o nosso lugar no concerto das Nações Unidas, quando estava ainda muito longe qualquer prenúncio de vitória para as armas dos que combatiam os fascismos diferentemente rotulados mas idênticos na sua essência, nos seus princípios e nas suas finalidades.

Esta rápida "enquete" com algumas famílias de expedicionários é um termômetro da opinião e do estado de espírito de todo o país em

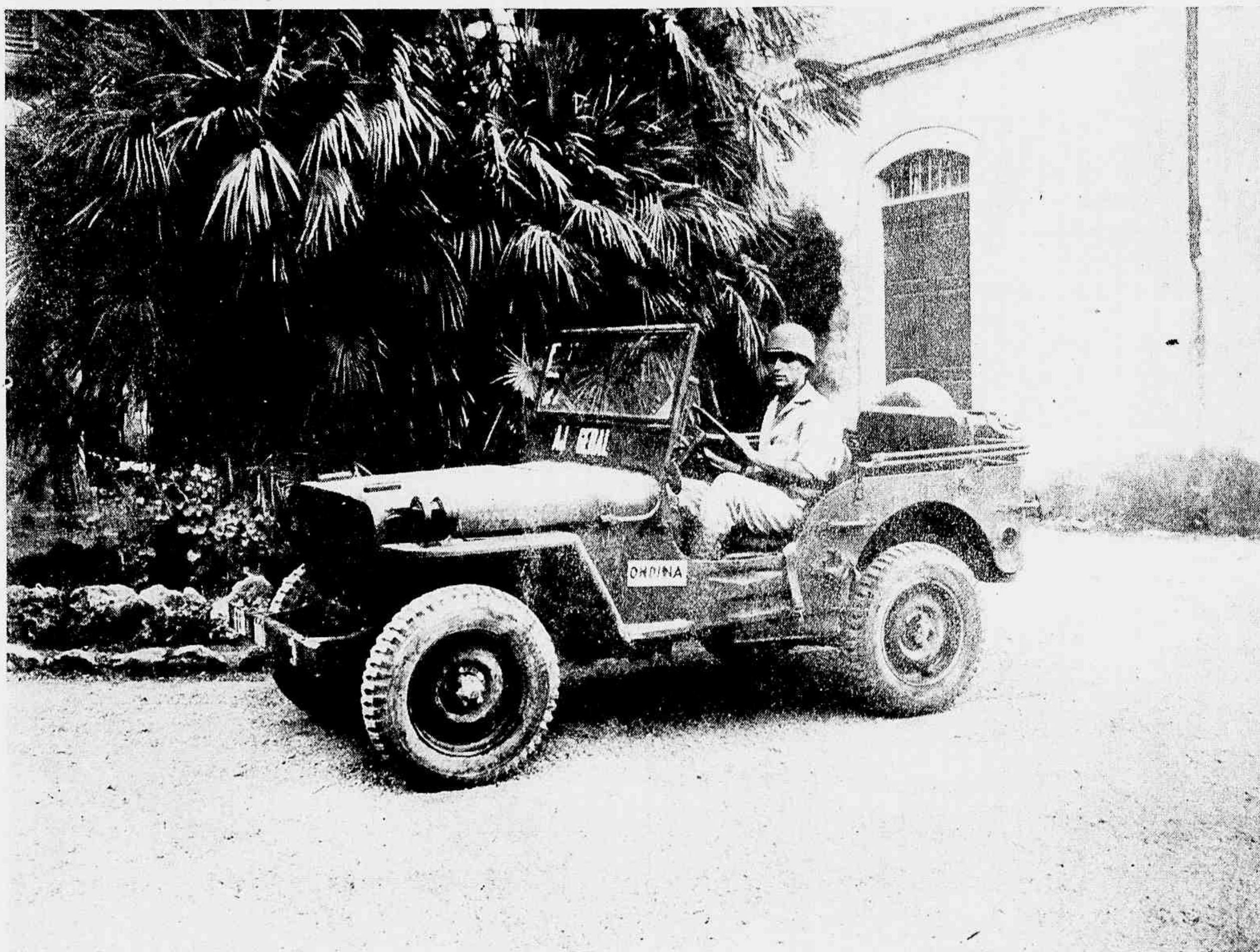
face do conflito em que estamos conscientemente envolvidos, em que todos nós, qualquer que seja a condição social, econômica, cidadãos de ambos os sexos, temos uma determinada missão a cumprir.

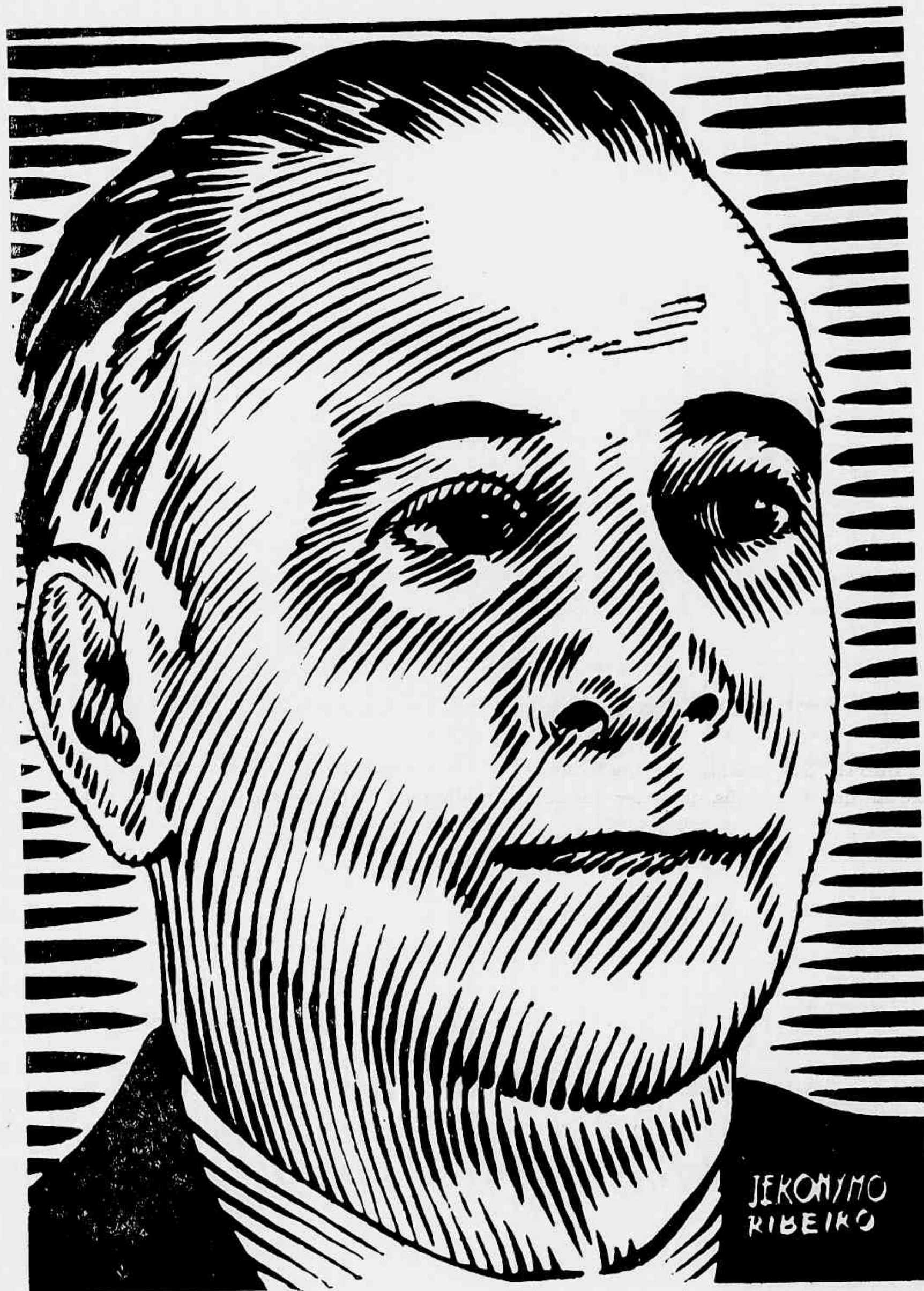
O resultado pode depender do modo como realizemos os menores detalhes dessa tarefa. E nós, que vivemos neste século, teremos contribuído para decidir o momento mais grave e definitivo da história da humanidade.

"Como sempre, ao meu lado o teu nome". No "jeep" de uma alta patente do nosso exército, dirigido por José Mendonça, pode-se ler o nome da sua noiva. Talvez neste mesmo jeep ele passeie um dia pelas ruas de Berlim.



Nas ruínas de Pompéia um grupo de soldados brasileiros aguarda a ordem de avançar. Enquanto isso percorrem as ruínas da velha e histórica cidade. José Mendonça mandou para sua noiva esta fotografia.





portanto, Francisco Serrador estaria incluído entre os nomes mais ilustres da história da cidade do Rio de Janeiro. O conhecido homem de letras, a quem nos referimos, escreve textualmente:

"É preciso também levar em conta as circunstâncias específicas que cercaram a realização da grande obra. Só nós sabemos quanto é difícil, nesta terra, realizar qualquer coisa de vulto. Os homens não acreditam nos homens. Ninguém tem fé. Ninguém confia no futuro. Ninguém crê no milagre do trabalho".

É justamente para contar o milagre do trabalho desse homem, admiravelmente tenaz, que estamos escrevendo. É para mostrar aos outros homens o exemplo de um grande trabalhador, que confiou no futuro, que articulamos os capítulos deste livro. É para revelar que o homem precisa acreditar no homem — que expomos singelamente a vida de Serrador. E, finalmente, para dizer que a fé no destino de uma empresa, de um projeto, de um sonho coerente com a realidade, nunca é abstrata e que, por isso mesmo, só ela estimula, convence e realiza.

Foi confiando no futuro, acreditando nos homens, mantendo dia a dia a crença ardente, a fé inabalável no trabalho construtivo que o criador da Cinelandia colheu, é certo, muitas decepções, sofreu pequeninas e grandes traições da alma humana, mas foi também confiando na sua fé inabalável, sem esmorecimentos e colapsos de consciência, que ele acreditou no milagre do seu trabalho. Exemplo vivo da força de vontade, coração sempre predisposto ao serviço do bem, cérebro atento aos ideais que brotam dos sonhos bons e altruísticos, Serrador com a armadura de aço do seu espírito empreendedor e com a sua alma caldeada na fé — repetimos — chegou um dia a bordo de um navio de terceira classe a esta acolhedora terra do Brasil. Era ainda um menino. Não contava dezesseis anos. Isso se passou em 1887. Há mais de meio século, portanto. Trazia de perneio com os seus projetos maravilhosos (se é que naquele instante tinha ou alimentava projetos...) toda a inquietude do sonho de uma aventura. Vinha-lhe no íntimo a quasi tragédia daqueles que vão tentar a vida noutros países, em outras terras, em outras paragens, sem outras credências que o próprio desejo (difícil aliás de provar) de trabalhar e de progredir. Trabalhando e progredindo facilita o forasteiro a terra por ele eleita inúmeras vantagens, advindas desse mesmo desejo sadio de adiantar-se, de criar uma personagem nova ou, numa palavra, de "ser alguém". Escolheu Serrador, para isso, o Brasil. Essa escolha não foi apenas casual. Não foi tirada pela sorte, como quem joga uma moeda para cima e se decide pela "cara" ou pela "coroa". Não. Quando Serrador pensou no Brasil, o fez conscientemente.

GASTÃO PEREIRA DA SILVA

SERRADOR, O CREADOR DA CINELANDIA

A propósito da inauguração desse imponente hotel que traz o nome de Francisco Serrador e construído no mesmo local, onde, por alguns anos, existiu o cinema Alhambra, é curioso assinalar o aparecimento, quasi simultâneo, de um livro biográfico desse saudoso homem público, de autoria de Gastão Pereira da Silva.

É desse livro o capítulo seguinte.

Viriato Corrêa, falando de Francisco Serrador, colocou-o na mesma galeria de Estácio de Sá, Conde de Lavradio, José Clemente, Pereira Passos, Antonio Prado Junior. E, para mostrar que não ha exageros nas suas palavras, aponta a Cinelandia como uma das mais eloquentes realizações levadas a cabo por um homem para enriquecer o patrimonio da sua cidade. Só por esse feito

UM FLAGRANTE DOS TERRENOS DA CINELANDIA EM 1921 QUANDO ALI EXISTIA O PARQUE CENTENÁRIO, EXPLORADO POR FRANCISCO SERRADOR, ANTES DE INICIAR A CONSTRUÇÃO DOS PRIMEIROS CINEMAS.



OS AUTORES, MAIS UMA VEZ, DESAFIAM A SAGACIDADE DO LEITOR. LEIA COM ATENÇÃO A HISTÓRIA E TENTE DESCOBRIR O CRIMINOSO, ANTES DO DETECTIVE.

QUEM MATOU ALGERNON ASHE?

Os antecedentes só mais tarde foram apurados. Ninguém reparara em Algernon Ashe. Ele não era, de maneira alguma, uma das figuras populares do casino. Disso estavam certos todos os jogadores que frequentavam regularmente as reletas de Monte Carlo. Na verdade, Algernon só mantivera relações, durante a sua estadia, com três famílias. Caso interessante: três famílias que partiram no dia mesmo em que ele foi assassinado e que tiveram que ser procuradas pela polícia para depor.

Mas, de acordo com o que se apurou, tudo começou naquela tarde, perto da releta, quando Maude Marobael viu-se, subitamente, e deu um encontro em Algernon, que estava de pé, atrás dela:

— Algernon!
— Olá Maude!
— Você por aqui?
— É verdade...
— Mas eu pensei que você tivesse ido para a África!
— Fui e voltei.

Maude disferçou um sorriso. O desespero não durara, tanto, afinal de contas. Algernon dissera que ia viver como um eremita, no interior da África, para tentar esquecer o desgosto que lhe dera Myriam de Ruyter, casando-se com um industrial holandês.

— Você já esqueceu?

Ela sabia que a pergunta era mais do que indiscreta. E ainda mais: viu, logo, que ele não gostara. Além da irritação natural de ser surpreendido gozando a vida, quando queria que pensassem que estava curtindo um desespero eterno, nas profundezas das selvas africanas, Maude, com a sua eterna insolência, vinha avivar ainda mais a contrariedade, fazendo aquela pergunta que não se justificava.

— Se eu esqueci?
— Sim. Os belos olhos de Myriam ainda perturbam os seus sonhos à noite?
— Confesso-lhe que estou curado.
— Tanto melhor. Felicito-o, meu querido amigo.
— E eu lhe agradeço. Não vai jogar?
— Não. Já vou saindo. Não se prenda por minha causa. Ver-nos-emos um desses dias. Você está no hotel Maurice?
— Sim.

— O'timo. Procure-o em uma dessas tardes para conversarmos. Também estou hospedada lá, mas ainda não o tinha visto. Mas compreende-se. Aquele hotel é um mundo! Bem, até à vista Algernon!

— Até à vista, Maude.

Caminhando em direção à porta, Maude refletia. Perguntava a si mesma por que sempre tinha tentações de ser rude para com Algernon e qual o motivo por que seus "freios sociais", como costumava dizer, não a ajudavam a manter a correção.

Distribuindo cumprimentos a conhecidos que a saudavam, ela seguiu sem parar, rumo ao hotel. Precisava, urgentemente, de um banho quente. Sim. Um banho quente para fazer passar aquele mal-estar, para acalmar-lhe os nervos excitados.

Dentro d'água, já mais calma, Maude lembrava-se do passado. Uma dor fina a perturbava, dava-lhe vontade de chorar. Mas as lágrimas não vinham! Algernon! Lembrava-se da primeira vez que o viu, belo, muito louro, com olhos azuis.

— Srta. Maude Rhonda... Sr. Algernon Ashe...

Ao aceder de pronunciar o "Muito prazer" já estava apaixonada. Quando estava perto dele, não sabia o que dizer. Sentia-se no ar, meio louca, dizia os maiores disparates. Discutiam muito

frequentemente. Era sempre assim. Mais tarde, depois dos encontros, quando ela tinha tempo para pensar, reparava que não fora amável, não fora agradável, não tentara interessar-se pelos assuntos que ele discutia. Discordara dele. Tratara-o com impolidez. Sentia-se embaraçada na sua presença e fazia os maiores desatinos para ocultar o embaraço. Ficava "atirada", como dizia o pai. O pai sabia de tudo. Mas nada dizia. Esperava. Não queria se opor abertamente à paixão de Maude pois sabia bem que isso despertaria tão somente uma

lendo o diário dela. Recordava as grosserias que dissera ao pobre velho. "Amar doi!" escrevera. E aquilo só ela cu Algernon poderiam ler! Frequentemente punha-se a imaginar-se com Algernon conversando... Porque é tão difícil a gente exprimir o carinho que sente? Por que sempre que se quer dizer como se ama alguém, sai tudo trocado, tudo às avessas?

Lembrava-se do dia em que confessara a Algernon o seu amor. Estavam passeando de barco e ele, remando, machucara um dedo. Ela imediatamente cor-

nos é indiferente, é muito desagradável ver uma mulher chorando, implorando carinho.

— Bobagem, Maude. Você pensa que gosta mas não gosta. Um dia aparece um camarada alinhado aí, apaixonado por você e, depois, você se arrepende. Ele deu uma risada meio sem graça.

Ela protestou!

— Não! Não! Eu gosto de você! Eu quero é você!

Mas, de repente, pela expressão do rosto dele, viu que o que ele dizia era um meio delicado de se desembaraçar



reação brutal. Era mais prudente ficar calado. Ela não se casaria com Algernon. E tanto melhor. Não era marido para uma moça como Maude. Algernon era conhecido em Londres. Levava uma vida de boêmio. Mas o pai de Maude não se inquietava. Sabia bem que a filha não conquistaria o boêmio. Este não quereria casar...

Maude, no seu banho, lembrava o passado. Algernon... O pai... Lembrava-se ainda daquela noite em que voltara do teatro, onde fora com Algernon, e encontrara o pai, no seu quarto,

para socorrê-lo. Amarrara seu lenço de seda no dedo dele. A mão era grande e magra. Dedos longos. Musculosos. Maude não pôde se conter. Encoitou o rosto na mão de Algernon e beijou-a. O rapaz, meio embaraçado, dissera:

— Que é isso, Maude?

E ela, com toda a ternura que uma mulher pode por na voz:

— Eu gosto tanto de você...

Ele sorria meio lisongeador, meio embaraçado. Mais embaraçado do que lisongeador, porque se é agradável saber-se que se é amado por alguém que

dela. Viu que não querendo o seu amor, ele representava a comédia convencional. Dizer-se indigno.

Desde aquele dia, nunca mais voltara a passar com ele. Encontravam-se em festas em uniões e ele era sempre o mesmo. Polido, amável, mas indiferente, desesperadamente indiferente! Desde então adotara aquela atitude agressiva que tanto o surpreendera a princípio. Depois, como ela se obstinasse em ser desagradável (para ocultar sua

(CONTINUA NA PÁGINA 36)

Adaptação de uma novela de
LASSITER WREN e RANDLE MAC KAY

HENRIQUE JOSE' DA SILVA

"HONRA ELMANO O PINCEL, E O PLECTRO HENRINO
COMPETE AOS VATES DOUS, AOS DOUS PINTORES
CORRER NA ETERNIDADE IGUAL DESTINO"

Versos de Bocage, inseridos no seu mais fiel retrato por Henrique José da Silva (Henrino). O poeta, ao louvar, enganou-se. Na eternidade, que é memória humana, o vate correu e corre mais que o pintor.

Dizem Henrino nascido na Lisboa de 1772, dizem-o discípulo de Pedro Alexandrino, o colorista. Certo Henrino viveu e morreu no Brasil onde Bento Targini, visconde de São Lourenço, incumbiu Henrino de ilustrar esmerada edição duma obra de Pope, o *Ensaio Sobre o Homem*. Dificil ensaio...

Henrino estava tolhido de viver só de pintura no Rio de Janeiro. Casado, com doze filhos, tinha de arranjar-lhes pão, algum assegurado por Targini ao obter para Henrino o lugar de professor na Escola Real das Belas Artes planejada por D. João VI.

Contava a Escola, em maioria de docentes, os membros da Missão Artística Francesa de 1816. Henrino presidiu-os como diretor da Escola, ainda pelo dedo de Targini. A nomeação foi recebida de má sombra, ressentidos sobretudo Debret e Grandjean. Na mesa dos deuses rolou o pomo da discórdia, então não ha de rolar fóra da mesa dos mortais... Sem dissídios, para muitos, a vida não tem gosto, nem graça.

Com família sobrecarregante, Henrino procurou trabalho fóra da Academia. Montou oficina, esperou encomendas de retratos. De varias ha provas entre elas o retrato do senador Rodrigues de Carvalho, quadro hoje em museu do Estado. Na oficina, como cha nariz, lá estava o retrato de Bocage. Nele o poeta vestia casaca azul, colete desabotoado, calças côr de canela, manta vermelha ao pescoço, enrolada em duas voltas, sem vista de colarinho. Indumentaria policromica, pre-futurista.

A 29 de Outubro de 1834 morria Henrino. A ele, pobre, deram sepultura no convento de Santo Antonio dos Ricos, à Carioca.

Pouco depois, à mingua de meios, a viuva de Henrino, D. Eufasia Maria da Silva, vinha à Academia pedir que lhe comprasse os desenhos do marido em cujo espólio arrolado o retrato de Bocage. Coube a filho de Henrino e depois a duas netas dele, nascidas no Brasil.

A avaliação do retrato de Bocage foi baixa, dez mil reis, avaliação talvez para diminuir ganhas fiscais.

As netas de Henrino deram o retrato a advogado funcionando em inventario, o dr. Joaquim José Teixeira. Informou-nos Conde de Bobone, ora falecido, achar-se o retrato de Bocage em seu poder, em Portugal, aí apreciado o quadro do artista cujo assentamento mortuario um conventual franciscano assim curiosamente lançou em Outubro de 1834:

Quadros do Claustro
Sepultura 14
Henrique José da S^a retratista

SIMPLICIO DE SÁ

Apontam a Simplicio Rodrigues de Sá berço em Lisboa. Quando? A biografia de Simplicio reduz-se a linhas, é fálhissima como a de tantos e tantos, mal de muitos em desconsolo de quem quer saber certo.

Transmigrado para o Brasil. Simplicio, em 1831, professor da Academia das Belas Artes, discutia-lhe o regimento interno. Do debate participavam Grandjean de Montigny, Felix Emilio Taunay, João Joaquim Allão, Ovide e os irmãos Ferrez, Marcos e Zeferino, o selcto grupo representando artes plasticas co-irmans.

Quatro anos depois, Simplicio lecionava desenho a D. Pedro II menor. Sériamente enfermo, vio-se privado de vencimentos no Paço. Acudio-lhe Felix Emilio Taunay propondo-se a substituir o colega impossibilitado de trabalhar, Taunay então professor de francês do menino imperial. Para valer a Simplicio tomou a seu cargo as lições de desenho de D. Pedro II, com a condição de serem pagos a Simplicio os vencimentos que lhe caberiam se em exercicio. Assim o exarou decreto de nomeação interina de Taunay, homem sem fortuna, rico de altruismo.

Simplicio não se restabeleceu, de ultimo dia a 9 de Março de 1839. Teve funeral distinto e concorrido. A sepultura, na igreja do Sacramento, levou-o um coche da Casa Imperial. Professores da Academia carregaram-lhe o esquife do coche à porta do templo. Até a eça o levaram irmãos do Sacramento, dos quais Simplicio irmão ou à irmandade tendo prestado serviços.

Taunay e Porto Alegre despediram-se de Simplicio em nome da Academia, Porto Alegre espargindo flores sobre a caixa funeraria.

Todas estas homenagens algo significam.

Na redusida obra de Simplicio de Sá uma tcla avulta. E' de primazia, ocupa uma parede de alto a baixo. Comemora visita de D. Pedro I e D. Leopoldina à Casa dos Expostos, ambos muito dedicados à infancia desvalida.

O quadro traz inscriçao explicativa, esta:

*Dos Paes Communs Piedade, Amor, Grandeza
O Insulto Vingão Feito A' Natureza.*

Que versos expressivos! Quanto em poucas palavras dizem!

No quadro esmerou-se Simplicio. As figuras de D. Pedro e D. Leopoldina, na avantajada tcla, são de extraordinario relevo e parecença, a indumentaria das pessoas imperiais merecendo exame como lição do vestir da epoca.

A obra de Simplicio é animada por varias figuras dignas de atençao, tambem esta a voltar-se para os acesorios da tcla.

Autentica-a uma declaração posta sobre pequena taboa de madeira doirada:

"Este quadro he pintado por Simplicio de Sá, pintor da Camara de Sua Magestade Imperial em 1826 e collocado no mesmo anno sendo Administradores Emiliano Faustino Lins, Bernardo Monteiro Guimarães e Francisco José Dias."

CORTE REAL

Desejar conhecer a vida de certos pintores nossos é encontrar-se em aridez. De muitos pouco se sabe. Faltam dados de confiança, sobram duvidas e repetições. O que disse um primeiro, por outros depois, nos mesmos termos, é reproduzido à saciedade.

Que se conhece, por exemplo, da vida toda de Manoel Joaquim de Mello Corte-Real, pintor nosso, de carreira artistica no decurso da Regencia e de parte do Segundo Reinado?

Aluno da Academia Imperial das Belas Artes. Nela professor por concurso. Falecido a 5 de Setembro de 1848. Biograficamente está dito. Quem quer perguntar mais tem de ficar mudo.

Que fazer? Contentar-se com um pouquinho da vida professoral de Corte Real na Academia. Iniciou-a em 1837 quando Marcos Ferrez passava de substituto a professor efetivo de escultura, Corte Real e José Correia de Lima nomeados substitutos, o primeiro da classe de desenho e o segundo de pintura historica.

De 1837 a 1848 participou Corte Real do ensino e dos destinos da Academia dirigida por Felix Emilio Taunay, este com Grandjean e os Ferrez um dos remanescentes da Missão Artística de 1816.

Para Corte Real escoou-se um decenio de vida na Academia, de séde na pequenina, estreita e pouco frequentada travessa das Belas Artes. Para alcançal-a e vir dar aulas na Academia não devia Corte Real caminhar muito. Morava ao Campo de Santa Ana, a proximidade do Campo e da travessa das Belas Artes de vantagem não somenos no tempo. Aos habitantes do Rio faleciam meios de transporte, o pedestrianismo lei de uso diario e obrigatório.

Na diretoria das Belas Artes, Felix Emilio Taunay tomou duas medidas incentivadoras, a creação do premio de viagem à Italia, conferido a Rafael Mendes de Carvalho, e a transformação das exposições particulares da Academia em outras de carater geral.

Por exposição de trabalhos os professores da Academia eram premiados honorificamente com habitos de Cristo ou da Rosa. Habitos de Cristo tinham-os Grandjean, Taunay, Corte Real, Correia de Lima; de habitos da Rosa senhores Augusto Muller,

ESCRAGNOLLE DORIA PINTURA E PINTORES

Zeferino Ferrez e Porto Alegre, este tambem cavaleiro de Cristo, Gradjean oficial da Rosa.

Não sobreviveo muito Corte Real à exposiçao do quadro seu, de boa proporçao e de tema haurido na historia colonial nossa, quadro intitulado *Nobrega e Seus Companheiros*, tcla que a Pinacoteca da Academia recolheu logo.

Corte Real ensinou mais que produziu. Assim teve muito mais ensejo de lisongear-se com a estimaçao de discipulos do que de azedar-se com os bótes da inveja ou os tiros da critica.

CORREIA DE LIMA

Os dados biograficos de José Correia de Lima são escassos, quantos se conhecem entrelaçam-se nas mesmas repetições. Dizem-no estas carioca, nascido em 1814, falecido em 1857, aluno calouro da Academia Imperial das Belas Artes em 1827, professor substituto e efetivo da mesma Academia.

Para o corpo docente da Academia entrou Correia de Lima em 1837 como substituto da classe de pintura historica, tendo por companheiro de nomeaçao Manoel Joaquim de Mello Corte Real.

A documentavel data natalicia de Correia está certa, o seu nascimento no Rio de Janeiro tambem; acrescenta-se ele filho de Damasceno Correia de Lima. O ano da nomeaçao de Correia de Lima substituto de pintura historica é realmente 1837.

Dado como falecido em 1857, Correia de Lima preencheu vinte anos de magisterio oficial. Quem aconselha a trabalhar deve abrir o exemplo do trabalho. Correia Lima o fez concorrendo às exposições gerais da Academia.

Na exposiçao de 1840 o publico entendido e os simples visitantes apreciaram dous retratos de pessoas bem de nivel social diverso, Villela Barbosa, primeiro Marquês de Paranaguá, e João Caetano no papel de Otelo, ambos os retratos mostrando em Correia de Lima o cultivo do genero.

Foi Correia de Lima tambem expositor da *Magnanimidade de Vieira*, tcla representando João Fernandes Vieira ao ordenar a queima de canaviaes seus, destruindo-os para não serem presa de invasores holandeses.

Do pincel do artista carioca, e não mineiro, como já lemos, são dous quadros do genero retrato, um de dimensões maiores (2.38x1.75), o outro mais reduzido (0.92x0.76).

O primeiro quadro representa Francisco Manoel da Silva, autor do Hino Nacional, em companhia de duas enteadas, esposas do conselheiro Andrade Pertence, o lente de medicina, e do visconde de Ourem, o diplomata. Os retratados formam grupo musical, o padrao e as enteadas cultores de orchestra, piano e canto.

Correia de Lima retratou pessoa humilde, mas meritoria, deixando-nos os traços do marinheiro Simão, carvoeiro do vapor *Pernambuco*, naufragado em Santa Catarina em aguas da Laguna, o abnegado marujo tendo salvo tres vidas.

Correia de Lima, mestre de Vitor Meirelles, tambem de Lima, pintou quadro menos exposto e pois menos apreciado. Representa D. Maria de Souza, a historica senhora pernambucana, no ato de mandar à guerra um filho de 14 anos e outro de 12. Para representação das figuras juvenis dos Souzas um grande amigo de Correia Lima, Felix Emilio Taunay, consentio que posassem um seu filho e uma sua filha, com indumentaria consoante à epoca.

D. Pedro estimava muito, e adquirira, o quadro de Correia Lima. Ornava a tcla salão do palacio de São Cristovão, constando achar-se hoje no Castelo d'Eu, solar dos Orléans em França.



FRANCISCO MANOEL E SUAS ENTEADAS (Quadro de Correia de Lima)

A CESAR O QUE É DE CESAR

Desvendou-se em terras de Santa Cruz o segredo da datilografia.

Quando me foi dado o prazer de ingressar no quadro de profissionais de um renomado matutino, logo fui apresentado ao seu redator-chefe, nome que já era de meu sobejo conhecimento, através seus antigos caus-ticantes. Durante a rápida palestra que mantivemos, o meu novo chefe, após relance de olhos, parecendo pesquisar, safu-se com esta perturbadora inter-rogação:

— Você escreve á máquina?

E eu, depois de ligeira hesitação:

— Muito pouco.

— Pois então, acrescentou, trate de aprender o mais rapidamente possível. Neste jornal todos escrevem á máquina. O sistema de trabalhar em mesas de redação, com lapis, caneta, tinteiro, mata-boirão, pertence ao século passado. Hoje, na época do rádio, da televisão, da velocidade, não se compreende jornalistas com idéias retrógradas.

Houve uma pausa. A seguir, como que percebendo o meu embaraço, rematou num tom fraternal:

— Estou falando para o seu próprio benefício. Daqui a pouco tempo, quando você estiver escrevendo á máquina, verá que o serviço é executado com mais rapidez, tornando-se até, mais agradável aos olhos e aos sentidos.

Aquele homem de jornal, cujo cabelo embranquecera ás mezas da redação e que subira, um degráu após outro, a escada hierárquica da imprensa, tinha razão. O conselho foi-me bem proveitoso. Sim, porque a máquina de escrever tem-me prestado valioso serviço. A mim somente? Não. A toda a humanidade. E é por isso que agora desejo render homenagem ao seu inventor, lembrando, em poucas linhas, a personalidade do inteligente, modesto e quasi esquecido brasileiro — padre Francisco João de Azevedo.

Muito se tem dito e escrito sobre o assunto. Entretanto, a meu ver, parece de bom alvitre recordar os feitos de um patriótico que durante toda a longa existência dedicou o seu tempo em favor dos semelhantes. E o assunto torna-se sempre oportuno sabendo-se que há tempos houve controvérsia a respeito da primazia da invenção da máquina datilográfica, aparecendo como supostos autores os nomes de Pelegrino Turri, José Ravizza, William A. Burt, Oliver T. Eddy, J. B. Fairbanks, Huesm Wherstone, Jones Samuel Francis, J. H. Cooper, João Pratt, Sholes e outros que tiveram idénticas idéias á do padre Azevedo. Mas, segundo as pesquisas documentárias publicadas num livro em 1934, o sr. Ataliba Nogueira provou ter sido o brasileiro, a quem ora faço referência, o precursor desse engenhoso e delicado maquinismo do qual, neste momento, me estou aproveitando para ocupar um espaço neste semanário ilustrado.

O pai do meu biografado faleceu quando ele era adolescente, deixando viúva pobre e filhos pequeninos para criar. Apesar das dificuldades oriundas da ausência de meios, o jovem Francisco prosseguiu estudando com inquebrantável força de vontade. Dada a sua inteligência e levado em conta o seu amor aos livros, alguns amigos seus e de sua família conseguiram-lhe, por intermédio do bispo de Olinda, matrícula no Seminário de Olinda, em Pernambuco, onde ele terminou o curso e recebeu as ordens do presbítero, no dia 18 de Dezembro de 1838. Durante seus estudos no Seminário, teve como contemporâneos colegas que, mais tarde, alcançaram nomeada nas letras, na política, no magistério, no jornalismo, tais como: visconde de Souza Franco, visconde de Sinimbu, José Thomaz Nabuco de Araújo, Joaquim Saldanha Maranhão, Joaquim Francisco de Farias, Nascimento Feitosa, Teixeira de Freitas, J. A. Maurício Wanderley (barão de Cotegipe), Zacarias de Góis Vasconcelos e Cândido Mendes de Almeida.

Dessa época em diante principiou a exercer suas atividades de sacerdote,

de mestre de matemática, envergando até blusa de operário, funções que desempenhava com gosto e eficiência, apesar de dispares. Muito trabalhou em prol do desenvolvimento do ensino profissional de Recife, sendo acatadíssimo, principalmente na Sociedade dos Artistas Mecânicos Liberais onde lecionava Geometria e Desenho Linear. Estudava sempre, procurando desenvolver seus vastos conhecimentos culturais. Estudava e ensinava em cursos noturnos, e, ainda, graciosamente, aos que não podiam remunerá-lo.

Devido ao natural pendor pelas artes gráficas, frequentava assiduamente o Arsenal de Guerra de Pernambuco, para o qual foi nomeado, pestericamente, professor de Geometria, por decreto imperial de 14 de Março de 1863. No dia 4 de Abril de 1868, foi nomeado professor da cadeira de Aritmética e Geometria do Colégio das Artes, curso anexo á Faculdade de Direito, sendo afecção de magistério (já era de sacerdote) dos padres Jeronimo Thomé da Silva e Joaquim Arcoverde de Albuquerque, os quais, como se sabe, morreram, respectivamente, como arcebispo-primaz da Bahia e cardeal-arcebispo desta capital.

O padre Azevedo, todo o tempo de que podia dispor, perraneava nas oficinas do Arsenal de Guerra, onde não era apenas um professor, mas um autêntico operário, trabalhador, empreendedor e ativo. Assim se dedicava horas a fio, á realização de vários inventos, alguns deles notáveis, outros inacabados, e ainda outros esboçados por sua magnífica inteligência, poucos dos quais, infelizmente, chegaram ao conhecimento geral. Houve época

em que dois inventos o preocuparam: um veículo para o mar e outro para a terra. O primeiro, acionado pela força motriz das ondas; o segundo, pelas correntes aéreas, sem qualquer motor. Estes inventos, por exemplo, se perderam, ignorando-se a causa do desaparecimento de seus croquis. Há sobre o assunto, leves e incompletas referências grafadas pelo próprio autor.

Mas voltemos, agora, á razão essencial destas linhas. A máquina de escrever do padre Francisco João de Azevedo foi apresentada ao público durante a exposição realizada em Pernambuco, que foi inaugurada, perante altas autoridades do país, com grande pompa, no dia 16 de Novembro de 1861. Essa exposição alcançou brilhante êxito e teve a duração de sete dias, sendo visitada por 12.356 pessoas, devendo constituir, á época, um verdadeiro "record" de frequência. Do catálogo oficial de expositores, consta a seguinte anotação:

"Expositor, o padre Francisco João de Azevedo. Número 67. — Uma máquina para escrever. Foi o mais procurado dos objetos da exposição e certamente o mereceu pelo engenho com que está organizada.

Eis aqui a sua descrição: Representa e tem a configuração de uma espécie de piano pequenino, com um teclado contendo quatorze teclas, oito á direita e oito á esquerda (sic). Logo que se comprime uma dessas teclas que representam pequenas alavancas, ergue-se na extremidade dela uma chapa metálica fixa em cima dessas hastes. Uma tira de papel da largura de tres dedos pouco mais ou menos e de comprimento indefinido, passando por um movimento continuo entre esta chapa

e as hastes das letras, é por elas comprimida e recebe a impressão dessas em papel em uma mesma linha horizontal. ora juntas ora apartadas uma das outras, e o decifrador não tem outro trabalho mais do que ajuntar as diferentes silabas para formar as palavras".

Essa mesma máquina também figurou na primeira Exposição Geral do Império do Brasil, aberta em 1861, data natalícia do imperador D. Pedro II, no dia 2 de Dezembro, tendo lugar no edificio da Escola Central, situada no Largo de São Francisco de Paula. A máquina do padre Azevedo despertou enorme interesse das autoridades e do público, recebendo o seu autor medalha de ouro, dada pelo próprio imperador.

Os jornais da época fizeram francos elogios ao invento. Apesar de tudo a máquina não foi industrializada no Brasil, pois os escribas achavam que uma bela caligrafia não poderia ser suplantada por um maquinismo. Embora notassem as vantagens incontestáveis da rapidez, conforto e limpeza do trabalho feito á máquina...

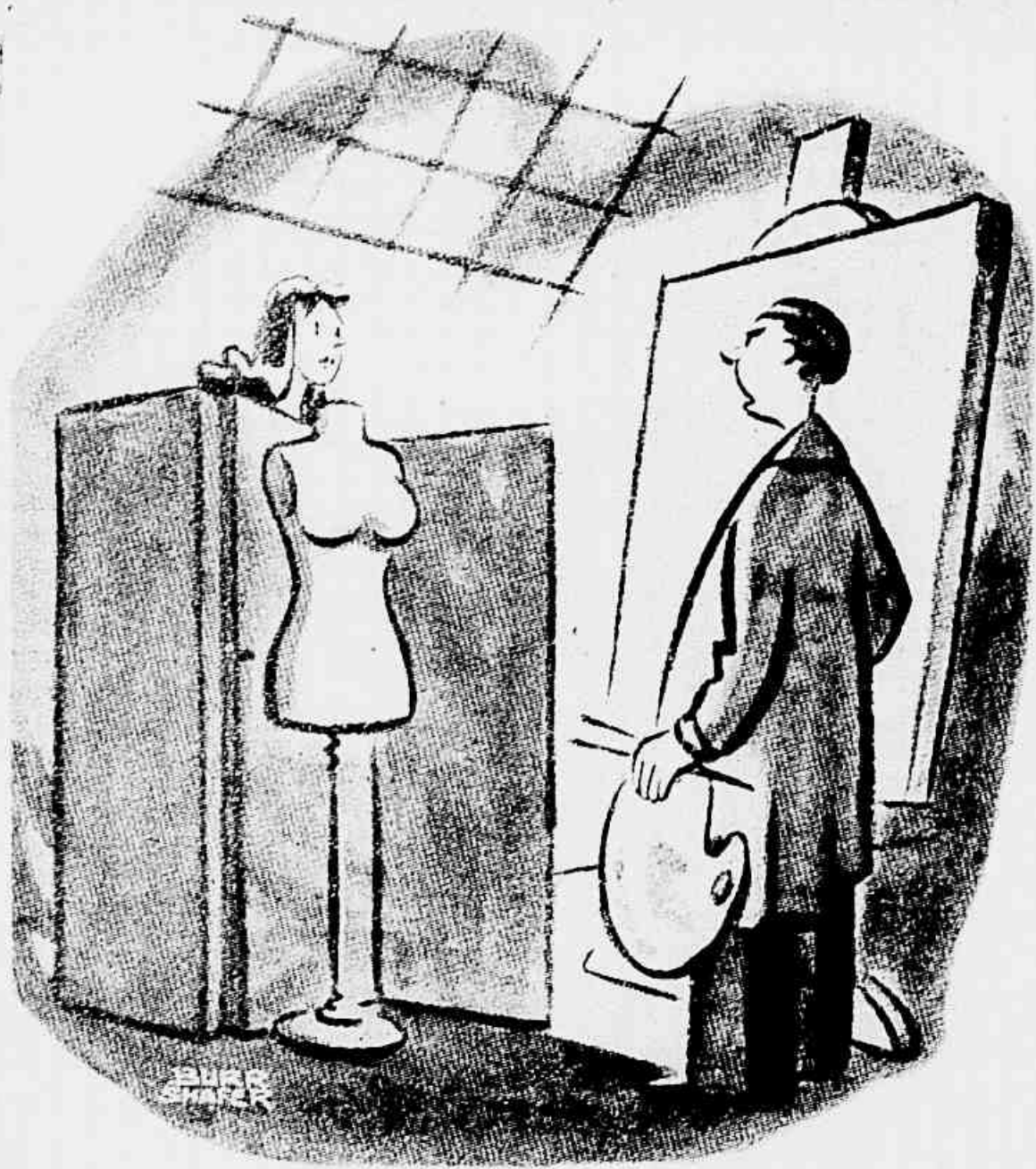
Mas essa maneira de pensar ocorria ha muitos anos, no tempo dos carros puxados por bois e quando o génio dos maquinismos ainda movia os primeiros passos.

O padre Azevedo, percebendo, mais tarde, que suas forças principiavam a faltar, regressou para sua terra natal, na Parahyba do Norte, onde morreu pobre e esquecido, na residência de um amigo dedicado, ás 5 horas da tarde do dia 26 de Julho, uma segunda-feira do ano de 1880, sendo sepultado no cemitério da Boa Sentença.

E pela sua mente, com certeza, nunca passou a idéia de que seu invento — mais tarde inventado por outros! — haveria de chegar, como hoje chegou, a ser esse prodígio universal.

GILBERTO F. PIMENTEL





Recêio, Miss Ruth, que a sua idéia não dê resultado.



O senhor tem direito a pedir outro prato.

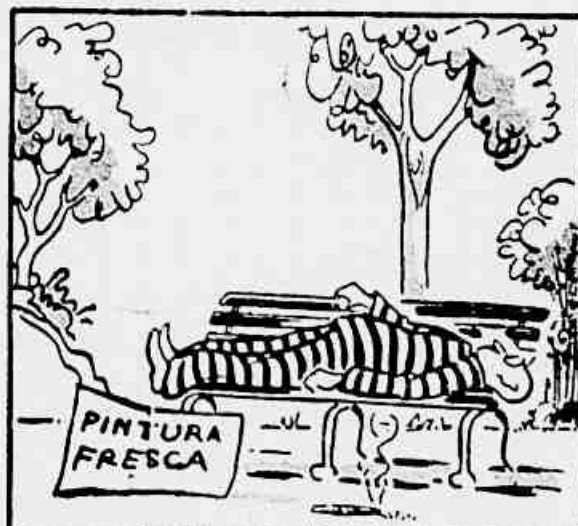


Cabeça! Ganhei eu.



E agora Bing Crosby está entrando em nosso estúdio, em nosso estúdio, em nosso estúdio...

DE BOM HUMOR



Sutilezas...

ORGULHAVA-SE DA SUA SUTILEZA.
POREM ENCONTROU UMA AINDA
MAIS SUTIL DO QUE ELE...

Conto de Marjorie Lawrence

ESSA história gira em torno de um colar. Entretanto, não é propriamente do colar de que se trata. Isto é, o colar tem pouca importância.

Poderia, facilmente, ser substituído por um bracelete ou por uma caneta tinteiro, sem que alterasse o conto. Qual é o interesse principal do relato, perguntarão, nesse caso, os leitores? Pois bem, essa história trata de sutilezas. Sutilezas do gênero daquela da anedota. Lembra-se? Ia um japonês pela rua de sua terra. (Os japoneses são o povo mais mentiroso do mundo!) quando apareceu à sua frente um compatriota. Depois das saudações hipócritas do costume, disse o primeiro: — Onde te levam teus nobres passos, ó luminosa criatura?

Ouvindo isso, seu interlocutor, com ar inocente, retrucou:

— Meus humildes e suíssimos pés me conduzem à real cidade de Kioto, por negócios, segundo ancestral hábito da família a que tenho a honra de pertencer, sendo dos seus membros mais porcos e imbecis.

As fórmulas de polidez dos japoneses obrigam-nos, às vezes, a dizer, involuntariamente, algumas verdades.

Porém, mal dissera o outro seu destino, quando o primeiro, com um sorriso nipônico observou:

— Sem dúvida as leis inapeláveis da dissimulação obrigam-te a conspuir a pureza de lírio de tua boca com uma desculpável falta à verdade. Dizes que segues para Kioto por negócios, pois queres que acredite que vais para Osaka passar uma temporada de repouso que bem mereces, porém sei bem que vais, de fato, para Kioto.

Assim faz-se negócios no Japão. Pois bem, a nossa história é uma aplicação prática dessa regra elementar de desconfiança mútua. Porém o que acontece com dois honrados japoneses, entre nós passa-se tão somente entre membros dessa classe a que chamamos, eufemisticamente, cavalheiros de indústria, Ladrões, em suma.

✱

Ia uma dama bem vestida, com o ar mais inocente deste mundo descendo uma rua, das mais movimentadas de Nova Iorque. Parou finalmente à porta de uma joalheria onde entrou para escolher umas joias. Era, evidentemente, uma dama nervosa, pois durante alguns minutos pôs a loja em polvorosa à procura da joia que lhe agradasse e, depois de muita hesitação, nada comprou.

— Mandarei meu marido apanhá-la, quando decidir.

Os empregados já enxugavam o suor, e davam graças aos céus de estarem livres da importuna, quando deram pela falta de um colar. Era um colar de brilhantes, que estivera sobre o balcão. Desaparecera.

— Para onde foi ela? Para que lado?

A dama desaparecera.

✱

Alguns minutos mais tarde, num local muito afastado da loja certo cavalheiro estava, segundo parecia, muito zangado.

— Roubou-nos!

Uma moça, que estivera até então sentada, levantou-se e disse:

— Não há meio de recuperar a joia, Bill?

— Nenhum?

— Isso significa, então...?

— Falência para mim. Você bem sabe, Mariana, que somente se os negócios corresse bem durante algum tempo poderíamos casar. Agora, com esse roubo...

— Mas você não disse que sabe quem foi que roubou?

— Claro. Sei quem foi que roubou. Mas como prová-lo? Aquela mulher é uma ladra habilíssima. Nunca ninguém a pegou em flagrante.

— Mas ela deve ter consigo o produto de seu roubo!

— Uma vez a polícia revistou a casa dela e nada encontrou. Ela fez um barulho tão grande por causa da busca que a polícia mereceu severa repreensão por ter suscitado um inocente.

— Como é mesmo o nome dela?

— Sophie Truck. Mora num apartamento belíssimo. Luxuosíssimo. Com certeza com o produto de seus roubos.

✱

Dizem que o amor tem muita força. Pode ser que essa frase encerre alguma porção de verdade, porém tenho certeza de uma coisa: o amor dá coragem. Não foi mais do que o seu amor que levou Mariana a enfrentar Sophie.

Eram 4 horas da tarde quando soou a campainha na casa da ladra conhecida e uma criada de cor veio abrir a porta.

— Madame Truck está?

— Quem deseja falar com ela?

— Ela não me conhece. Mariana Brown.

— Um momento. Vou ver se ela a pode receber.

A criada evidentemente estava desconfiada. Não conhecia a visitante e pensava, com certeza, que fosse alguma espia que a polícia tivesse enviado para tentar obter informação contra a patrão. Durante alguns minutos, Mariana teve que esperar, do lado de fora da porta, enquanto cochichos e passos apressados demons-

travam que estavam preparando a casa para recebê-la. Com certeza havia alguma coisa de comprometedor na sala e não queriam que ela visse... Finalmente a porta se entreabriu e a criada, com ar carrancudo, mandou-a entrar. Mariana olhou em torno e ficou surpreendida com o luxo do ambiente. Bill tinha razão. A ladra estava próspera. Não se sabia se aquilo tudo era produto de seu roubo porém, caso fosse, demonstrava que ela devia trabalhar com muito afinco. Uma senhora, morena e baixa, de ar meigo, veio recebê-la.

— Desejava falar com Sophie Truck, disse Mariana.

— Sou eu mesma.

Mariana ficou um momento interdita, sem saber o que dizer. Realmente, era incrível que aquela senhora, de ar tão meigo, maneiras distintas, fosse a ladra temível. Mas, depois, lembrando-se do que lhe dissera Bill, compreendeu que era essa a razão mesma do inexplicável sucesso da outra.

— Madame, eu queria pedir-lhe um favor...

— Um favor?

— Sim, Madame, eu não teria tido a coragem de vir lhe falar se uma pessoa a quem quero muito não estivesse em maus lençóis por... por sua causa...

— Por minha causa? Não compreendo.

— Perdão, madame. Não vou acusa-la, nem pedir-lhe provas de sua culpa. Quero, tão somente, pedir-lhe um favor.

— Confesso que cada vez entendo menos...

— Pois bem, madame, vou explicar. A senhora tem em seu poder um colar... Esse colar, se estiver nas mãos do meu noivo até às sete horas, amanhã de manhã, nos fará felizes. Porém se ele o perder...

— Minha senhora, não sei de colar nenhum e ade- mais...

Mas, de repente, notando que Mariana estava chorando, Sophie disse:

— Gosta dele tanto assim?

— Mais do que tudo neste mundo...

— Pois bem... Amanhã... Às sete horas da manhã, eu parto pelo expresso, para Chicago. Esteja na estação. Eu creio que posso solucionar o seu caso...

✱

Mariana não pôde se conter. Contou ao noivo a boa notícia, apesar da recomendação da ladra para que nada dissesse. Só tarde demais arrependeu-se do que fizera. O noivo, sem consultá-la, avisou a polícia.

— Como pudeste fazer uma coisa destas?

— Por que não? Ela nos roubou...

— Mas prometeu devolver... Foi tão boa comigo...

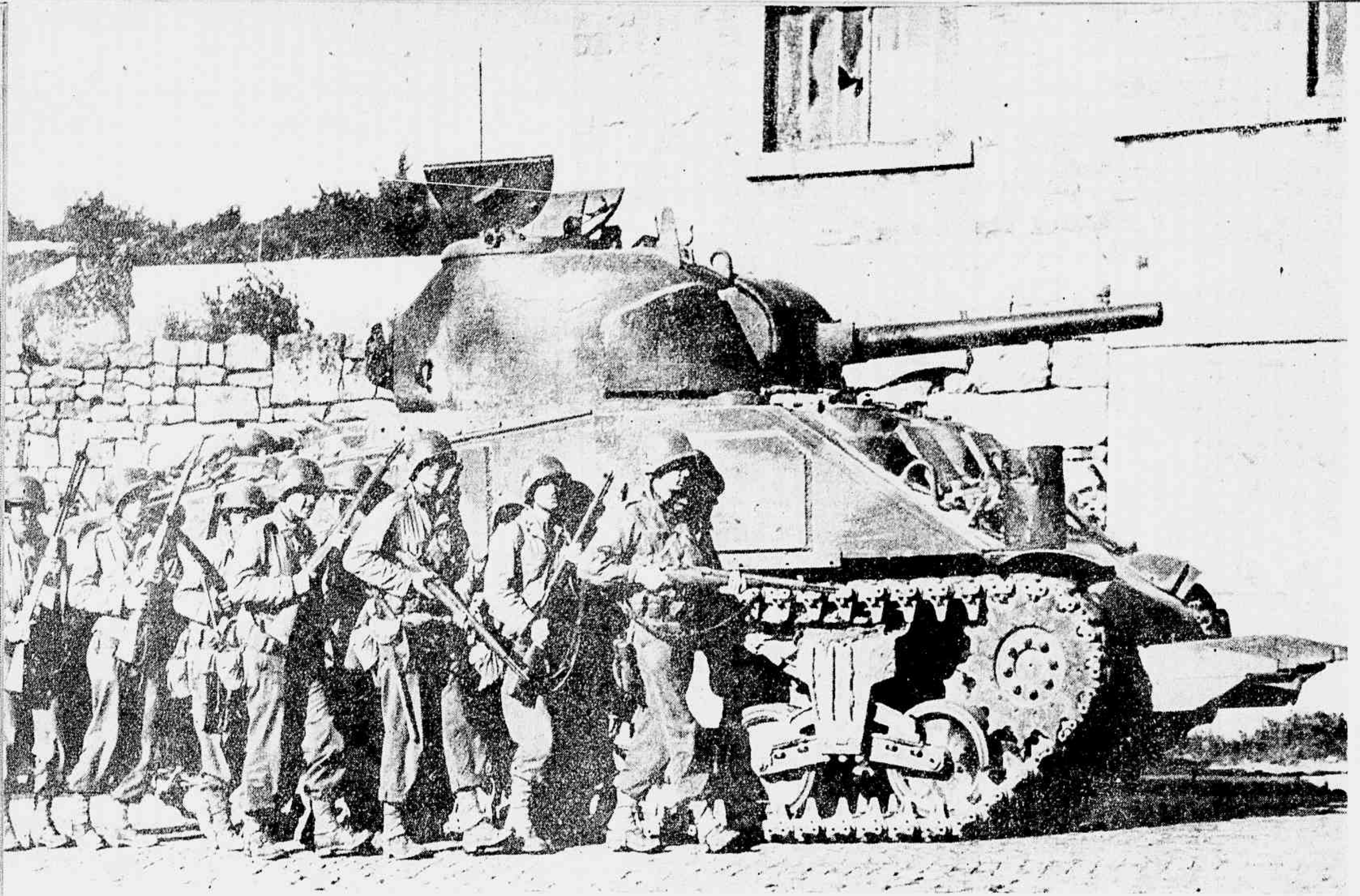
— Ficaste fascinada por essa mulher. Aviso-te de que é uma ladra e das piores...

— Mas...

— É bom ir dormir, que já é tarde.

(Continua na pág. 45)





AVANÇO NA BELGICA — PROTEGIDAS POR UM TANQUE PESADO FORÇAS NORTE-AMERICANAS AVANÇAM PELA RUA PRINCIPAL DE UMA CIDADE BELGA. A TÁTICA NAZISTA DE DEIXAR FRANCO-ATIRADORES ARMADOS DE FUZIS E METRALHADORAS ESCONDIDOS NAS CASAS TORNA NECESSÁRIAS ESSAS PRECAUÇÕES.

DESEMBARQUE NA ILHA MOROTAI — OS FUZILEIROS NAVAIS, ARMADOS COM GRANADAS E FUZIS, CHEGAM À COSTA DA ILHA MOROTAI, DEPOIS DE INTENSO FOGO DOS CANHÕES NAVAIS. COM O DESEMBARQUE EM MOROTAI COMEÇOU A INVASÃO DAS ILHAS HALMAHERA.



A GUERRA EM MARCHA

Quando as operações na Europa se aproximam de um desfecho mais ou menos próximo, dependendo apenas de resistência interna da ex-Grande Alemanha, cujas fronteiras se acham ditadamente ameaçadas em todas as frentes; as atenções do mundo voltam-se subitamente para o outro extremo do mundo, na guerra contra o império japonês.

De fato, muito antes de se manifestarem positivamente os imperialismos europeus, diferentemente rotulados mas idênticos na sua essência e nas suas finalidades, já o Império do Sol Nascente desembarcava as suas tropas de fanáticos sobre as populações indefesas da China, enquanto os "zeto" metralhavam nas ruas das grandes cidades do Celeste Império, as multidões maltrapilhas e espavoridas.

País de paupérrimos recursos econômicos, sem nenhuma preparação militar, sem um exército regular, e até mesmo sem unidade política, a velha China tornou-se fácil presa do militarismo expansionista do Mikado.

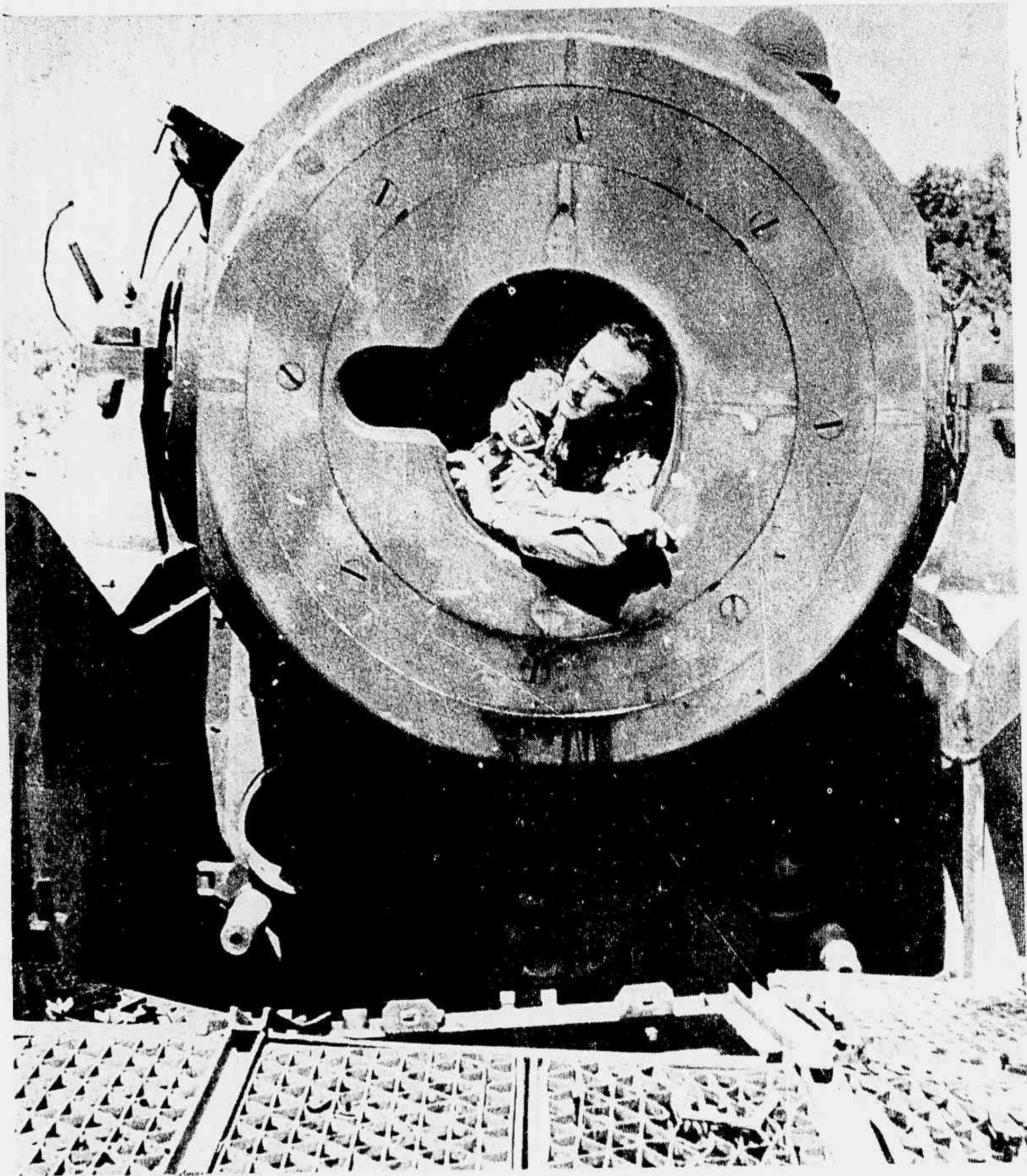
Entretanto, realizou-se o milagre com que não podiam contar estes militares: um pulso de ferro e uma vontade indomável conseguiram implantar a unidade no país, arregimentar tropas, armá-las, do melhor modo possível, começando então uma resistência heróica ao invasor.

A própria noção do perigo exterior alertou um povo de quatrocentos milhões de almas, que se mantinham adormecidas à margem dos progressos da humanidade.

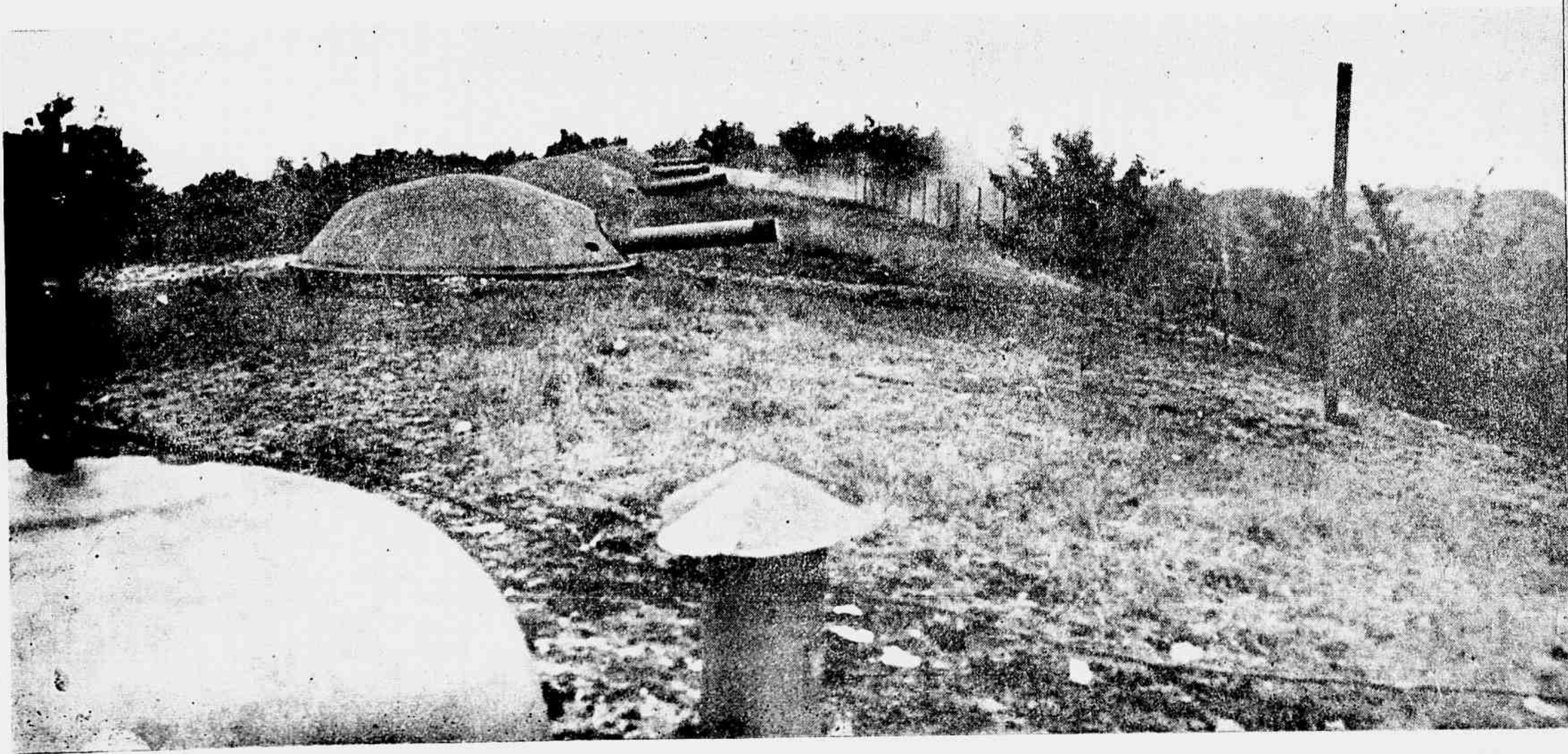
Arrastou-se então, de 1935 até hoje, uma guerra lenta, desigual e cruel.

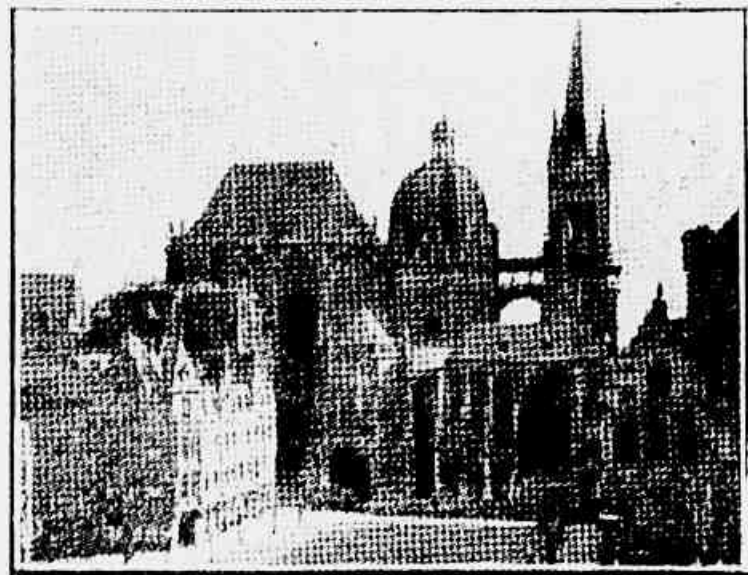
Pearl Harbor marcou a nova fase da guerra no Oriente. A reduzida e antiquada esquadra anglo-americana foi rapidamente varrida do Pacífico. Mas como a Phoenix, das próprias cinzas da velha esquadra nasceu uma nova e poderosa. E do beijo desses navios como do cavalo de Tróia, desceram todos os dias, incessantemente, nas praias da Oceania sob o domínio japonês, uma legião de jovens cheios de ideal que rumam ao coração do atual Império do Sol Nascente.

DIREÇÃO MUDADA — COM A CONQUISTA DE INUMERAS POSIÇÕES DA MAGINOT OS NORTE-AMERICANOS FIZERAM COM QUE OS CANHÕES DAQUELA IMPORTANTE LINHA DE FORTIFICAÇÕES DESSEM UMA VOLTA DE 180 GRAUS E PASSASSEM A ALVEJAR, NOVAMENTE, O TERRITÓRIO DO REICH. A FOTOGRAFIA PROVA QUE EXTENSAS PARTES DA MAGINOT FORAM RECONQUISTADAS INTACTAS E EM CONDIÇÕES DE SER IMEDIATAMENTE USADAS CONTRA O INIMIGO. (Folha da *Inter Americana*).



GIGANTESCO CANHÃO CAPTURADO AOS NAZISTAS — A GRAVURA NOS MOSTRA UM SOLDADO AMERICANO NO SUL DA FRANÇA, QUANDO FAZIA A INVESTIGAÇÃO PESSOAL DE UM CANHÃO FERROVIÁRIO NAZISTA CAPTURADO NO RÁPIDO AVANÇO DAS TROPAS ALIADAS, QUE DOMINARAM RAPIDAMENTE A RESISTÊNCIA NAZISTA NESTA REGIÃO.





A CATEDRAL.

Nas ruas históricas de Aachen, entre ruínas de antiquíssimos monumentos que datam da Idade Média, os moderníssimos exércitos blindados do general Hodges liquidam os remanescentes das tropas de choque SS, a nata do exército alemão.

Ali, numa resistência desesperada e suicida, os orgulhosos "Super-homens" nazistas lutam como feras acanalisadas no seu civil.

Através dos séculos, muitas lutas se desenvolveram nas ruas seculares da cidade de Carlos Magno.

Sua antiga catedral, ostentando os sinais dos mais variados períodos da arquitetura religiosa, talvez a estas horas não mais exista.

Ali, naquele histórico monumento, cuja parte principal é a capela imperial de Carlos Magno, com uma cúpula, formando o corpo do edifício que foi começado no ano de 796, segundo o modelo das igrejas bizantinas e terminado pelo mestre Udo de Merz, sendo consagrado em 805 pelo papa Leão III, tiveram lugar acontecimentos decisivos. Os quadros de mosaico, que cobriam a cúpula, há muito desapareceram. Entretanto, um, representando a "Majestas Domini", com os 24 anciãos do Apocalipse, foi restaurado. O relicário foi construído na Idade Média. O coro é a parte da Igreja que se segue em antiguidade à capela, e se distingue por seus vitrais. Os restos mortais de Carlos Magno desceram desde o ano de 1215 numa preciosa arca de prata que se conserva na catedral. O imperador Otton III está enterrado, também, nesta igreja.

Além da catedral, possui Aquisgrã 11 igrejas das quais quatro foram construídas na Idade Média.

Como tantas outras cidades da Europa, Aachen tem uma parte antiga e outra moderna que é a parte exterior.

Nesta última encontramos grandes edifícios de construção moderna como o cassino, com uma grande sala de concertos, o museu "Supermon", o teatro, o palácio do governador e muitos outros.

Na parte interna a edificação civil mais importante é o edifício da Prefeitura, erigida no século XIV no lugar onde estava o palácio de Carlos Magno, 17 de estilo gótico.

Aquisgrã, Aix-la-Chapelle, Aachen são os nomes da primeira cidade propriamente em território alemão onde entraram os exércitos aliados depois de romper as fortificações da linha Siegfried. O nome latino: Aque Gram ou Aquisgranum deriva do culto que ali se prestava a Apolo Grano, adorado pelos romanos nas termas. A cidade foi fundada no tempo dos romanos. Seu nome data entre tanto da Idade Média. Foi a antiga capital do Império Germanico e na atualidade o é da província renana e do distrito que leva o seu nome. O rei Pepino construiu nela seu palácio, mais tarde reedificado por Carlos Magno que o habitou durante muito tempo, assim como seus sucessores. Em 1176 a vila foi elevada à categoria de cidade e rodeada de um muro. Frederico I e Frederico II concederam-lhe privilégios. Aquisgrã chamou-se cidade livre nos tempos do sacro império romano e desempenhou um papel de destaque na luta da paz pública. No seu recinto foram coronados trinta e dois imperadores e reis da Alemanha. Desde o seu início a Reforma introduziu-se na cidade.

Em 1659 começa a se verificar sua decadência e entra em ruínas as causas que mais concorreram para este fato citam-se

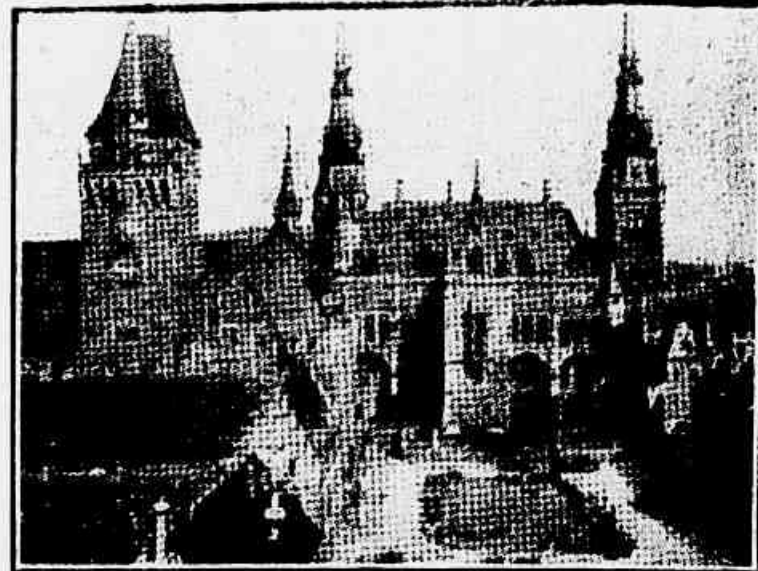
EM RUINAS A CAPITAL DE CARLOS MAGNO



FRONTEIRA ALEMÃ, VENDO-SE ASSINALADA A CIDADE DE AACHEN.

a transferência para Frankfurt das cerimônias da coroação dos imperadores, as lutas religiosas e um grande incêndio que destruiu grande parte de Aachen.

Cidade onde até a invasão viviam perto de 150.000 almas, como todas as outras situadas nesta região da Alemanha tem bastante importância industrial, sendo nela fabricados tecidos, agulhas, manquirias além de vagões para as composições de que tanto necessitam



A PREFEITURA.

atualmente os alemães para as comunicações e abastecimento dos seus derrotados exércitos.

Na parte nova da cidade as chaminés das fábricas vomitam continuamente a sua fumaça negra. Ponto de confluência de inúmeras estradas de ferro, possui uma extensa rede telefônica, o que a torna importantíssimo centro de comunicações. A cidade fumegante e em ruínas, com as suas ruas tintas de sangue, transformada agora num canto do inferno, em tempos normais é muito procurada como estação de curas pelas suas águas minero-medicinais. As águas das suas conhecidas fontes fazem com que os turistas afluam para ali tanto no inverno como no verão. Esta a importância histórica, geográfica e estratégica da cidade de Aachen, situada na fronteira alemã.

Nas presentes circunstâncias, a sua invasão vem se revestir de excepcional interesse para ambos os contendores.

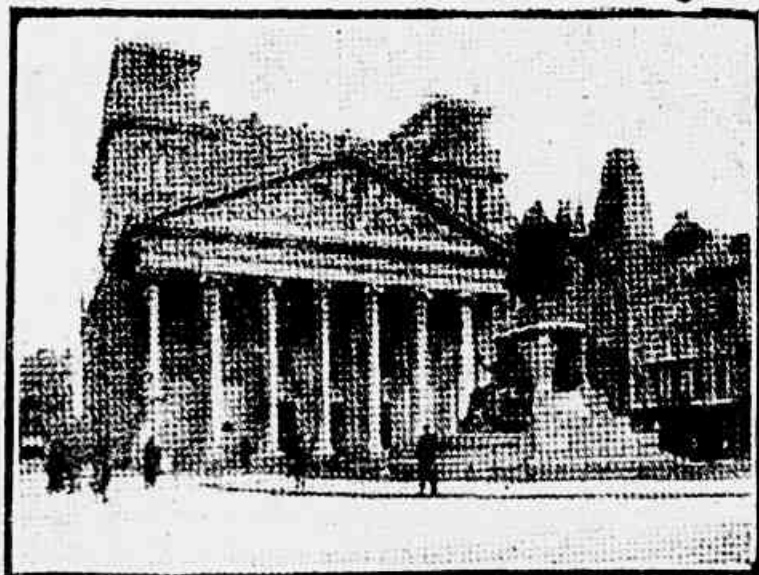
Foi a primeira cidade em território alemão a ser invadida pelos exércitos aliados, depois da desmorteante campanha da França, onde os nazistas deixaram uma incalculável quantidade de material bélico e onde a Wehrmacht sofreu as suas perdas mais sérias e definitivas. Cercada pelas tropas aliadas sob o comando do general Hodges, que lutam de casa em casa no seu interior, o destino da cidade está irremediavelmente selado. Aos seus fanáticos defensores não resta outra alternativa além da morte ou da rendição incondicional.

Em Aachen, onde já foram realizados dois tratados de paz que receberam sua denominação do nome da cidade, está agora se decidindo a etapa final do maior conflito até hoje presenciado pela humanidade. A situação geográfica de Aachen, próxima à fronteira francesa, tem contribuído para tornar a sua história acidentada. No ano de 1801, em consequência da paz de Luneville, a cidade caiu em poder da França que a transformou em capital do departamento de Roer. Em 1815 passou novamente às mãos da Prússia.

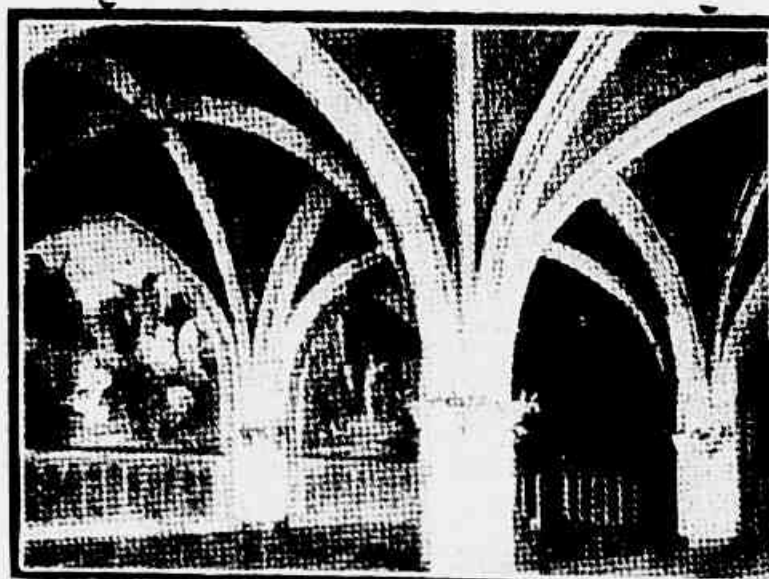
Por ocasião do primeiro tratado de Aquisgrã, quando se pôz fim à guerra de devolução entre a França e a Espanha, reuniram-se ali os plenipotenciários da Inglaterra, Holanda, Suécia para obrigar Luiz XIV a suspender o avanço dos seus exércitos nos territórios conquistados na Flandres. O Franco Condado foi devolvido à Espanha, em consequência deste tratado.

O segundo tratado de paz firmado em Aquisgrã se verificou em 18 de Outubro de 1748 e pôz fim à guerra de sucessão da Áustria. Tomaram parte nele, Inglaterra, Alemanha, França, Espanha, Holanda, Catalina, Modena e Genova, sendo estipulada a devolução das cidades conquistadas desde o começo da guerra, e cedidas ao filho de Felipe V, o infante Felipe, os ducados de Parma, Guastalla, e Plasencia; além disso reconhecia-se a eleição do duque de Toscana para Imperador, juntando-se à França os ducados de Var e Lorena e confirmando-se na posse da Silésia ao rei da Prússia. Ainda em 1818, no Congresso de Aquisgrã foi definitivamente fixada a dívida da França à Europa.

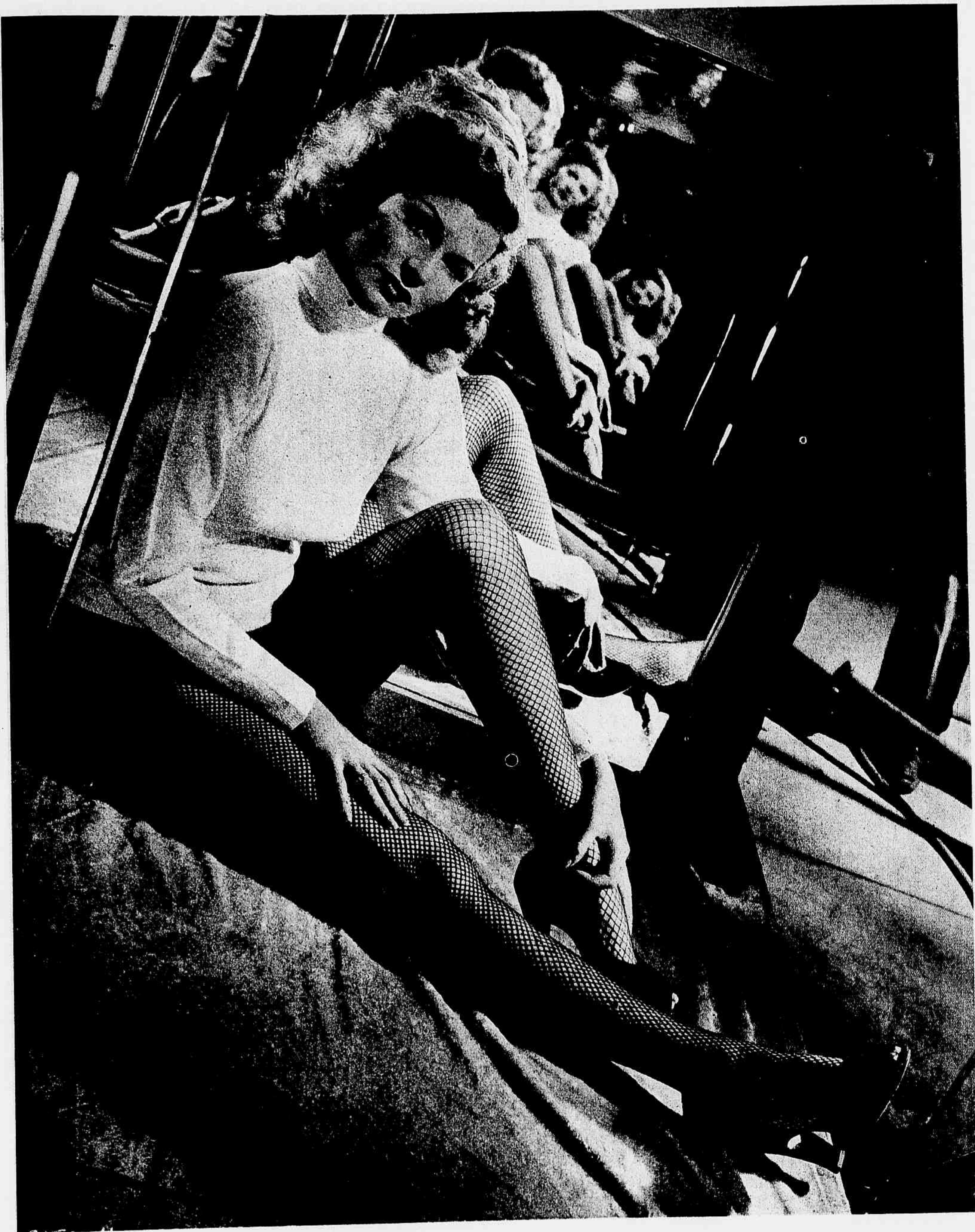
A tradição histórica de Aachen será agora aumentada com a invasão aliada. Está aberto o caminho para Colônia e as grandes cidades industriais do vale do Reno, na estrada que levará a Berlim os soldados da liberdade.



O MONUMENTO A GUILHERME I



SALA DE COROAÇÕES, NA PREFEITURA.



CARTAS SEM RESPOSTA

As cartas foram sempre, na vida feminina, pedaços heroicos e românticos, muitas vezes inesquecíveis. Ha correspondências famosas, as de Soror Mariana, por exemplo, outras que se procuram esquecer tão depressa foram recebidas e lidas...

Entre as primeiras, as mais famosas, destaca-se este fragmento de uma carta endereçada por Heloisa a Abelardo, ambos constituindo um par de celebres amorosos cuja vida dramática tem sido a fonte de inspiração de tantos bardos, músicos, pintores e escritores:

"Que podem as cartas inspirar-nos? Elas teem alma; falam; teem uma força miste-

riosa quando expressam os mais íntimos transportes do coração; elas possuem todo o fogo secreto das nossas paixões e trazem á nossa presença espiritual, nitidamente impressa, a imagem de quem nos escreve. Elas teem a ternura e a delicadeza da linguagem que muitas vezes ultrapassa a linguagem viva da pessoa amada. As cartas foram inventadas para consolar, ás que estão só como eu; ás infelizes solitárias elas falam e animam. Perdida a esperança de vêr-te compensarei de algum modo essa imensa perda, com a satisfação de receber tuas cartas. Nelas estarás presente com teus mais secretos pensamentos... — Heloisa".

Que lhe teria respondido Abelardo? Que outras maravilhosas epistolas terão permutado? — Mary.

RITA HAYWORTH
(COLUMBIA)

NOS BASTIDORES FEMININOS



MARIA MONTEZ, DA
UNIVERSAL, OFERECE-
NOS ESTE BONITO COS-
TUME DE FANTASIA, COM
BOTÕES DOURADOS, COM
EFEITOS DE "ROULOU-
TÉ". UM COLAR OU
QUALQUER OUTRA JOIA,
TAMBÉM DE OURO OU
METAL AMARELO, REAL-
CARÁ DE MUITO O CON-
JUNTO. PENTEADO BAIXO
COM UM CASQUETE DO
QUAL SÓ SE VÊEM DUAS
ROSAS VERMELHAS. MAN-
GAS COMPRIDAS E BOL-
SOS TRABALHADOS EM
RELEVO.

24



Como

FAYE EMERSON, DA
COLUMBIA, MANIFESTA
UMA PREDILEÇÃO ESPE-
CIAL PELOS CONJUNTOS
DE CERTO CUNHO ESPOR-
TIVO. AQUI ESTÁ A BO-
NITA "ESTRELA", EXIBIN-
DO UM RECENTÍSSIMO FI-
GURINO DESSE GÊNERO.
A BLUSA, EM TECIDO LE-
VE, FORMANDO UMA PE-
ÇA INTEIRIÇA COMO SAIA
QUE TAMBÉM PODE RE-
SUMIR-SE A UM SIMPLES
"SHORT" PRÓPRIO PARA
O CAMPO OU A PRAIA.



SUSANA FOSTER, DA UNIVERSAL, MOSTRA UM ESPLENDIDO MODELO PARA VERÃO. A BLUSA SIMPLES, COM BOTÕES DE MADREPERLA E UM "GALO" BORDADO A CORES. TUDO ENFEITADO COM DEBRUM VERMELHO. A SÁIA, DE CINTURA DEBRUADA, DESCENDO NA FRENTE FORMANDO AVENTAL, TAMBÉM TODO DEBRUADO. MOTIVO ORIGINAL DO "GALO" BORDADO A CORES, REPETINDO-SE EM CADA ÂNGULO DO AVENTAL.



ELYSE KNOX, DA UNIVERSAL, É OUTRA ELEGANTE "ESTRELA" DA MODERNA GERAÇÃO DE HOLLYWOOD. REPARÉM ESTE GRACIOSO E JUVENIL MODELO DE VERÃO. A BLUSA "CHEMISIER", COM BOLSOS EMBUTIDOS, TEM MANGAS CURTAS. A SÁIA, MUITO AMPLA, E O ENFEITE É UM MOTIVO DE GALÃO COM UMA PEQUENA FRANJA. SAPATOS DE SALTO ALTO. E A IMPRESCINDÍVEL, PULSEIRINHA NO TORNOZELO, DANDO MAIOR "CHIC".

vestem as estrelas

A tragédia da França empurrou para a América os seus grandes desenhistas de modas, que faziam de Paris o empório mundial da elegância. O contrato com essa babel anglo-saxônica, onde o espírito inventivo não conhece limites de alheias mais liberdade e com ela, de certo, essa extravagância, esse exotismo, essa profusão de cores e enfeites que se nota na moda atual.

E' verdade que o século passado mandava de Paris, às nossas avós elegantes, muita moda exótica e mesmo disforme, nada prática algumas, como as saias de cauda para rua; os penachos à D'Artagnan até as saias que pareciam uma perna de calça, os chapéus que pareciam barracas de feira, etc. Mas a moda nunca é feia, quando é moda e só depois que ela passa é que nos detemos a pensar: — Como era possível usar semelhante coisa? ...

Para satisfazer a *volubidade* da mulher e sua exigência na renovação de seus encantos, formou-se essa legião de servidores que vai desde o caçador de raposas e aves até o desenhista de modelos, cuja missão é espremer o pensamento para dele tirar o melhor, ou pelo menos a novidade que há de dar sedução e beleza à mulher de todos os tempos e de todas as latitudes.

Ha nessa profissão uma grande responsabilidade e ela exige muito talento, creator e abnegação, pois da mulher depende esse grande comércio do luxo; e ela é exigente e insaciável no anseio de prender, encantar e encher a vida de requintada beleza. E a beleza sempre foi para o obreiro do mundo — o homem — o maior incentivo, o mais delicioso vício, o mais salubre cocktail, e o maior filão de ouro.



O s que visitam [São Paulo, depois de prolongada ausência, têm muito por que surpreender-se. Embora esperando este fantástico desenvolvimento da metrópole. Mesmo vindo de espírito prevenido para o que de mais gigantesco e imponente a terra de Piratininga poder oferecer-nos, ainda assim não se sobra motivos para surpresa. Não esse embasbacar do provinciano que vem de ânimo pouco disposto a sentir a rejeição do Progresso, refletido em lâmina larga e de mais ampla que ainda se verificou no Brasil, mas a surpresa agradável e simpática, a surpresa de sentir que, apesar da guerra, o miolo do Brasil está muito longe de estagnar. E até quando esse tempo de ausência se viver no Rio, onde o Progresso vai na mesma proporção, é preciso reconhecer que São Paulo vale por uma admirável lição de otimismo e de

bravura. A bravura dos que trabalham sem ligar muito às emergências desfavoráveis e o otimismo dos que sabem tirar das piores quadras da existência algum proveito.

Foi essa a reflexão que nos assaltou, depois do primeiro giro por esta admirável São Paulo de todas as fábricas e de todos os santos trabalhadores que Deus haja, e depois de uma ausência de dois anos. Si o paulista, cada dia palmilhando a Avenida São João e assistindo ao crescimento da sua Cinelândia nas imediações de Paisandú, tem suas razões de orgulho, não as tem menos o carioca, tão antigo de São Paulo quanto o próprio paulista, de vêz que os tempos do bairrismo já vão longe e tanto nos sentimos brasileiros, no mais completo sentido da palavra, deslumbrados com o arrojo de empreendimento de que resultou a abertura da Avenida

Presidente Vargas, quanto com o das obras monumentais que transformam o antigo Anhangabáhu em um aprazível e movimentadíssimo centro bandeirante.

Mas o que mais agradável se faz sentir aos olhos do visitante não é tanto a evolução das obras de urbanismo, o aumento considerável das construções no perímetro central, nem mesmo aquele gigantesco edifício construído nas vizinhanças do antigo Martirelli, que "levou na cabeça" em altitude (o termo é de um paulista), tão alto o prédio que durante a noite, a cúpula precisa iluminar-se, com pequenas lampadas vermelhas, afim de evitar a consumação de algum desastre de aviação. O que mais surpreende, é talvez a evolução dos costumes e usos da população; vem a ser também as pequenas cenas de rua que passam despercebidas aos habitantes da terra, mas que

não fogem ao olho perspicaz do visitante.

São Paulo foi sempre considerada a terra onde não sobrava tempo para lazeres de ninguém. "Vive-se empurrando uns aos outros, pelas calçadas — diziamos sempre — e não há essa enorme fila de "mitones" que se encontram na Cinelândia carioca". Talvez os "mitones" não existissem por aqui, enquanto não fundaram também uma Cinelândia bandeirante. Tão depressa ela surgiu — e não vem a ser outra coisa esse setor deslumbrante de casas cinematográficas estendendo-se desde o Ufa Palace até o Metro — surgiram também os "mitone", os rapazinhos que nem sempre têm muitos afazeres e gostam de permanecer, imóveis, gesticulando apenas, e falando, falando muito, á perta das casas de chá, dos "café-expresso" e dos cinemas. O movimento que se prolonga

BANDEIRANTES DE ONTEM E DE HOJE

Por CELESTINO SILVEIRA — Ilustração de MIGUEL H.

desde a tardinha até madrugada alta, mais intenso talvez que o do Rio. Corre na sua maior parte por conta do elemento moço. Rapazes divertem-se e divertem os outros, meças fazem o "trottoir" e enchem os cinemas também nas vespertais, por sinal que facilitando o problema econômico, pois as sessões à noite, nesses cinemas, custam maior preço.

De resto, o cinema é também, na Paulicéia moderna, a diversão favorita. Si o paulista se acostumou a pagar oito e dez cruzeiros por uma poltrona de cinema, também não se importa de despendar quatro ou cinco vezes essa quantia para assistir a um jogo de futebol. Em dia de encontro Palmeiras-São Paulo, a cidade adquire um aspecto personíssimo e diferente de tudo quanto se pode imaginar. Nesse domingo, os bondes e "omnibus" vivem abarrotados desde a madrugada. O torcedor renitente carrega a família e carrega também um pacote com a merenda para todo o pessoal. Vive-se no Pacembú um domingo glorioso, principalmente si o "nosso clube" fôr o vencedor. Mas, até quando seja derrotado, dão-se por bem empregados o dinheiro e o tempo.

Teatro, é que não encontramos ainda coisa alguma de melhor. Os mesmos e desagradaíveis, de quinze e vinte anos passados, aquele Casino Antártica onde as companhias de revistas ainda encontram modos de se aboletar rascavelmente, o Santana que é, por força, o "primus inter pares", e o Municipal, onde as temporadas oficiais são o que podem ser. E não podem ser grande coisa nestes tempos bicudos...

Mas São Paulo, com seus bandeirantes modernos, não vive das insignificâncias. Ele continua sendo o homem do trabalho, às voltas com seus problemas vultosos de segunda com sábado, mas transferindo-se, à tarde do último dia útil da semana, para a vizinha cidade de Santos, onde o esperam um bom hotel, um banho de mar bastante agradável e um "bate-papo" com os vizinhos e amigos. Santos vive apenas da influência e do "fim-de-semana" paulistano. Agora que lhe tiraram a circulação das veias, a circulação sanguínea e vitamínica dos barcos e da gente maltrada, agora que as Alfândegas nada representam e os negócios ficam para mais tarde, ao dependerem da navegação costeira, Santos deposita o melhor de suas esperanças no "fim-de-semana". Privem-no desse benefício e que será dele?

Mas São Paulo não prescinde do sábado e do domingo salutar e reconfortan-

tes lá em baixo, no topo da montanha. E mesmo com a repressão de Santo Amaro largamente aproveitada pelas que não gostam de descer a serra, Santo Amaro das barquinhas à vela e dos banhos de água doce, é Santos ainda que dá a nota e tonifica o bandeirante de 1944, contemporâneo do maior arranha-céu da América do Sul e de outras formidáveis realizações.

Cogitações de guerra? Elas existem em todos os lugares e não há cérebro humano que viva divorciado dessa coisa óbvia: Que virá depois? Todavia o paulistano não quer esperar pelo que, "virá" e prefere agir dentro da hora presente. Vai construindo novos viadutos, alarindo avenidas, erguendo edifícios mais altos e aplaudindo as "maluquices" do seu Prefeito, na realidade um homem de fibra e de coragem. Encontramos um índice das atividades da Prefeitura, objetivos em "melhoramentos indispensáveis a novas edificações e ao aproveitamento de áreas até aqui abandonadas". Já foi adquirida toda ou quasi

toda a faixa destinada à nova Avenida, a Avenida Anhangabá, outro grande melhoramento. Concluiu-se a Avenida Senador Queiroz, alargaram-se ruas e fez-se o prolongamento da Avenida Paulista. Abriam-se praças, e iniciaram-se desapropriações para a abertura da Avenida Itaipó. As obras de retificação do Tietê vão adiantadas.

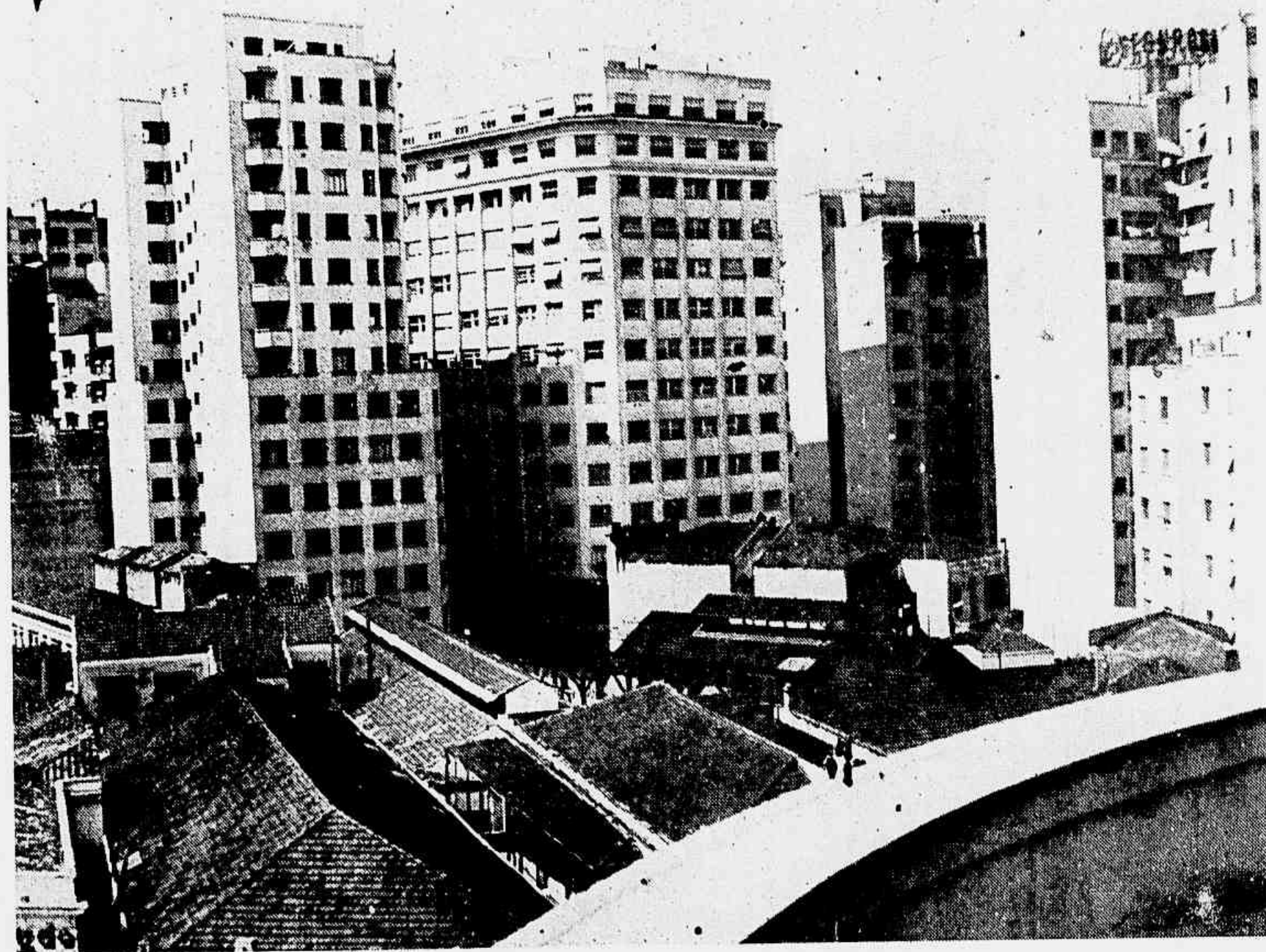
Mas — para quê ir além? O que se encontra de novo, de modificado para melhor, na fisionomia geral de São Paulo, está longe de se demonstrar em uma simples resenha de revista. "A Gazeta" fez publicar, em dias sucessivos, uma série impressionante de flagrantes fotográficos da moderna São Paulo, reflexo magnífico do trabalho realizador dos bandeirantes de hoje. E foi ainda na casa fundada por Casper Libero que obtivemos dois desses aspectos, reproduzidos nesta página. Podem eles dar ao leitor, que não tenha vindo a São Paulo nestes dois últimos anos, uma idéia, mesmo discreta e pálida, do esforço

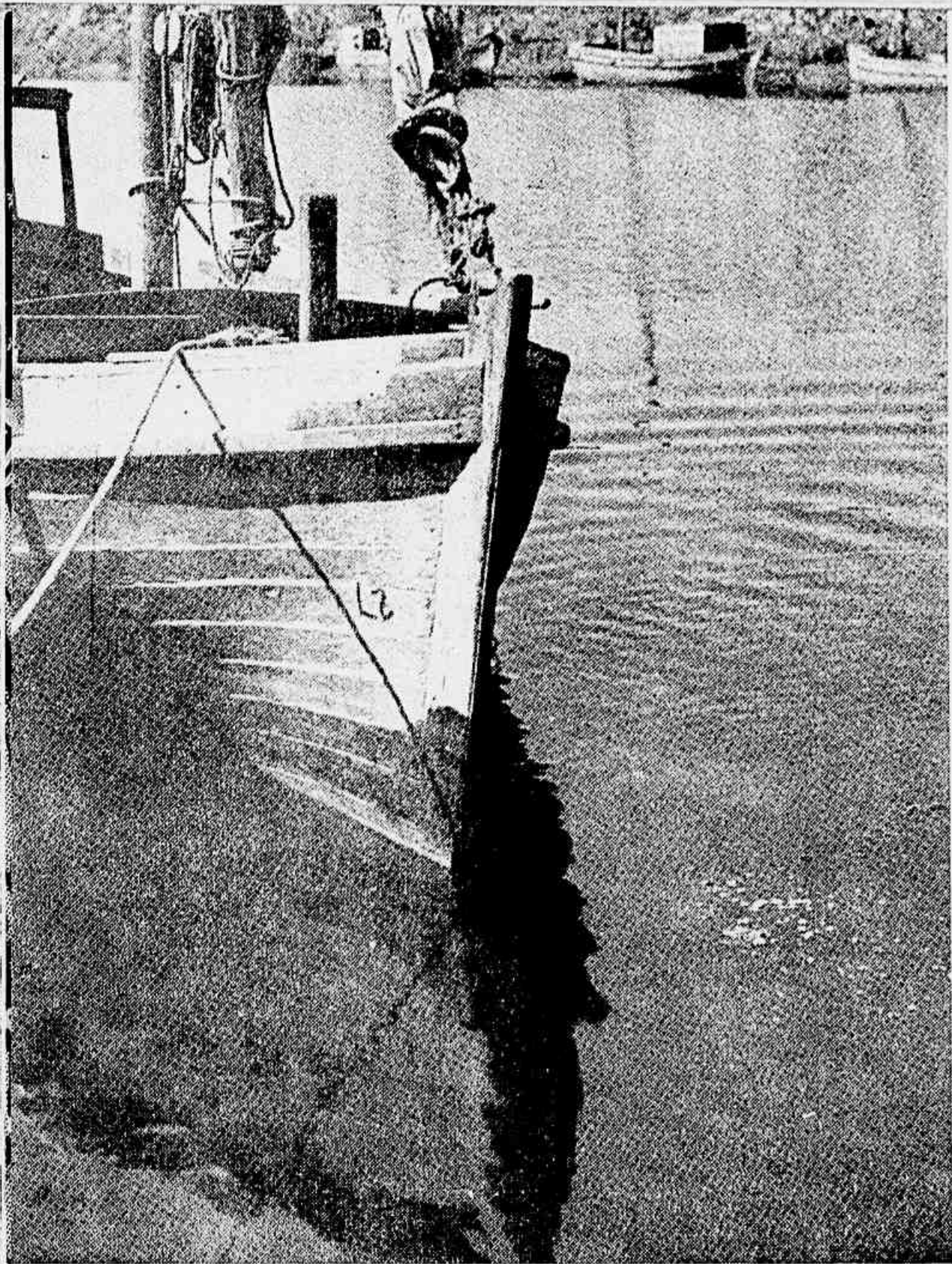
bandeirante pelo aumento crescente de sua capital? Não acreditamos.



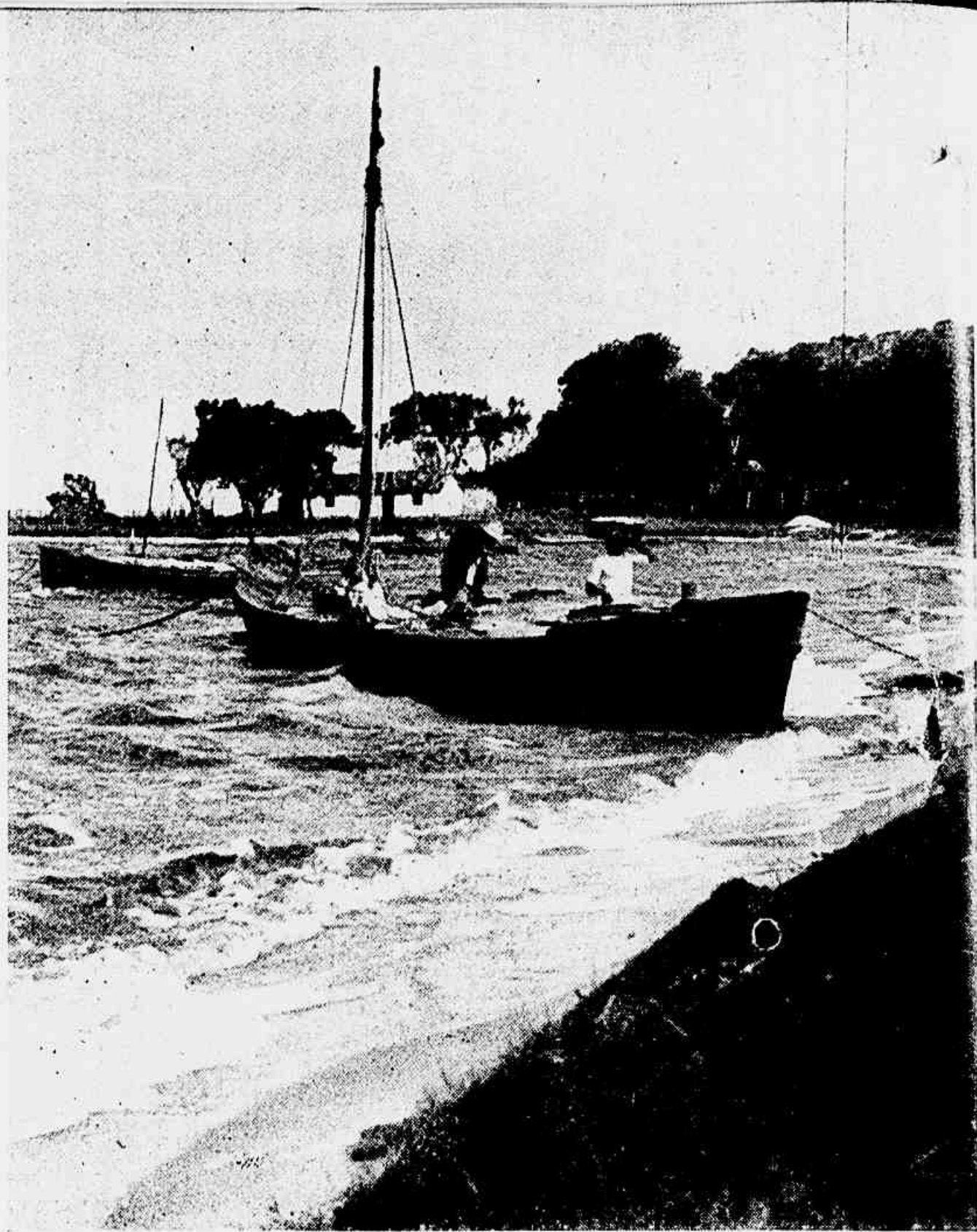
O melhor, mesmo, é o leitor servir-se do avião, si encontrar passagem disponível, ou mesmo utilizar-se dos trens da Central, desde que a estrada de rodagem sófre um colapso inevitável com o racionamento dos combustíveis. Conseguir, enfim, qualquer transporte e vir. Vir pessoalmente, mergulhar os olhos nestes gigantes de aço e de cimento armado, confundir-se com a multidão das ruas, participar das "filas", sentir a palpação fremente do coração bandeirante, mesmo quando reclama qualquer coisa. E depois, então, julgar por conta própria.

Certo, o julgamento será de qualquer modo lisongeiro à terra e ao seu povo. São Paulo continua entregue aos bandeirantes, e os de hoje não desmerecem das heranças que lhes deram os primitivos.





"PROA" — (DR. DIALMA GAUDIO)



"DE VOLTA DA PESCA" — (CRISTIANO RIBEIRO).

28

"O CACHIMBO" — (EDUARDO DANESI)

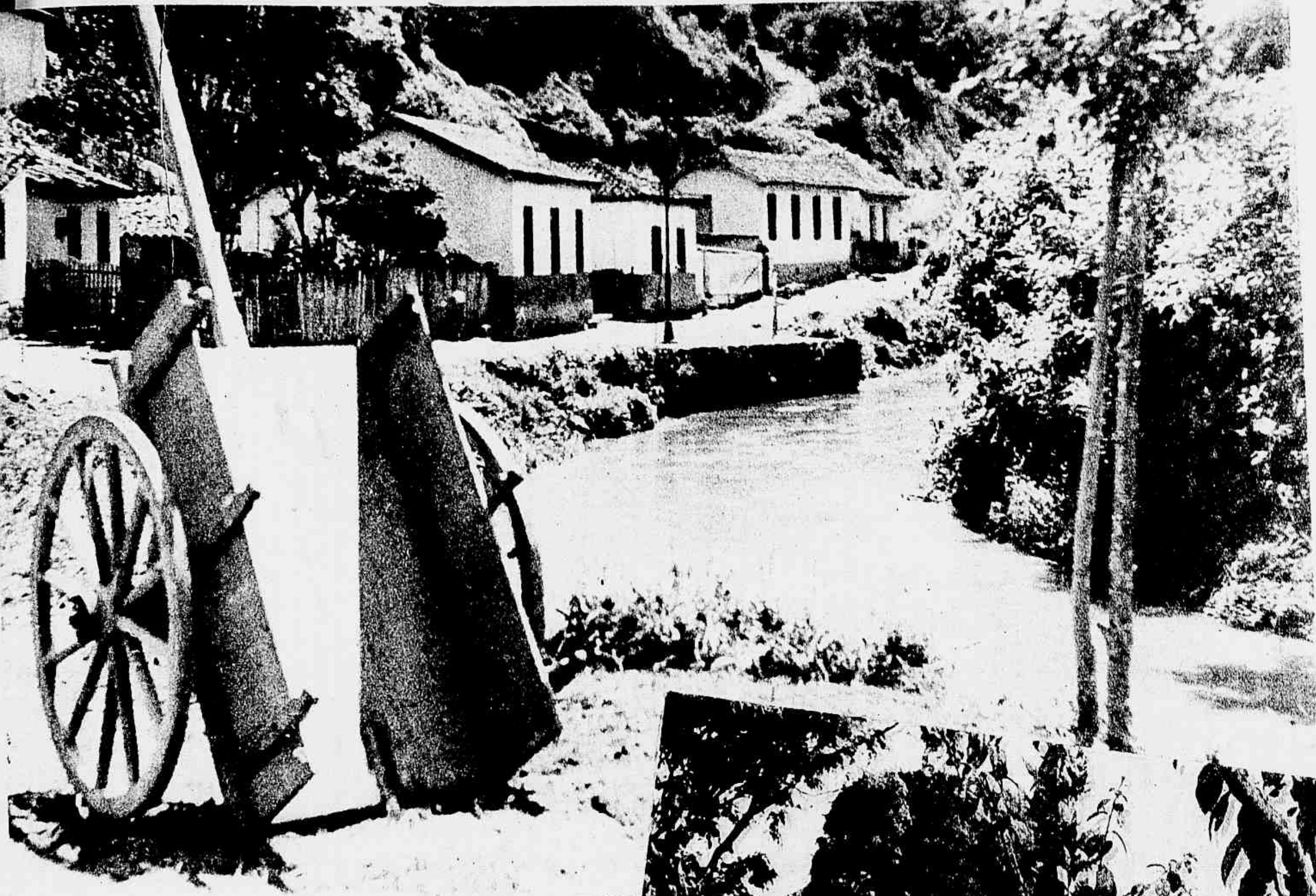


Arte Fotografica



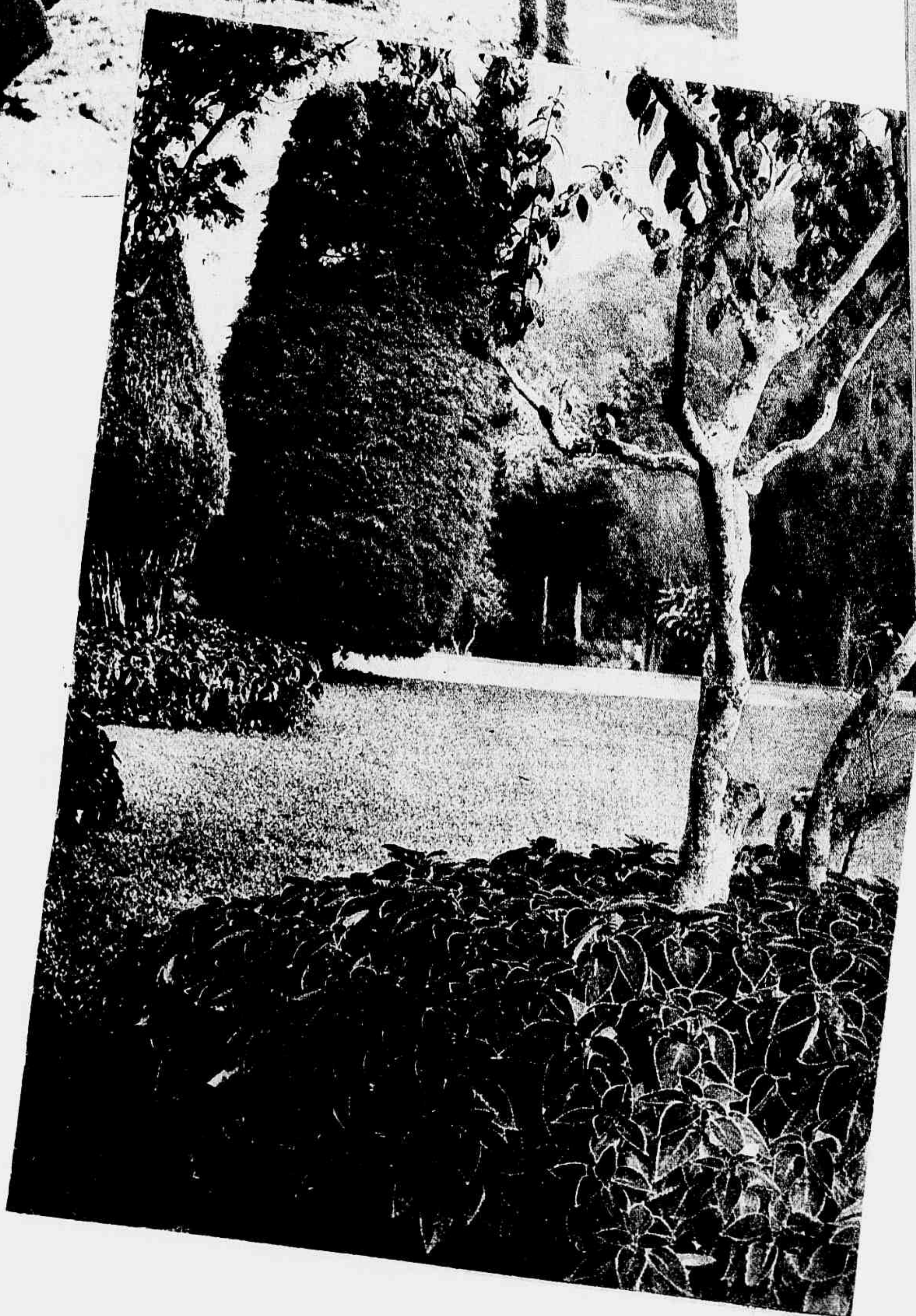
"SINAL DE FE" — (FRANCISCO COUTINHO).

"UM CANTINHO DE FRI-
BURGO" —
(RAYMUNDO CAR-
DOSO SILVEIRA)



E SPLENDIDOS motivos tipicamente brasileiros, figuras e coisas do país transmutados em legítimas obras de arte fotográfica, estão sendo apresentados no Quinto Salão Brasileiro anual de Arte Fotográfica, que vem de realizar-se na capital da República. São em número de 124 os trabalhos expostos muitos dos quais verdadeiras obras-primas no gênero, onde se misturam os flagrantes do Rio, de São Paulo, de Minas e de outros rincões nacionais. Quando a arte de fixar no celuloide os panoramas do universo, adquire um sentido mais amplo, de vêz que é o retrato um complemento, sinão o motivo predominante na história destes dias agitados pela sucessão de acontecimentos épicos, a mostra da Galeria de Arte Clássica, mercê do empreendimento devido ao Foto Clube Brasileiro, também merece um destaque mais amplo ao qual não nos furtamos. Desejariamos oferecer aos leitores, sinão a totalidade, um contingente maior de reproduções desses trabalhos, mas tantos são os trabalhos expostos e tão pouco o espaço da REVISTA, que preferimos dar-lhes uma simples amostra. E, certo, os interessados terão visitado o Quinto Salão, ali podendo conhecer, em minúcias, todas as realizações de Gasparian, Cavanellas, Salvatore, e os demais expositores.

"RECANTO DE JARDIM" —
(MANOEL CAVANELLAS)



QUANDO ao tio Podger se mete na cabeça fazer qualquer coisa, toda a casa fica num reboço.

O homem das molduras veio entregar um quadro. O quadro ficou na sala de jantar. A tia Podger indica o local onde gostaria que o quadro fosse pendurado.

— Oh! peço-lhe — responde o tio Podger — não se meta neste assunto. Sou eu quem se encarrega de pregar este quadro na parede...

E o tio Podger logo começa por tirar o paletó! Depois manda a criada buscar dez centavos de escábulas; depois manda o filho lembrar-lhe qual o tamanho dos pregos. E então começa o verdadeiro trabalho.

— Willy, vai-me buscar o martelo... Tom, traze-me um metro... Preciso também de uma escada e da cadeira da cozinha... Tu, Jim, vais correr à casa do sr. Goggles e dir-lhe-ás:

— Senhor, papai cumprimenta-o e deseja que a sua perna esteja melhor... A propósito, será que não lhe poderia emprestar o seu nível de água?

— Tu, Maria, fica aí, porque preciso de alguém que agarre no candieiro... Depois, quando voltar a criada, preciso que ela saia de novo a comprar um pouco de barbante... Tom!... onde está Tom?... Vem cá, meu pequeno... Vais-me dar o quadro.

O tio ergue o quadro e deixa-o cair. A gravura sai da moldura. O tio corta-se no vidro. Corre através do salão para procurar o lenço. Não o encontra porque o seu lenço ficou na algibeira do paletó e ele não sabe mais onde se encontra o paletó. Toda a casa se põe à procura do paletó. O tio vai e vem, incomoda uns e outros, e geme enquanto se senta:

— Enfim, vejamos! Ninguém sabe onde está o meu paletó! Nunca vi um grupo de jarrões como vocês... São seis e não deram com... Ah! maldito...

Ergue-se. Estava sentado sobre o paletó. Exclama:

— Aqui está! Foi eu quem o encontrou... Sou sempre eu quem encontra aqui as coisas!...

Depois de uma meia hora, enquanto lhe tratavam do dedo, lhe trouxeram o martelo, a escada, a cadeira e o candieiro, toda a família se reúne à sua volta, incluindo a criada e a mulher da limpeza. Uns agarram na esca-

da; outro ajuda-o a subir; outro passa-lhe os pregos; outro entrega-lhe o martelo. Os pregos caem. E' preciso procurá-los pelo chão, de joelhos, com a vela. Ei-los!

— Onde está o martelo? E' inaudito! São sete à minha volta e perderam o martelo!

Foi achado o martelo. Mas o tio perdeu a marca do prego que indicara a lapis na parede. Ajudam-no a descobri-la.

Os conselhos são diferentes; então o tio apodera-se do metro e recomeça as suas complicadas medições: 34 centímetros e meio do teto e 1m.10 do

canto deduzindo 7 centímetros para a moldura... Faz cálculos. Engana-se nas operações.

Tentam ajudá-lo. Atrapalham-nô nas suas somas e subtrações.

O tio toma uma grande decisão: inclina-se à esquerda com um barbante, o que simplificará as coisas. Inclina-se até ao limite extremo; seu corpo faz um ângulo de quarenta e cinco graus com a escada... Mais três centímetros e atingirá o canto com o braço... Mas três centímetros bastam para perder o equilíbrio e o tio desaba sobre o teclado do piano cujas teclas desferem um estranho acorde.

— ...!

A tia Maria protesta. Nunca consentirá que os meninos ouçam tais pragas.

Por fim o tio tornou a trepar pela escada. Segura o prego com a mão esquerda e o martelo com a direita. A primeira pancada dada com a dextra, esmaga o polegar da sinistra, pragueja de novo e deixa cair o martelo sobre o pé de um dos espectadores.

A tia Maria permite-se fazer algumas observações irônicas.

— A próxima vez que pregares um quadro na parede previne-me. Terei tempo de ir ver mamãe no campo e voltar antes que tudo esteja acabado!

— Oh! vocês as mulheres fazem chicana com qualquer coisa! replica o tio com ar vexado.

Segunda martelada. Desta vez o prego enterra-se no gesso até à volta! Para o arrancar é preciso fazer escavação na parede.

Depois é necessário entregar-se a novas medições para encontrar novo lugar um pouco mais alto e um pouco mais à esquerda. Com esse designio, os meninos põem-se à procura do metro, do lapis e do barbante. Pelas onze horas é por fim suspenso o quadro na parede!

Não está de todo perpendicular à vertical e não está bem seguro. Mas paciência... Numa área de cinquenta centímetros em redor do prego a parede parece ter sido passada pelo ancinho. Os membros da família têm um ar triste e fatigado. Com exceção do tio Podger.

— Aqui está — diz com evidente orgulho descendo da escada... E pensar que há gente que tem incomodado um decorador para um trabalhinho como este!...



"Somos uma geração de respeitáveis mediocres"

Da curiosidade criada por uma fachada a uma entrevista sobre arte — Francisco Acquarone, Humberto Cozzo e a lembrança de André Vento — As medalhas não ensinam ninguém a pintar nem a esculpir... — Nada de Divisão Geral e Divisão de Arte Moderna — Engulindo mostrenhos e aleijões — Humberto Cozzo gostava de fazer bonecos de barro — A escola modernista é coisa inócua — "Não temos críticos de arte"! — Outras declarações.

Texto de ARMANDO MIGUEIS

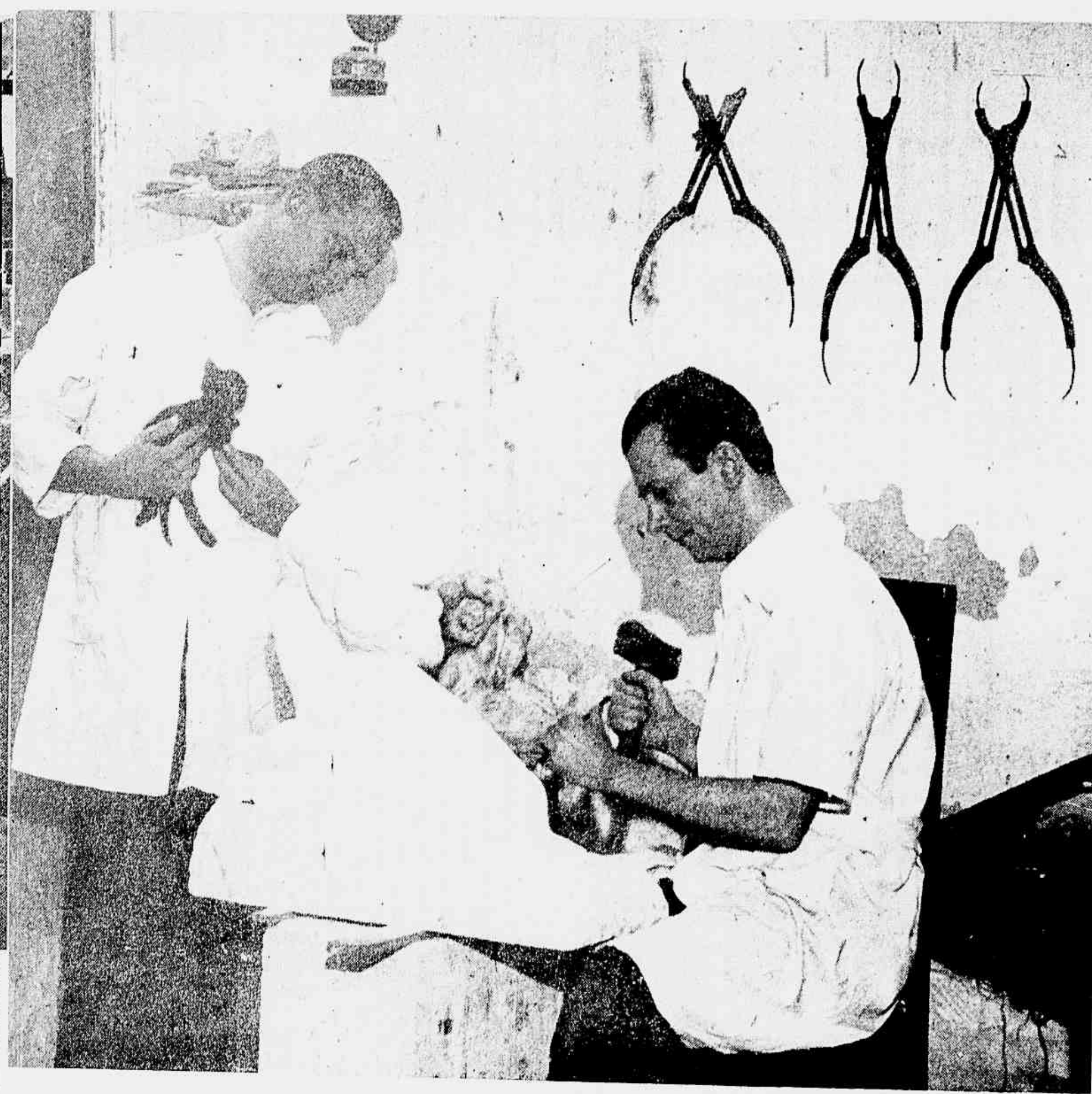
Se o leitor é habitante da zona sul, certamente já reparou naquela vetusta fachada do número oitenta e quatro da Avenida Augusto Severo e indagou, de si para si, a razão pela qual as picaretas do progresso ainda não deram o golpe de misericórdia em paredes tão descascadas, ameaçando ruir a qualquer momento. Chegou mesmo a pensar na Saúde Pública, pois ali dentro deveria estar sobrando tato, o que acarreta uma onda fabulosa de stegomias e congêneres, em prejuízo da saúde do próximo.

Muitos tiveram esse pensamento. Nem mesmo o repórter escapou à exceção. O casarão era uma incógnita à argúcia de quem necessita satisfazer a curiosidade do público, por isso nos dispuzemos a bater naquele porta remendada que não deixava transpirar coisa alguma do seu interior. E, como na velha história, tão depressa a porta foi aberta, sentimo-nos como que transportados à maravilhosa gruta de Ali Babá. Aos nossos olhos profanos deparou-se um espetáculo de rara beleza, capaz de fazer vibrar ao indivíduo menos emotivo. Pelas paredes, telas cheias de luz a nos fazer esquecer a vida inquietante da metrópole. Cavaletes seguindo humildemente trabalhos que a mão de um artista sincero transportou para a tela. Prateleiras suportando o peso das *maquetes* de um escultor personalíssimo a quem a posteridade não regateará aplausos. E, preso à simplicidade de uma velha moldura, o retrato daquele que jamais foi esquecido pelos que ali trabalham em holocausto à verdadeira arte. Ele está presente em todos os recantos, contemplando as telas, admirando as esculturas, animando as palestras, colaborando na preparação das tintas, auxiliando na pose do modelo, graças ao culto que lhe consagram dois expoentes de nossa arte plástica e escultural e que com ele fundaram, naquele casarão, um templo de arte.

André Vento é essa figura saudosa que deixou, em Francisco Acquarone e Humberto Cozzo, dois cultores do belo e continuadores de uma obra que nunca sofreu alteração, desde que há dezesseis anos se congregaram com o firme propósito de trabalhar pela e para a arte nacional, fazendo surgir da tela inerte e da pedra bruta toda a beleza de uma criação perfeita. E, nesses dezesseis anos, muitos casos aconteceram. O atelier da Avenida Augusto Severo abrigou muito artista pobre, alimentando o sonho desses supremos criadores de belas cousas. Reuniu expressões de nossas letras e das nossas artes em grandiosas tertúlias. Fomentou o esforço de inúmeros artistas abrindo-lhes o caminho da vitória consagradora. Solidificou muitas esperanças, tornando possível a realização de muitos sonhos. Serviu mesmo de sociedade protetora de gatos, dando guarida a dezesseis bichanos, que ainda hoje vagabundeiam no meio dos cavaletes e das paletas, além de ter provocado tremendos



A FACHADA DO IAM NA AVENIDA AUGUSTO SEVERO ERA UMA INCOGNITA À ARGÚCIA DO REPÓRTER, QUE MISTÉRIO EXISTIRIA ALI? É O QUE DESVENDAMOS NO DECORRER DESTA REPORTAGEM.



A DISTRAÇÃO PREDILETA DE HUMBERTO COZZO ERA FAZER BONECOS DE BARRO. DEPOIS, COM A IDADE AUMENTANDO, ELE OUVIU DIZER QUE OS QUE COSTUMAM TRABALHAR COM BARRO, SÃO OS ESCULTORES, RAZÃO PORQUE O VEMOS AQUI TRABALHANDO NUM BLOCO.

SACRA FAMILIA — É UM PRENUNCIO DE QUE HUMBERTO COZZO SENTIU AS INFLUENCIAS DA CORRENTE MODERNISTA, EMBORA NÃO SE NOTE OS ALEIÇÕES DE QUE NOS FALA FRANCISCO ACQUARONE.

sustos na vizinhança, com os "agudos" de alguns tenores "espíritosos" e as aulas de tiro-ao-salto de vários atiradores "chumbados". Também contribuiu para a defeza de nossa soberania, com o envio de dois expedicionários, hoje lutando na terra de Da Vinci.

DE UM SALÃO PARA O "SALON"

Foi como que perdido nesse ambiente de respeito que tivemos o amparo de Francisco Acquarone e Humberto Cozzo. Eles ali estavam, quel sentinela avançada, pronta a repelir qualquer aventureira que ousasse tocar naquele tesouro de arte, enquanto pendendo da parede a cabeça de um felino parecia movimentar-se no meio de uma enorme moldura.

Acquarone rapanou o no-so embaraço e perguntou-nos o que desejávamos. — Saber como vir o "Salão", foi a resposta.

— Penso que o "Salão" deveria ser organizado em outros moldes. Os "hors-concours", em dependências exclusivamente suas, assim como os aspirantes às medalhas de prata. Estes, ainda submetidos aos jurís de seleção, não seriam dessa forma confundidos com os "medalhados", gozando, é claro, de certa benevolência estimulada por parte dos severíssimos e incorruptíveis jurís. ... Porque é necessário atender às seguintes razões: — O salão, si é um certame onde se exibem, anualmente, os artistas consagrados, deve ser, por outro lado, um incentivo para os que se iniciam na Arte. A prova é que as premiações começam por simples menções honrosas. Separados, não haveria o perigo do público confundir os mestres com os principiantes. Outras vantagens adviriam ainda para o público. Por exemplo: qualquer um poderia constatar que, muitos dentre os "mestres" que se exibem gozaram, em tempo devido, a benevolência dos jurís. De outro modo, até agora estariam sendo recusados...

"Veja o amigo o que os "hors-concours" expõem anualmente, no Salão e diga

si a maioria de seus trabalhos é, ou não de autores mediocres! Veja o que mandam para lá os membros do júri. Este ano, por exemplo, si tais cavalheiros estivessem sujeitos ao critério de seleção rigorosa, muitos trabalhos teriam sido recusados, como obras de puro amadorismo!

"Já fiz parte, aliás, de alguns jurís da Secção de Desenho e tive ocasião de dar umas olhadelas ao julgamento da Pintura. Vi como se concederam certas premiações. Mas isso não vem ao caso, de vez que as medalhas não ensinam ninguém a pintar nem a esculpir.

"Lembro aqui o que Monteiro Lobato afirmou em sua entrevista à REVISTA DA SEMANA, em torno da Academia de Letras e dos imortais: "tudo é lata, lata da bôa"...

Embora sejam amigos inseparáveis, Acquarone e Humberto Cozzo às vezes divergem nas questões de arte. Tal como no vellic alágio: "Amigos, amigos negócios à parte...", eles nem sempre pensam igualmente. Falando sobre o Salão, o escultor disse:

— Notei certo equilíbrio na apresentação dos trabalhos e certo espírito de uniformidade na escolha. Posso mesmo afirmar que foi um dos melhores que tenho visto nestes últimos anos. Sobre a comissão de seleção, nada posso dizer, neste sentido. Não vi os trabalhos cortados.

— Está de acôrdo com o sistema adotado de separar os clássicos dos modernistas?

— Penso que não deveria haver divisões especiais, no Salão, responde Cozzo.

E prosseguindo:

— Nada de "Divisão Geral" e "Divisão de Arte Moderna", com prêmios distintos para cada uma. O erro incide, principalmente, na escolha dos candidatos ao prêmio de viagem ao estrangeiro. Cada Secção apresenta um; vence o que for mais votado. Ora, acontece que, às vezes sai vitorioso um candidato que conta com menos qualidades do que o seu antagonista, mas que contou com mais votos...

O "Salão" deveria ter apenas um júri, um júri misto, integrado por artistas de todas as tendências, distribuindo justiça, indistintamente.

Acquarone, depois de ouvir atentamente a opinião de seu companheiro de atelier, manifesta-se, achando que...

— ...os "modernistas" já deviam ter abandonado o "cenáculo da Academia" e realizar suas exposições onde bem entendessem. De resto, todo movimento de pretensa renovação deve começar por ser independente, a exemplo do que sempre aconteceu nos demais países. Os impressionistas (para citar apenas um caso) bateram inutilmente às portas da Academia. Gustavo Courbet, em 1855, excluído da Exposição Internacional de Paris, abriu uma exposição individual, pintando na porta a legenda: "Realismo". Em 1863, também o júri de académicos recusou sistematicamente todos os trabalhos que demonstrassem "tendências" radicais e "não correspondessem ao padrão oficial" do Salão. Os inovadores organizaram então o "Salon des refusés", onde figuravam obras notáveis, como as telas de James Whistler e Edouard Manet. Em 1872, o fotógrafo Nader pôs à disposição dos pintores, excluídos do Salon, o seu estúdio fotográfico, para um certame revolucionário.

Tudo isto acontecia porque os movimentos inovadores surgiam no seio dos artistas e eram eles, apenas eles, que tentavam impô-los, com a cotagem de suas atitudes.

"No Brasil, porém, dá-se justamente o contrário. O "movimento modernista" foi, desde o início, amparado pelo estíto oficial, que o prestigia até hoje, na pintura, na arquitetura, no beletismo, etc. ... Ora, dessa forma, tiveram logo os "modernistas" a sua instalação no Museu de Belas Artes, constituindo-se em uma divisão especial, com medalhas e premiações oficialmente decretadas só para eles.

"A velha Academia, onde desde os tempos imperiais os artistas seguem os moldes da arte tradicionalista, viu-se obrigada a engulir os mostrengos e aleijões, que lá se exibem todos os anos.

"Não será mesmo de admirar si amanhã o Museu, administrado por algum



modernista, assistir á retirada das telas de Pedro Américo, Amodeo, Batista da Costa, de todos esses "fotógrafos", como eles dizem, afim de serem substituídos pelas concepções delirantes de meia dúzia de inovadores...

Assim falou Acuarone.

DE UM "AGUDO" E DE UMA CONVERSA NASCEM DOIS ARTISTAS

As notas graves de um violão veem quebrar a monotonia reinante naquele museu de trabalhos plásticos e escultóricos. Humberto Cozzo solta uma risada franca ao ouvir Acuarone dizer que é Cleopatra quem está dedilhando a harpa. E leva-nos para ver a augusta creatura. Imaginamos logo um formidável modelo. Mas, oh decepção! Cleopatra nada mais era do que o encarregado do atelier que, em nossa homenagem, canta um trecho de ópera, acompanhado ao violão pelo pintor Acuarone que passa a relembrar como descobriu a sua tendência para a arte:

— Foi aos oito anos, mais ou menos, quando minha mãe me levou para assistir à "Boêmia" de Puccini. Vi o primeiro ato e gostei tanto que dormi nos outros.

"No dia seguinte, porém, desenhei a lapis de côr a cena de Rodolfo e Mimi. Minha mãe — que é irmã do pintor Oscar Pereira da Silva — achou a "obra" notável e andou mostrando-a em todas as casas da vizinhança. Desde então, acontece que eu sou pintor...

— Enquanto eu, diz Humberto Cozzo, quando era menino ainda, costumava brincar com o barro da rua. Era a minha distração predileta: fazer bonecos de barro. Creio que neste se encerra um prenúncio de vocação, não acha? Aos treze anos, ouvi alguém dizer que os que costumam trabalhar com barro são os escultores... Veio daí a fatalidade da minha vida.

— Quais foram os seus primeiros passos para realizar um ideal artístico?

— Os únicos que me eram permitidos, responde o pintor de "Felina". Frequentar a Escola Nacional de Belas Artes. Consegui-o com enormes dificuldades, pois a situação em casa, naquele tempo, era de franco racionamento... Nunca me foi possível frequentar escolas se-

eundárias. Entrei para as Belas Artes, ali estudando durante cinco anos; mesmo assim, considero-me quasi um autodidata. Tive como primeiros mestres Modesto Briceos, Rodolfo Chambelland e Batista da Costa. Cada um deles contribuiu com o seu quinhão. Felizmente nunca tentei pintar como nenhum deles, apesar de Batista da Costa haver deixado muitos imitadores...

"Já integrado intimamente no rumo vocacional que me impelia — diz o escultor de "Árvore Humana" — falei a meu pai a respeito das minhas intenções, e após alguma relutância, decidiu ele matricular-me no Liceu do Sagrado Cerçao de Jesus, em São Paulo, onde comeci os meus estudos. Meu primeiro mestre, é claro, foi o do Liceu: Agostinho Odílio. Passei depois para o Liceu de Artes e Ofícios, cujas aulas noturnas frequentei com assiduidade. Lá, tive a orientação de vários mestres, especialmente a de Amadeu Zani. Interessado pelo meu esforço e pelas tendências sinceras que eu revelara, Zani convidou-me para frequentar, durante o dia, o seu atelier. Foi ali que conseguí estudar mais amplamente, desenvolvendo-me sob os olhares do mestre.

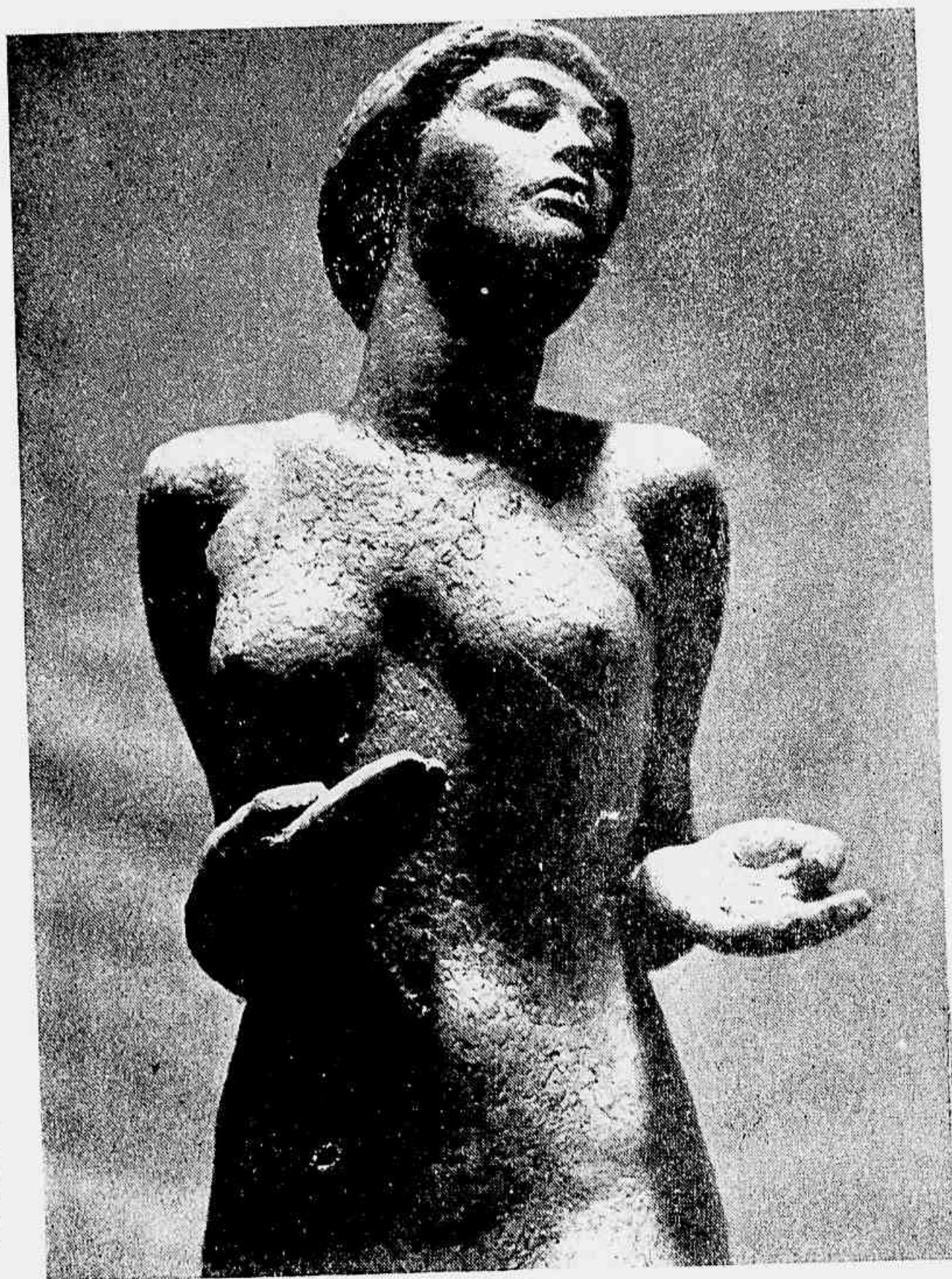
— Qual o gênero que mais lhe fala à sensibilidade?

— Em escultura não há gênero; há certas modalidades que não constituem, a rigor, sinão a própria essência da arte de modelar. Tanto a estatutária como a escultura tumular, ou a monumental, revestem-se, em última análise, de um mesmo espírito artístico, exigindo as mesmas qualidades de quem as professa. Posso afirmar isto, porque executo todas elas e em todas me sinto à vontade.

— Arte para mim, opina Acuarone, isto, é Arte com "A" maiúsculo, é exclusivamente a composição. A marinha e a paisagem, reduzem o artista à situação de simples intérprete da natureza. Questão de sensibilidade, habilidade e nada mais. A composição, no entanto, exige qualidades mais amplas e, por isso mesmo, raríssimas. Nela deixa-se de ser apenas "pintor"; consegue-se ser "artista".

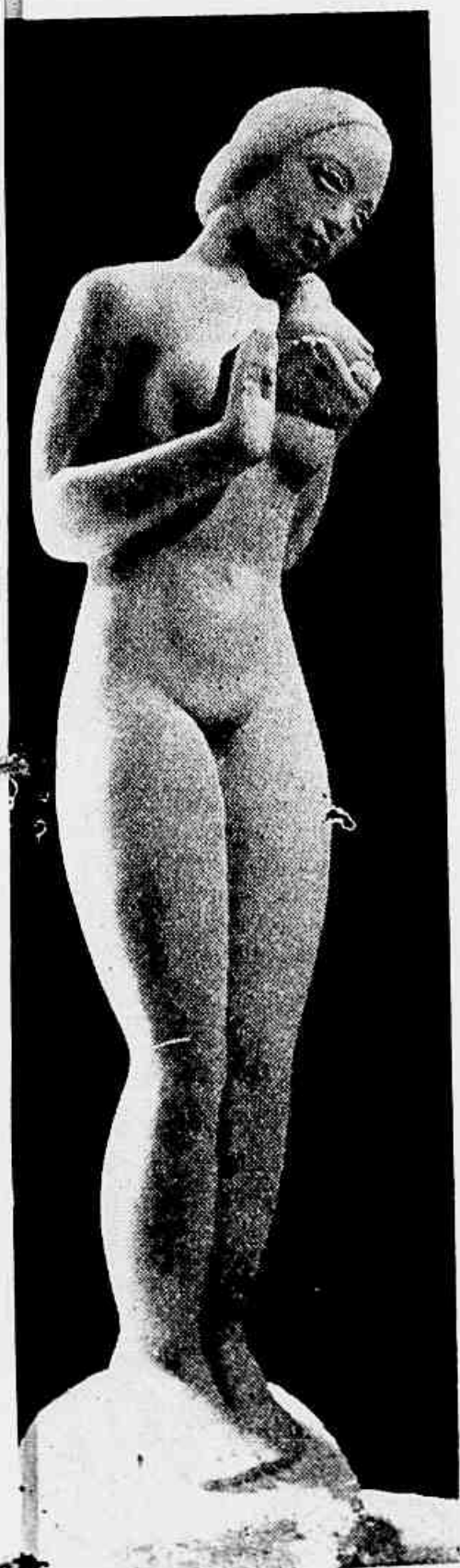
— Como julga a arte moderna?

— A arte moderna, ou melhor, modernista, é manifestação que muitos condenam e outros aplaudem. Quanto



"SUPLICA" — DE HUMBERTO COZZO, TAMBÉM SOBRE A INFLUÊNCIA DIRETA DO MODERNISMO.

A' ESQUERDA — "O QUE DEVE SEMPRE SER CONDENÁVEL, É O EXAGERO. CONVENHAMOS QUE, NO TERRENO DA ARTE MODERNISTA, OS EXAGEROS PROLIFERAM, A DESPEITO DE ALGUNS TRABALHOS BONS"... — FOI ASSIM QUE COZZO SE MANIFESTOU. A' DIREITA — NESTE *panneau* DE FRANCISCO ACUARONE, NADA SE ENCONTRA DA EXAGERADO. OS MUARES ESTÃO PERFEITOS, AS ÁRVORES SÃO ÁRVORES MESMO E O PRÓPRIO CÉU NÃO SURTIU DE UM DESCUIDO DO PINCEL, DEIXANDO ESPARRAMAR O OLEO...





"FOI AOS OITO ANOS, MAIS OU MENOS QUANDO MINHA MÃE ME LEVOU PARA ASSISTIR À "BOEMIA" DE PUCCINI. VI O PRIMEIRO ATO E GOSTEI TANTO QUE DORMI NOS OUTROS TRÊS..." — MAIS AQUI, NÃO É A BOEMIA QUE OUVIMOS, PORQUE O CANTOR, PODE SER TUDO, MENOS TENOR...

ANDRÉ VENTO ESTÁ PRESENTE EM TODOS OS RECANTOS DO VELHO CASARÃO DA AVENIDA AUGUSTO SEVERO, ATRAVÉS DO CULTO DE HUMBERTO COZZO E FRANCISCO ACQUARONE QUE AQUI APARECEM NUMA FOTOGRAFIA, NA QUAL ESTÁ TAMBÉM O SAUDOSO ARTISTA



a mim, penso que qualquer esforço honesto, no terreno artístico, deve ser respeitado e acatado, embora com as devidas restrições. O que deve sempre ser condenável é o exagero. Convenhamos que, no terreno da arte modernista, os exageros proliferam, a despeito de alguns trabalhos bons que surgem de vez em quando.

Ouvindo a resposta de seu amigo Cozzo, o pintor de "Sinfonia do Guarani", empolga-se e acaba declarando que:

— A arte moderna é apreciável quando boa. Para mim não existe arte clássica, romântica, impressionista ou moderna. Só existe arte boa e má. Presta ou não presta. — E continua:

— A chamada "escola modernista" é coisa inocua. Não se deve dar fóros de escola a um amontado de trabalhos, frutos da alucinação e do "delírio de cartaz" de certos cavalheiros...

"O desenho não está correto? É intencional. As tintas estão sujas? É intencional. A perspectiva e a anatomia estão erradas? É intencional. O desenho, a cor, o ar, a planimetria, tudo isso é "acadêmico". O resultado é o que o meu amigo vê em todos os salões e exposições modernistas: — eleições, monstros e charadas pitorescas. No último certame oficial, por exemplo, andei quebrando a cabeça para "adivinhar" certos quadros; infelizmente os autores se haviam esquecido de dar, no catálogo, as chaves das "verticais" e "horizontais".

✱

ASSIM CONTINUOU FALANDO ACQUARONE.

— Terão as novas escolas estéticas, grande influência na arte do pós-guerra, foi a pergunta que fizemos à queima-roupa, ao escultor Humberto Cozzo, que sentado num banco trabalhava em um novo trabalho. prontamente veio a resposta:

— Creio que sim. Todos nós sabemos que o mundo está se transformando. Ora, a arte, como reflexo dos ambientes sociais que se sucedem, ha-de, forçosamente refletir o panorama social do pós-guerra.

— Não creio, replica Acquarone. Elas só existiram em virtude da inquietadora confusão que se implantou no mundo, entre as duas grandes guerras. Uma onda de mediocridade invadiu o globo, criando um longo período de excessos de nacionalismo e de restrições físicas e morais de toda a espécie. Ambiente tão propício à germinação das flôres do espírito. Nada de relevante, portanto, poderia esperar-se de uma época como esta. É época de profunda depressão intelectual. Daí, podermos afirmar todos os que nela vivemos: Somos uma geração de respeitáveis mediocres...

E concluindo:

— Tais coisas, de resto, já foram por mim amplamente estudadas em uma "História das Artes Plásticas no Brasil" cujos originais acabo de entregar aos editores F. Briguiet. Será um esplêndido volume, em cuja confecção estão sendo empregados quase duzentos mil cruzeiros. A obra, que aquela editora deverá lançar nos primeiros meses do ano próximo, constituirá um notável esforço no terreno editorial, pois vai ser lançada também na Argentina e nos Estados Unidos, em hespanhol e inglês.

✱

Enquanto sobiam "críticos" esportivos nota-se um completo desinteresse dos jornais cariocas em manter uma seção de artes plásticas, embora o povo já se interesse por essas questões, correndo em massa às exposições e visitando a nossa pinacoteca. É raro depararmos com uma coluna de crítica sobre pintura e escultura, razão porque indagamos aos dois artistas se temos uma crítica de arte capaz de guiar os jovens artistas.

Com aquela franqueza que lhe é peculiar, Acquarone respondeu que:

— Nunca tivemos tal coisa. Eu mesmo, que exerce o jornalismo, há muitos anos, posso assegurar isto: Tudo o que se escrevia aqui, a respeito dos artistas, é pura "ação entre amigos", cujas rixas correm de preferência nas edições dominicais de nossos jornais diários...

Humberto Cozzo teve idêntica opinião, afirmando-nos que:

— Apesar de alguns homens de letras ou jornalistas, munidos de boa vontade, escreverem a miúdo sobre questões de arte, não têm servido, contudo, para guiar e, muito menos, orientar os jovens artistas.

✱

Procurando desvendar um mistério, conseguimos uma entrevista sobre arte. Valeu a descoberta!



Aspecto colhido no salão do Palace Hotel, quando ali se inaugurava a 1.ª exposição do pintor Alberto Lima, sob o patrocínio da Sociedade Brasileira de Belas Artes, vendo-se ao centro, d. Aquino Corrêa arcebispo de Cuiabá, ladeado por distintos ornamentos da nossa sociedade, colegas e amigos do expositor, que é também nosso antigo companheiro de redação.

35



No Copacabana Palace realizou-se uma festa de caridade promovida pela senhora Rodrigo São Paulo, em benefício da Pequena Cruzada. As figuras mais representativas de nossa sociedade compareceram a essa reunião, sendo o chá oferecido pela senhora Otavio Guinle. Foram realizados jogos carteados, em que tomaram parte as senhoras Augusto de Gregorio, Otavio Guinle, Chermont de Brito, Condessa de Sarre, Silva Pinto, Bernardes Filho, Waldemar Cardoso Martins, Joaquim Mota, Gomes Pereira, Silvio Melo Leitão, Julio Nogueira, Pinto Guedes, Flavio Brando, Nelson Azevedo Branco, Flavio Barroso, Manoel Garcia, Eloy Monero, comandante Daniel Parreira, Ruy Pinheiro Zamith Mammana, Julio Avelar, Sousa Aguiar, Mario Pareto e Pedro São Paulo. O salão do Copacabana Palace estava decorado com flores de várias cores e qualidades, tendo a senhora Rodrigo São Paulo recebido as mais vivas congratulações pela filantrópica festa que havia promovido e que tanto êxito alcançara.

FIGURAS E FATOS

A FESTA DA PRIMAVERA NA CENTRAL DO BRASIL — Constituiu acontecimento social de grande brilho a Festa da Primavera dos ferroviários, realizada no dia 30 de Setembro ultimo no salão nobre da Central do Brasil, e na qual foi coroada Rainha dos Ferroviários a sta. Anesia Nogueira, funcionária do Serviço de Turismo e Publicidade dessa ferrovia, previamente escolhida no seio da numerosa classe. Num ambiente de requintada elegância, ricamente ornamentado de flores naturais, viam-se figuras de relevo na sociedade, sendo a reunião presidida pelo Ministro da Viação, que se fazia acompanhar da Sra. Mendonça Lima. São da linda festa as duas fotografias que ilustram este registo, vendo-se, na primeira, a Rainha dos Ferroviários cercada pelas suas Princesas de Honra e pelos convidados, e na segunda o momento em que o ministro Mendonça Lima colocava a corôa simbólica na sta. Anesia Nogueira.





Use o Sabonete de Gene Tierney!

Você verá como é deliciosa
sua espuma! Sentirá como seu
perfume é fragrante e delicado! En-
tão compreenderá porque Lever é

o sabonete
preferido por
9 entre 10
estrelas do
cinema!

**VEJA COMO
LEVER É
ECONÔMICO!**
LEVER É FEITO
ESPECIALMENTE
PARA PRODUZIR
ESPUMA COM
RAPIDEZ-PORISSO
GASTA MENOS.



★ LEVER
- o sabonete das estrelas!

LINTAS LTS 74-0373 B

Quem matou Algernon Ashe?

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 15)

dor) ele perdeu todo o interesse e o pouco de piedade que poderia sentir desapareceu.

Maude já não chorava como antes. Agora, toda a vez que pensava em Algernon era uma angústia que a perturbava, uma insatisfação que a martirizava. Tinha impetos loucos de correr atrás dele, arrojá-lo nos seus pés, agarrá-lo, e beijá-lo, beijá-lo até que ele ces-

desse. Maude era uma "dama", e, os ingleses dão muita importância a essa palavra, pois ela significa que é uma mulher educada, que sabe conter os seus impulsos menos sociais, os seus impulsos primitivos. E aqueles impetos selvagens que ela sentia, quando pensava em Algernon, eram, positivamente, sentimentos impróprios a uma dama. Mas os sentimentos são tirânicos. Existem, sem que ninguém os solicite e, quando solicitados, furtam-se.

Uma pancada à porta do banheiro fê-la voltar à realidade.

— Que é que há?
Era o pai.
— Você está aí Maude?
— Estou. Que é?
— Nada. É' que o gongo do jantar já bate há muito tempo.
— Já vou lá.

Descendo as escadarias de mármore, rumo à sala de jantar, Maude disse ao pai, com voz indiferente.

— Sabe quem está no hotel?
— Não.
— Algernon Ashe.

Pelos olhos do velho passou um brilho de ódio.

Maude correu os olhos pela sala. Algernon não estava. Não viera jantar. Com certeza, nunca jantara no hotel, pois nunca o vira a si. Sim, com certeza jantara com alguma mulher. Trouxera, sem dúvida, alguém para consolá-lo... Maude fez um esforço para esquecer Algernon. Começou a observar, atentamente, cada um dos hóspedes que jantavam, no salão, quando, subitamente, percebeu, lá no fundo da sala Mary Freeman com o marido.

— Mary!
Levantou-se e foi falar com a amiga.
— Mary! Você por aqui?
— É' verdade. Estamos passando alguns dias no hotel.

— Como vai Ricardo?
O marido de Mary levantou-se e apertou a mão de Maude.

— Muito bem, obrigado, Maude. Você como vai? Como vai Londres?

Maude, de repente, lembrou-se de que Freeman morava com a mulher em Paris e que nunca mais fora a Londres. E, imediatamente, as razões do afastamento voltaram, também. Airda Algernon. Parecia até que a sombra do rapaz a perseguia! Mary Freeman apaixonara-se por Algernon e, diziam as más línguas, estivera prestes a abandonar o marido por causa dele. Tudo isso sucedera muito antes de Maude conhecer Mary, fizera relações com ela em uma viagem a Paris. Antes, enquanto amava Algernon, enquanto passava aqueles dias magníficos ao lado dele, não conhecia a história daqueles amores.

— Londres? Vai muito bem. Tudo na mesma. Se você fosse lá, hoje, não notaria a diferença.

— E nós ainda nos zangamos quando os outros nos chamam tradicionalistas!...

— É' verdade.

E, de repente, caiu um silêncio embaraçoso... Não sabiam o que dizer. Era o caso do encontro inesperado de pessoas que não se conhecem muito bem e que depois das saudações convencionais não sabem mais o que dizer.

— Então, quais são as novidades?

O esforço de Mary para dar animação à conversa foi baldado. Porém o maior desastre foi a chegada de Algernon. Estavam no meio de uma palestra um tanto forçada. Mary, o marido, Ricardo, Maude e o pai, quando apareceu em cima da escada Algernon. Ele deu uma olhadela pela sala, e encontrou os olhos de Maude, do velho Marshall, pai dela, de Mary Freeman e de Ricardo Freeman. Uma ligeira ruga de agrado apareceu na sua testa lisa. Porém, com toda a correção, avançou para cumprimentá-los. O embaraço, que já era grande, aumentou. Todos estavam ao par da situação e altamente conscientes

Foi dia 30 de Setembro último realizou-se com grande brilho na capital paulista, a solenidade de formatura das alunas desse conceituado estabelecimento de ensino profissional, que vieram de concluir o curso, num total de 51 diplomandas. Na parte da manhã foi rezada missa votiva na Basílica de São Bento, tendo lugar, às 21 horas, no salão nobre do Centro Gaúcho, a cerimônia da entrega dos diplomas, patrocinada pelo Cap. Porfírio da Paz. Seguiu-se ao ato um sumptuoso baile.

A Escola de Corte e Costura "Sta. Terezinha", que funciona em São Paulo à Praça Marechal Deodoro n. 255, com filial à Praça Princesa Isabel n. 91 é dirigida há 21 anos pela professora sra. Augusta Gandra, tendo como professoras auxiliares as sras. Wandira de Jesus Bento e Candida Moreira Freitas. O curso completo é de 6 meses, de onde saem anualmente duas turmas perfeitamente habilitadas no mistério do corte e costura.

O clichê ao lado representa uma pose das diplomandas, que cercam a sua diretora, paranimfo e convidados, tomada durante a cerimônia realizada no Centro Gaúcho.

DE S. PAULO - ESCOLA DE CORTE E COSTURA "STA TEREZINHA"



Senhoras!
Se a
Natureza Falha
MENAGOL
REGULA!

do constrangimento que havia. Um incidente, em vez de divertir a atenção, aumentou a tensão. Apareceu, por sua vez, no topo da escada, Myriam e seu marido. Algernon levantou-se imediatamente murmurando um "com licença", apressado, e dirigiu-se para a moça.

— Myriam! que surpresa!
— Algernon!
Conversaram, cordialmente, durante alguns minutos. De repente, como que se só então se lembrasse da existência de seu marido, Myriam apresentou-o.

— Meu marido, Guilherme de Ruyter.
— Muito prazer, meu caro senhor. E minhas felicitações um tanto atrasadas pelo casamento de Myriam a que, infelizmente, não pude assistir.

— Agradeço-lhe da mesma forma. Como se tivesse assistido...

— E' muito amável... Myriam e eu éramos muito amigos...

— Eram?

— Isto é, somos. Não há dúvida... Maude, observando a cena, pensou: Esses dois não se encontraram por acaso... Tinham um encontro marcado... Encontro? Era estranho como todos tinham se reunido naquele hotel, sem ter marcado encontro. Os personagens de um drama... Está findo o primeiro ato, com a sua série de coincidências... Mary... Ricardo... Maude... Marshall... Myriam... Guilherme... Todos curiosos. E a figura central — Algernon Ashe.

— Vamos jantar?
A pergunta trivial quebrou a tensão. Entraram todos, juntos na sala, um atrás do outro, ou aos pares.

A' meia noite o telefone do apartamento de Algernon tocou. Mas não houve resposta. O rapaz estava no casino, jogando. Uma voz de mulher, agitada, conforme depois, mais tarde, a telefonista, implorava:

— Tente mais uma vez, por favor. Mais uma vez, pelo amor de Deus...

A telefonada viera de fóra do hotel. Seria uma precaução, para que não descobrissem de que quarto partira?

Enquanto a roleta rodava, comendo vorazmente o dinheiro dos jogadores e Algernon perdia uma soma elevada, no hotel, Maude conversava com o pai.

— Não.
— Minha filha, eu não estou lhe pedindo um conselho. Estou dando uma ordem. Sei que é para o seu bem. Devemos partir.

— Mas, papai, o senhor não compreende que, se eu não enfrentar essa situação, nunca me livrarei dessa obsessão, desse amor impossível?

— E você se sente com forças para enfrentá-la?

Maude baixou a cabeça.

— Era isso que eu estava prevendo. Partimos dentro de alguns minutos.

— Talvez seja, mesmo, melhor.

— Estou certo disso...

— Pode mandar reservar as passagens...

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o

— Senhorita, pelo amor de Deus. Tente mais uma vez! Eu TENHO que falar com ele antes de partir!

— A voz, de trás a telefonista, estava mais agitada da segunda vez.

Ricardo, de pé, no meio do quarto, olhava para Mary com ar irônico.
— Você pensa que eu não sei que você ama aquele homem?
— Ricardo!
— Sei. Sei que a velha paixão ainda não morreu. Nem esses anos em Paris conseguiram matá-la.

A esposa, amedrontada, não respondeu. O marido — como estava ridículo naquele pijama amarelo com listras azuis, baixo e gordo! pensou Mary — levantou-se e disse:

— Partiremos esta noite mesmo deste hotel. Não quero arriscar mais do que devo...

— Pelo amor que tem à sua mãe, senhorita. Tente mais uma vez. Era a terceira vez que telefonavam, de trás, mais tarde a telefonista, e a voz estava cada vez mais agitada...

Guilherme, de repente, levantou a voz:

— Você tem uma idéia muito errada da inteligência do marido, Myriam. Você pensa que eu não sei que casou comigo por causa do meu dinheiro?

— E que tem isso a ver com Algernon Ashe?

— Tem isso a ver com ele muita coisa, porque, se eu não fosse rico, e ele fosse, você ter-se-ia casado com ele.

— E que tem isso? Casei com você, não é verdade? Que mais quer? Sou sua esposa, não sou? A benção que você quer para enfeitar a sua casa e que trata como um objeto de luxo... Mais um câzinho para ser mimado e que, num momento de mau humor bem leva os seus pontapés!

— Você, com a habitual tendência das mulheres a ver um lado só da questão, está esquecendo as mordidas que o câsinho dá no dono. E que doem?

— Mordidas?!

— Você pensa que eu não sinto a sensação de asco que lhe causo? O modo aterrorizado com que você recua quando avanço para tomá-la em meus braços? A quem posso atribuir isso?

— Eu nunca gostei de intimidades demasiadas...

— Mas abandonava-se nos braços de seu Algernon, passiva, contente de servir de instrumento para a satisfação dos instintos daquele animal!

— Tome cuidado com o que diz! Está fazendo acusações terríveis!

— ...Acusações cuja gravidade medil quer dizer que está certo de que...

— Se você tivesse a oportunidade abandonar-me-ia, iria cair nos braços de Algernon Ashe!

— E' mentral!

— Como?

— E' mentral! Eu nunca fui beijada por ele! Ele nunca me beijou!

— Oh! — Você diz isso como se sentisse não ter acontecido...

— Sim. Sinto. Já estou farta dessa vida, farta de tudo isso! Quero viver, ser feliz! Feliz! Amar! Sim, nos braços dele, passiva como você disse. Dele! Dele!

O marido, num ímpeto de cólera, esbofetou-a. Depois, saiu batendo a porta. Ela ficou a soluçar, caída na cama.

— Meu Deus do céu! Será possível! Onde estará ele? Não disse para onde ir? Tente mais uma vez, senhorita, por favor!

Foi essa a última telefonada, de trás a telefonista do hotel. A voz da mulher, na última vez, parecia desesperada.

A uma hora da madrugada partiu um expresso para Paris. Nele iam Maude e Marshall; Ricardo e Mary; Guilherme e Myriam.

No dia seguinte foi encontrado, caído no jardim do casino, o corpo de Algernon Ashe. Morreu pouco antes de uma hora. A' meia noite e meia, de trás o porteiro do casino, saiu, tendo recebido um bilhete. O bilhete estava na mão do cadáver e era o seguinte:

Amor:

Parto imediatamente. Não posso revê-lo — Amo-o sempre. Perdão não poder dizer-t'o pessoalmente. Adeus. Adoro-te.

— ...M?
— Quem será?
Na véspera tinham partido três ossais.

Maude Marshall: 24 anos, solteiro proveniente: Paris. Destino: Paris. Branca, 52 quilos 1m 54, loura de olhos azuis.

Maurice Marshall: 57 anos, viuvo. Proveniente: Paris. Destino: Paris. Branco, 1m 53, 54 quilos, moreno de olhos negros.

Mary Freeman: 31 anos, casada, proveniente: Paris. Destino: Paris. Branca, 67 quilos, 1m 63, morena de olhos castanhos.

Ricardo Freeman: 33 anos, casado, proveniente: Paris. Destino: Paris. Branco, 70 quilos, 1m 70, moreno e olhos azuis.

Myriam de Ruyter: 20 anos, casada, proveniente: Holanda. Destino: Holanda. Branca, 60 quilos, 1m 50, loura de olhos azuis.

Guilherme de Ruyter: 35 anos, casado, proveniente: Holanda. Destino: Holanda. Branco, 70 quilos, 1m 75. Louro de olhos azuis.

— Os vestígios são muito interessantes.

— Como assim?

— Leu o registro do hotel?

— Li.

— Veja agora isso.

O Sargento mostrou ao detective um pequeno pedaço de papel, meio queimado, com três números — 87-88-89 e uma seta apontando para o oitenta e

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINACAO GARANTIDA SEM CORTES
ESPEC. GUILHERME KLOTZ
SAO PAULO - 1471 Av. Brig. Luis Antonio
TRATAMENTOS CIENTIFICOS DA CUTIS
Pode enviar as prospectos!
CORTES
ENDREÇO

oitenta. No verso: havia: cráter indeciso. Calmo. Calmo demais. Movimentos lentos. Precisa mais energia, mais vigor. Precisa, antes de tudo, um pouco mais de decisão e de rapidez. Assim, verá como vai ser feliz.

— Estranho!

— Conhece isso?

— Não. Onde o achou?

— No chão, perto do cadáver. E' simples. O criminoso procurava alguma coisa e acendeu vários fósforos que foram encontrados pelo chão. Porém, está pelo chão, também, a caixa de fósforos.

Logo, ele acabou com os fósforos e piscou de alguma coisa para iluminar o chão. Que fez? Tomou o cartão que tinha no bolso e tocou fogo. Depois, achando o que desejava, apagou o fogo e atirou o cartão ao chão.

— Interessante. Mas não vejo nada de esclarecedor nisso.

(CONTINUA NA PÁGINA 46)

*Tem o perfume
que deixa Saudades!*



**Royal
Briar**

PÓ DE ARROZ

ÁGUA DE COLÔNIA

LOÇÃO - BRILHANTINA

ÓLEO - ROUGE - BATON - TALCO

O Dr. Lucio Pedro Pandolfi
tem o prazer de comunicar a VV. SS. que
inaugurou o seu novo Consultório Médico
à AV. PRESIDENTE WILSON, 298-ap. 203
com telefone 42-3301 — Edifício Castel-
mar.

Clinica Médica — Sífilis — Ultra-
violeta — Infra-vermelho. Diariamente, das
8 às 11½ e das 16 às 20 horas.

SÃ MATERNIDADE
CONSELHOS E SUGESTÕES PARA FUTURAS MÃES
Prof. ARNALDO DE MORAES
3.ª EDIÇÃO PREÇO: Cr\$ 15,00
Pedidos à LIVRARIA F. ALVES — Rua OUVIDOR, 166



Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa"
ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar, para
garantir o seu bom humor diário e a saúde de toda sua vida!

"SAL DE FRUCTA"
ENO



Livros

DESTINOS DO MEU DESTINO, romance de Tetrá de Telfé — Rio de Janeiro, 1944.



EPASA

A sra. Tetrá de Telfé prossegue vitoriosamente na sua carreira de romancista. Aqueles que lhe predisseram um êxito crescente neste gênero de literatura vêem confirmar-se, cada vez com mais evidência e brilho, a sua maneira de ver e de julgar. Por mais que, na produção para jornais e revistas, ela se possa consagrar à fantasia, à poesia, é sobretudo uma escritora que sabe observar e sabe contar. Fará da sua pena o que quiser, não ha duvida; mas, se a deixar dirigir-se por si própria, a pena se encaminhará para a obra de exame e comentário da vida — e este conceito, certamente o confirmarão todos os seus leitores, aqueles mesmos que não ignorem ser hábito da senhora de Telfé escrever à máquina.

Em *Destinos do meu destino* mais uma figura de mulher de feições e alma nitidamente desenhadas, finalmente coloridas, se alinha e fixa na galeria que a artista não cessará de enriquecer. É aquela uma criatura, não das que encontramos todos os dias ou por toda a parte, mas cuja singularidade a sra. Tetrá de Telfé soube tornar, tanto quanto possível, natural. Emprestou-lhe singeleza e espontaneidade. Animou-a dum "ar" de verossimilhança, graças ao qual não somente achamos plausível tudo o que ela faz, como até, de certo ponto da leitura em diante, entendemos que todas as verdadeiras mulheres, em análoga situação e através de episódios semelhantes, fariam exatamente o mesmo. Até nas suas fraquezas prevalece alguma coisa de sublime, aquela virtude, aquela essência que, por via de regra, reside no coração feminino. Trata-se aqui dum estudo psicológico que nada poupa, na sua acuidade, na sua ansia de surpreender e revelar. Penetra todos os escaninhos da emotividade. Assesta a sua lanterna de pesquisa contra aquilo que num ser humano possa constituir segredo ou disfarce. A sua investigação é implacável. Põe a alma ao léu. Nunca, porém, àquela inflexível indagação, deixa de juntar a noção da beleza nem o ímpeto da piedade. Análise e ternura são coisas separadas; mas esta romancista as reúne e conjuga, estabelecendo entre elas uma ditosa harmonia. Nem uma nem outra têm razão de queixa. Ambas prevalecem, irremediavelmente.

Com o seu sofrimento e as suas reações; a sua generosidade, mal empregada às vezes, outras vezes simplesmente incompreendida; uma destas lealdades que parecem feitas para suscitar as traições; uma coragem extraordinária que, de onde em onde, a não livra de ser vencida: dada aos impulsos mais perigosos e todavia, fóra desses momentos, cheia de reflexão e revestida de serenidade, Fábria passa aos nossos olhos sem nenhuma incoerência — susceptível apenas das contradições a que andam sujeitas todas as filhas de Eva — e os filhos de Adão também. Não a podemos censurar; temos pena dela, isso sim, nos seus transe de desastre ou amargura. E, afinal, não lhe sucede a desgraça suprema, que seria, depois de ser mãe, morrer. Disto a criadora, compadecida, salvou a criatura. Sim, a protagonista do romance narra, ela própria, de princípio a fim, as suas aventuras. Sempre na primeira pessoa. O livro termina quando, pelo poder sugestivo do estilo, acreditamos que ela se vá suicidar. Mas logo nos volta a razão e concluímos: Fábria está viva e sã. Talvez deixasse de amar o leviano e pérfido Roberto; talvez até aceitasse, como esposa, a afeição do boníssimo, fidelíssimo Artur, de quem hoje terá filhos ainda mais belos e saudáveis que o primeiro... Talvez, quem sabe?

* * *

HOMENS DA AMÉRICA, estudos biográficos de Osvaldo Orico. — Rio de Janeiro, 1944.



O sr. Osvaldo Orico faz neste livro uma bela, útil, meritória viagem pela história política da América. Anima-o o intuito de admirar, que constitui a mais preciosa bagagem dum turista da sua qualidade. Não tem itinerário estabelecido, quer dizer: com lugares sistematicamente designados, por onde passar mais depressa, onde se demorar certo tempo, em passeios e visitas de obrigação. Nada de idéias preconcebidas, de partido previamente tomado. Deixar-se-á conduzir exclusivamente por dois guias e a esses, sim, obedecerá sem reservas: o seu espírito e o seu sentimento. Passará os dias a entusiasmar-se e a enternecer-se. Os seus juízos terão a alternativa das suas emoções; e não raro coração e pensamento hão de entrar na mais ditosa harmonia.

Assim o sr. Osvaldo Orico percorreu os países, para neles contemplar a imagem imortalizada dos seus heróis, os seus libertadores, os seus reformadores, os filhos da raça e da terra que inolvidavelmente as souberam servir e honrar. Trouxe na inteligência e na sensibilidade uma galeria de retratos em corpo e alma inteiros, a que havia de acrescentar, como bom artista, o seu retoque pessoal: dos Estados Unidos, Washington, Jefferson, Lincoln; do México, Juárez; de Cuba, José Martí; da Venezuela, Bolívar; da Colômbia, Santander, do Peru, Sucre; do Chile, O'Higgins; da Argentina, Sarmiento e San Martín; do Uruguai, Artigas; e, de regresso ao Brasil, certamente os seus olhos de intelectual e de patriota reviram, com acrecido respeito e comoção mais profunda, os vultos de Tiradentes, D. Pedro I e Caxias.

O livro traz um prefácio primoroso — que já fez parte da primitiva edição da obra, em castelhano — assinado pelo alto diplomata, que é também escritor admirável, Octavio R. Amadeo, e um juízo do insigne ex-presidente do Chile, Arturo Alessandri. O sr. Octavio Amadeo faz um resumo da obra, quer dizer: apresenta em luminosa síntese cada uma das grandes figuras que a inspiraram. Nos poucos parágrafos que consagra a qualquer daqueles biografados, deixa definições, comparações, imagens de subtil e decisiva eloquência. Antes, porém, desses panegíricos em escorço ou em *raccourci*, desenhada, a traços igualmente rápidos, a figura literária do sr. Osvaldo Orico, para concluir: "Tal é o autor desta obra que ele batiza modestamente com o título de "Homens da América", fugindo do exagerado. Em vez de heróis, cumes, próceres, limitou-se a dizer "homens". E disse bem. No homem tudo está encerrado — e é o que mais interessa. Na pessoa está compreendido o personagem, e é o integral e o completo. O herói de uniforme é o mesmo homem em chinelas. E é deste que precisa o bom biógrafo.

Orico realizou uma dura tarefa literária e um feliz ensaio político ao incluir em seu livro a vida sintética de quinze próceres pertencentes a dez nações da América. É uma eficaz obra de panamericanismo, uma colaboração magna ao empenho civilizador de Franklin Roosevelt e de tantos outros americanos ilustres que lutam por salvar um grupo de liberdades essenciais para o homem de qualquer país e de qualquer tempo".

* * *

MARIA, trovas de Soares da Cunha — Belo Horizonte.

Muita gente, à primeira vista, julgará que é um livro chinês. Não tem nada disso. A capa mesma, à segunda vista, destrói tal suposição. O volume, que não traz as páginas numeradas, compõe-se de quadras em redondilha menor — a razão de uma por

Novos

página — de puro sabor galante ou trovadoresco. Poderá uma ou outra desviar-se da feição de serenata para o sentido irônico ou o conceito de leve filosofia... Mas o poeta se mostra quasi sempre apaixonado bem como disposto a preclamar esse estado de alma. E a maior parte destas quadras o colocam em lugar honroso entre os melhores — que, em verdade, não são poucos — da trova enamorada e galanteadora. Citemos aqui e além:

*Das dores todas da vida
Não pode haver maior dor
Que passar a vida inteira
Sem dor alguma de amor.*

*Saudade, sombra, fantasma
Coisa que, bem, não se explica:
Algo de nós que alguém leva,
Algo de alguém que nos fica.*

*O meu olhar é um peralta
Que não tem olho, menina:
Tudo aquilo que lhe escondes,
Por sinjanga ele adivinha.*

*Os teus olhos são tão negros
E possuem tal magia
Que, meu bem, quando me filas,
Anotece em pleno dia!*

*Quando vou telefonar-te,
Fico tão alvoroçado
Que é bem possível que escutes
Meu coração do outro lado!*

* * *

HISTÓRIA DUM PINTOR, CONTADA POR ELE MESMO, memórias de Antônio Parreiras — Niterói, 1944.

História de um Pintor



Excelente serviço prestado à arte brasileira a reedição deste livro. Devemo-la ao Interventor comandante Penani do Amaral Peixoto que já maior benefício rendera à pintura nacional, dotando-a e honrando-a e ao Museu Antônio Parreiras, criado por decreto de 24 de Janeiro de 1941 e inaugurado a 21 de Janeiro de 1942. Naquela placa comemorativa, ficou, junto ao nome do político e administrador bem inspirado e infatigável, com quem o Estado do Rio de Janeiro está contraindo de dia para dia maior dívida de gratidão.

Para a impressão do presente volume, valiosamente concorreram diligências do Desdr. Athayde Parreiras, afilhado do paisagista inconfundível e a quem este, não a outrem, incumbiu de tal missão. Comporta agora a obra uma "segunda parte" inédita. Está assim consideravelmente acrescido o seu interesse. E mais valiosa também se tornou a lição deixada por Parreiras a todos os que à arte se entregam de corpo e alma, nem sempre com a esperança bem nítida, bem firme, de vencer. O criador duma nova visão e um novo sentimento da paisagem brasileira ensina a todos os que, como ele, começaram esforçada e arduamente, a não ceder a nenhuma influência deprimente, nenhuma hostilidade, nenhuma espécie de obstáculo, pondo acima de tudo e contra tudo fazendo prevalecer o entusiasmo laborioso e a fé no seu ideal. A sua vida se formou duma operosidade e uma peleja sem tréguas. Teve inimigos, aquele número de inimigos que Eça de Queiroz declarou indispensável para confirmar uma superioridade. Sofreu alguns revêzes, que lhe não causaram dano, antes serviram para dar mais rija ténpera à sua fibra combatente, mais convicção e profunda lhe tornar a aspiração essencial. E aqueles que, forçados a reconhecer-lhe o talento, de intérprete dos parâmetros da Natureza, queriam negar ou fingiam pôr em dúvida a sua aptidão para outro gênero de pintura, respondeu com as telas de nú aceitas no "Salão" da Sociedade Nacional de Belas Artes de Paris; e em os trabalhos mais de figuras e de composição: com os quadros históricos e as alegorias que se encontram, enriquecendo edifícios públicos, em capitais e grandes cidades do Brasil. Foi sempre um lutador e sem pre, por fim, um triunfador.

Em apêndice ao presente volume veem diversas poesias inspiradas no quadro *Sertanejas*, que Antônio Parreiras expoz em Outubro de 1896. Eis um soneto assinado por Olavo Bilac:

*O' verdes, verdes horas passageiras
Do Amor! verdes planícies da Ventura!
No vosso encanto, que tão pouco dura,
Sois verdes como as serras brasileiras.*

*Aqui, na glória de viver, Parreiras,
Muitos — n'este infinito de verdura,
Verão que o próprio coração fulgura,
Verde, ao clarão das ilusões primeiras...*

*Mas, diante d'essas telas, algum dia
Virão parar, mirando-as tristemente,
Almas defuntas, corações fanados:*

*E, aí! paisagens da Vida e da Morte!
Como esse verde de Esperança ardente
Tortura as almas dos desesperados!*

J. L.

* * *

NAÇÃO ARMADA

Recebemos o n. 59, correspondente ao 5.º ano de *Nação Armada*. É a edição referente ao mês de Outubro do corrente ano.

* * *

CASA DO ESTUDANTE

Recebemos o Relatório da Casa do Estudante referente ao exercício de 1943. É um documentário completo, comprovando o desenvolvimento que a instituição vem obtendo.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



Apenas um lembrete
de que a adorável fragrância
de Lavender, de Yardley,
voltará com a paz.

Yardley
de Londres

No SOL
ou FRIO

No AR
ou MAR

NÃO são poucas as ocasiões em que a ação do vento ou da temperatura, pode afetar os lábios, tornando-os ressecados e até rachados.

Lábios gretados e doloridos são incômodos e desagradáveis, tanto para o belo sexo como para os homens que trabalham expostos às intempéries.

LIP-POMADE é uma criação especial para evitar esse desagradável acidente. Homens e mulheres têm, nesse moderno defensor, a solução desejada graças à qual podem arrastar os ventos, as alturas, as praias, sem qualquer contratempo.

LIP-POMADE

Para os seus lábios

É UM PRODUTO
ROGER & GALLET
PARIS — NOVA YORK — RIO



Modas



1 — SIMPLES ESTILO SPORT, COM ENFEITE DE TIRAS, BOLSOS APLICADOS SOBRE FUNDO DUBLO.

2 — CORTE SIMPLES, FRANZIDO NA FRENTE E TODO PESPONTADO.



RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

3 — DUAS FAZENDAS EM CORES CONTRASTANTES; A CÔR CLARA PESPONTADA.

4 — A ORIGINALIDADE DESTA VESTIDO CONSISTE NOS BOLSOS EM FORMA DE TULIPA PESPONTADOS, GELA GODET.

Cabelos Brancos??
Escurecedor Discreto

Informações:
Rua Flack, 153-Rio. T. 29-2840
OLEO — LOÇÃO



CABELOS BRANCOS?
LOÇÃO
Brilhante

5 — NESTE TAMBÉM SÃO OS PESPONTOS QUE FORMAM O FEITIO EM TORNO DAS PREGAS.

6 — ORIGINAL COSTUME-VESTIDO, O CORTE DA BLUSA É DE COSTUME, MAS É APENAS UM VESTIDO ORIGINAL COM OS BOLSOS GRANDES FORMADOS POR DUAS TIRAS VIRADAS.

7 — VESTIDO SIMPLES COM UMA GRANDE PREGA FORMANDO TIRA NA FRENTE E PESPONTOS.

8 — DUAS ORDENS DE BOLSOS, CORTE PESPONTADO E BOTÕES QUADRADOS.



incarelli

ALMIRANTE BARROSO, 5 ★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO



Todo o encanto de uma "Estrêla" do Cinema

Os corações nobres cedem ante a graça de um sorriso que Kolynos tornou atraente. Kolynos é o Crème Dental de Triple Ação: (1) limpa, (2) embeleza, (3) refresca, de uma só vez. Experimente e verá como lhe agradam o sabor e a ação penetrante da espuma de Kolynos, que proporcionará maior encanto à sua personalidade.

Use-o com Confiança



ANSELMO DOMINGOS

QUASE

Na lista de autores brasileiros de teatro que mais aprecio, tenho o prazer de ter incluído Raimundo Magalhães Junior. E não é de hoje. Vem do tempo em que aproveitando sua permanência nos Estados Unidos, quiseram atacá-lo por ter escrito a *Família Lero-Lero*. Pelo microfone da antiga Educadora, no meu programa de teatro, fiz então uma defesa que mereceu de mim próprio, mais tarde, as maiores admirações. E ninguém me pediu nada hein?! E muito menos o Raimundo Magalhães Junior.

Tempos depois, isto é, agora, ao saber de sua nova peça histórica, *Vila Rica*, da qual Jaime Costa me fez as melhores referências tornei a falar nele, no *Jornal dos Teatros*, da Rádio Tamboi, sem medir tempo nem raciocinar elogios. Tudo franqueza, porque não me encomendaram nada, nem tive ainda o prazer de apertar a mão de Magalhães Junior.

Mas eis que se dá o parto da montanha! Noutro dia, escrevi que Prápio Ferreira, para a sua presente temporada no Serrador, tinha peças de R. Magalhães Junior, e outros. Depois acrescentei: "entre os outros é possível que apareça alguma coisa interessante".

Foi a cont! Quase eu ganho um inimigo mais, o que em verdade não seria nenhum desprezo, tratando-se de quem se trata. Mas foi melhor evitar, como o fiz e estou fazendo agora.

Creia Raimundo Magalhães Junior que eu o continuo tendo como um dos nossos melhores autores. E,

se alguma coisa aparecer, realmente, de interessante "entre os outros", jamais sombreará seus grandes méritos.

De tudo isso só lamento uma coisa: que ninguém lhe tenha contado o que eu de bom já falara dele.

Mas ainda é tempo de fazer justiça — oh, recortadores de jornais e revistas que trabalhais de tesoura e lapis vermelho em punho!

Fazei-me um favor: mandai esta nota, recortada

COMO TODO BOM WHISKY ESCOCÊS...

Johnnie Walker



sofre certa escassês, hoje em dia. Contudo, mantem-se escrupulosamente sua excelente qualidade, sem qualquer alteração e continuamos a fornecê-lo com a maior equidade.

John Walker & Sons Ltd.,
Scotch Whisky Distillers,
Kilmarnock, Scotland.

Nasceu em 1820 —
mas continua na moda.

de cifras muito mais elevadas e pelo trabalho muito menos penoso.

Delorges e Lucia Delor, ao que se diz, formarão no *cast* exclusivo da Rádio Transmissora, perdão, da Rádio Globo.

RESPONDAM:

Da entrevista que Raimundo Magalhães Junior concedeu a esta revista na semana passada, destaco este trecho:

"É preciso que se note, ainda, que a temporada dos *Comediantes* não teve continuidade. Foi um acontecimento esporádico, que galvanizou por alguns dias a atenção de determinado grupo social. Não sabemos, porém, o que aconteceria se os *Comediantes* insistissem nessa classe de espetáculos durante um ano inteiro. Será que o público acompanharia os *Comediantes* durante tantos meses, uma vez tivesse a iniciativa perdido o caráter de novidade e passado o barulho inicial que se fez em torno da mesma?"

INOCENCIA

O Luiz Peixoto passou com o Freire Junior pela porta do Recreio e olhou os cartazes. Lá estava: "Esta terra é nossa".

Virou-se para o seu parceiro e perguntou sem malícia:

— E a revista de quem é?

Amor

para
seus lábios

A cor mais sedutora já descoberta

O sensacional Vermelho-Amor de VanEes é uma cor tão vivida e deslumbrante, que basta passar uma só vez nos lábios para transformar todo o semblante, emprestando-lhe um "quê" de irresistível que distingue a mulher moderna e elegante.



Para harmonia perfeita use também Pó e Rouge VanEes.

SOFRE DO FÍGADO?

TOME

BIO-HEPAX

PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

DE CINEMA



BING CROSBY faz um sacerdote católico em seu mais recente filme, "O Bom Pastor", embora também lhe ofereçam oportunidade para fazer ouvir-se em algumas bonitas melodias sacras e profanas.

E O OUTRO BING CROSBY, este menos romântico, mais cômico. Ele e Bob Hope são os protagonistas de "Road to Utopia", ainda sem título em nosso idioma. Que segredo Bob Hope estará dizendo ao amigo?

Hollywood, outubro. (Via aérea) — É falsa a insinuação de estar Hollywood desfalcada dos seus reais valores masculinos. Alguns novos, outros da "quase-velha-guarda", continuam sendo excelentes "bilheterias", e agora mesmo a Paramount declarou que Ray Milland, Gary Cooper e Bing Crosby são ainda três de seus contratados que melhores proveitos dão aos estúdios. "Por quem os sinos do-ram" veio realfirmar a popularidade de Gary Cooper, ator que há mais de dez anos mantém o mesmo grau de evidência. Bing Crosby dá hoje maior lucro que ao gravar a sua primeira e famosa melodia, "Please". Ray Milland está melhorando, financeiramente falando, de filme para filme. E o maluco Bob Hope, de parceria com Bing Crosby, ainda é maior "bilheteria" que Red Skelton ou qualquer outro da mesma categoria. E temos ainda Fred Mac Murray, outro "veterano", cuja popularidade é, senão maior, a mesma e invejável nestes três últimos anos. Outros aparecem simultaneamente: Arturo de Cordoba, que agora está vivendo novo sucesso — "Gaivota Negra", e Robert Lowery, um "novo" de grandes possibilidades, aparece em "Abril em flor".





ARTURO DE CORDOBA, o memorável Rafael de "Por quem os sinos dobram", antigo companheiro de Luise Rainer em "Refens". Na gravura, em seu novo filme, "Gaivota Negra", também da Paramount.

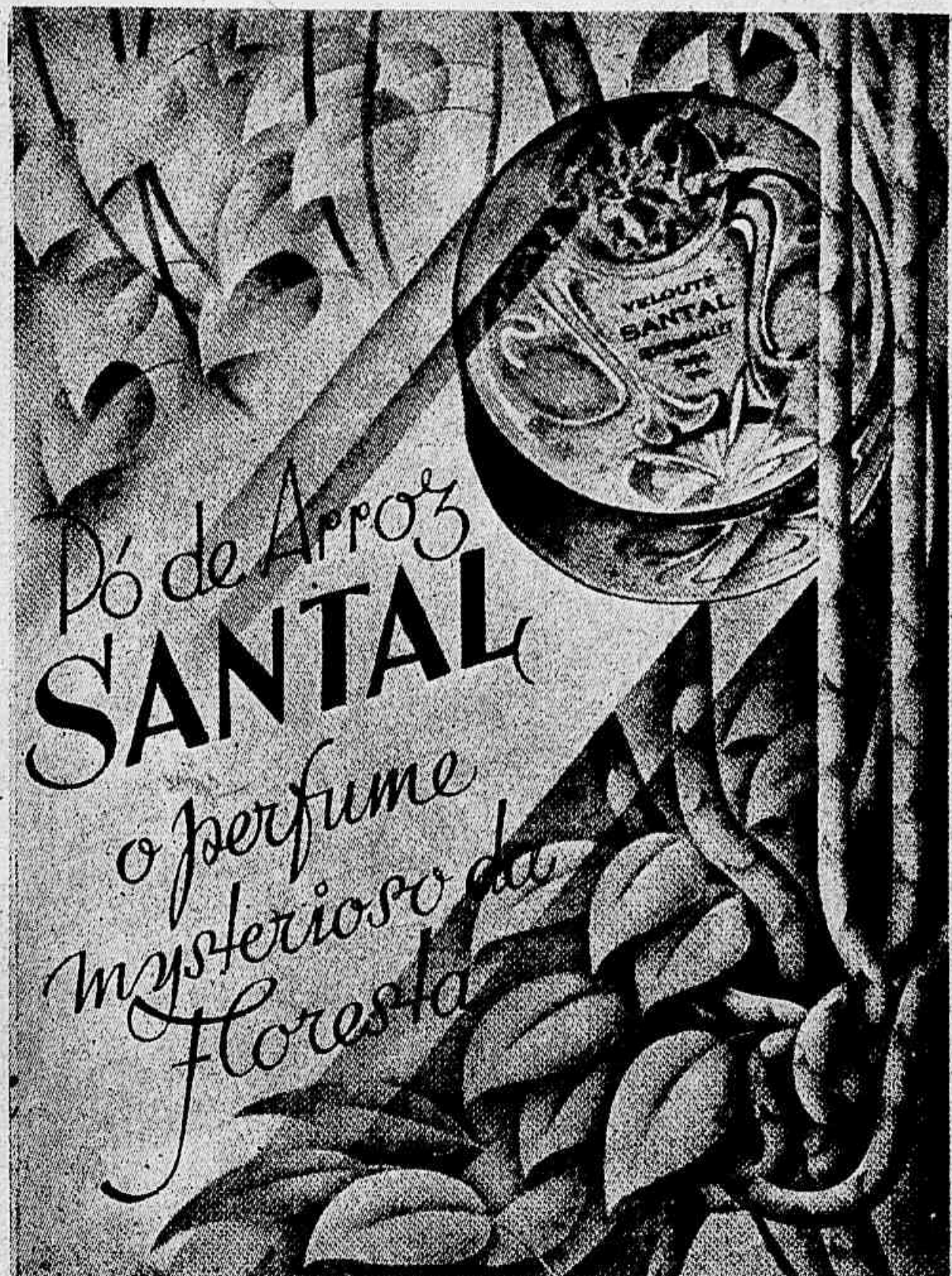


GARY COOPER vem de marcar nova e sugestiva "performance" em "Pelo vale das sombras". Depois de "Por quem os sinos dobram", este é o seu mais dramático papel. Ele não quer voltar às comédias. Prefere o drama.

ROBERT LOWERY, "new face" de 1944. As "fans" americanas dizem que é muito simpático. Seu filme de estréia: "Abril em flor". Dizem que está noivo mas ignoramos quem seja a feliz. Ou será "truc" de publicidade?

RAY MILLAND continua sendo o favorito de Ginger Rogers. Eles fizeram, agora, "A mulher que não sabia amar". Certamente, essa mulher encontrou um ótimo professor: ele mesmo, Ray Milland...





ROGER & GALLET

MODELOS



Rotenol

NÃO HA MELHOR SABONETE
SEJA QUAL FÔR O PREÇO

A' ESQUERDA

Bonito vestido estampado em barras alternadas de *pois* e flores. Gola *chemisier* e a saia cortada em fôrma tem na frente duas pregas fundas e presas numa extensão de 20 cms. mais ou menos.

Este vestido pôde ser executado com as duas fazendas, cortadas em tiras e emendadas, já que será difícil encontrar no comércio um padrão igual.

BLONLINE
FAZ OS MAIS LINDOS CABELLOS LOIROS

A' DIREITA

Lindo vestido de soirée em georgete, pregueado nos hombros, e da cintura para os lados; grande aplicação de renda fantasia. Saias bem ampla tendo porem a amplitude para atrás.



Um calçado da moda
para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO

1844-1944

THE S. S. WHITE DENTAL MFG. CO. PHILADELPHIA

UM SEculo DE SERVIÇOS A' ODONTOLOGIA
SIMBOLO DE ORIENTAÇÃO E GARANTIAUSAR A PASTA DENTIFRÍCIA S. S. WHITE E' SABER DAR PREFERENCIA AO
DENTIFRÍCIO MAIS INDICADO PARA HIGIENE E CONSERVAÇÃO DOS DENTES
PASTA DENTIFRÍCIA S. S. WHITE

de Radio

Djalma
Maciel

PEQUENA ANTOLOGIA DE BONS AUTORES

CONFORME havíamos estabelecido para o ultimo sabado de cada mês, aqui está a "edição" de outubro da minha *Pequena Antologia de bons Autores* — pequena por (fora no tamanho), mas grande por dentro, nos seus intuitos e na importância real dos que nela colaboram. Se eu quizesse adotar, aqui, um fraseado fôfo de patrocinador de programa radiofonico diria ao leitor com aquele estilo caramelo dos locutores: — Hoje é dia de presente para Vccê! Com efeito, descaisar das minhas insôssas rabujiceas os olhos que porventura costumem pousar nesta pagina, vale como gentileza, tanto mais pelo fato de as substituir por excerpitos de autenticos bons autores. Delicie-se, portanto, com o que se segue, porque semana proxima volta a agua chilra! E, se acaso encontrar maldade aí adiante, lembre-se bem que hoje sou apenas compilador...

"Fiquei estarecido, estupefacto, diante da estranha sugestão que vim a descobrir por acaso numa crônica de imprensa dedicada a assuntos do *broadcasting* brasileiro. E deixem lá que não era para menos. Pois ali se propunha, muito a sério, a idéia singularíssima de transformar-se a *Êncida* em novela radiofônica. Segundo o alarmante alvitre, pelo qual se tornara responsável um antigo professor de letras latinas, a epopéia vergiliana seria dividida convenientemente em episódios sineronzada, entregue à censura prévia do DIP e, por fim, sob o patrocínio de qualquer sabonete ou vermífugo, oferecida às emoções do publico soluçante que adora o sinistro ficcionismo do microfone. Não sei se plano tão genial será aproveitado, porem já me arrepio só de imaginar a imensa história de heroísmo e desgraça, de perigo e fatalidade, submetida ao tratamento vulgarizante do sentimentalismo semi-literário que impera em tantos estudos. Quando penso em *Êncas* falando com a voz meliflua do Paulo Gracindo e em Dido a lançar atraindo da Cordelia Ferreira ou da Zézé Fonseca as suas imprecções de supremo desespero, tremo da cabeça aos pés, amedronta-me o sofrimento que nos aguarda, maior do que o de todos os personagens troianos e fenícios que a fantasia maravilhosa do rapsodo reuniu em seu poema. O caso vale como exemplo dos riscos a que está sujeita a cultura do mundo, mesmo em suas mais altas e harmoniosas expressões clássicas, pelo desrespeito moderno à inteligência criadora, corrompendo-a num falso sentido educativo, em que apenas se degradam as obras-primas do espírito, sem que se eleve realmente o povo à condição de compreendê-las e amá-las."

De Genolino Amado
O JORNAL — 12/10/944.

"O Radio constitui-se, desse modo, órgão de função deseducativa em vez de ser elemento preponderante no aperfeiçoamento espiritual e moral dos seus ouvintes. Por que dar popularidade e relevo a tipos tórpes sob os nomes de *Zé Caninha*, *Zé Conhaque* ou *Zé Cachaca* de lingua pregada e palavreado sem asseio pôde ser tudo menos obra de arte ou de educação das massas. Causa lástima ouvir o que esses "artistas" dizem e a reação de hilaridade que produzem nas crianças que vão assistir às suas exhibições.

SUTILEZAS...

Continuação da pag. 19

Chorando, Mariana contou pelo telefone à ladra o que acontecera. Ouviu, do outro lado do fio, uma risada:

— Eu sabia que isso ia acontecer. Mas não se preocupe. Você terá o seu colar... E nada acontecerá. Vai ver.

Quando Bill avistou a ladra à distância, pegou no braço do detective e murmurou:

— Lá vem ela...

Mariana sentiu um frio na espinha. "Jam prender Sophie. A outra caminhava, resolutamente, em direção ao trem. Trazia no pescoço um colar de brilhantes.

Bill sorriu. — "Ela quer ver se nos engana com esse colar falso. Sei bem que deve ter escondido o verdadeiro em algum lugar seguro."

Falara à meia voz, porem Sophie que ia passando por perto deles, nesse instante, pareceu ouvir tudo. Não parou.

— Depressa, disse Bill. Tomemos a bagagem dela.

Enquanto Sophie caminhava para o trem eles abordaram o carregador e tomaram a bagagem que abriam e começaram a revistá-la. Tinham ordem de fazer pren-

der a ladra, caso encontrassem, em seu poder, o colar. O trem seguiu. Na bagagem, nada havia.

Já estavam desanimados quando um carregador se aproximou:

— Os senhores estão procurando isso?
E mostrou-lhes o colar.

Bill pulou. Onde o achou?

— Aquela senhora m'o deu, para que eu lhe entregasse. Mandou dizer, também, que, mais uma vez, provou que o lugar mais seguro é o mais evidente. Trazia o colar no peito.

Mariana não pôde conter uma risada.

E causa estranheza a continuação dessa forma de propaganda do alcoolismo numa época em que o bom senso aconselha a que se congreguem todos os esforços no sentido de reprimir o aumento do numero dos discipulos de Bacco, pelos danos terríveis que a embriaguez ocasiona não só no individuo mas em sua descendência, aviltando a raça e desmoralizando a nação."

CORREIO PAULISTANO (São Paulo)
Topico em 12/10/944

"Mas é cedo para ouvirmos, dos aparelhos de rádio brasileiros o apelo, necessariamente reboado, para as bacanais de Momo. Não é natural que os radiouvintes esqueçam os irmãos, os filhos, os amigos idos para os campos de batalha e se enfileirem para bater, nas folgas que lhes proporcionarem as filas de obrigação, do ônibus, da carne e da manteiga. De pleno acordo com o protesto. Aliás, há uns tempos para cá, mais me interessam os jornais radiofônicos, com seu noticiário de batalhas, do que outras quaisquer irradiações, principalmente essas dos sambas, que veem deixando de ser incraais, mas são frequentemente sem graça literária e sem inspiração musical, cantados em geral por "artistas" desafinados e inconscientes. Também protesto contra o boato do grito de Carnaval no rádio, nesta hora que deve ser de compenetração pública, o desejo que ele seja falso. Porque, se esse exprime a verdade, esse boato constitui um intencional desrespeito ao Brasil."

João Melo
JORNAL DO COMERCIO — 18/10/944

"Esperemos, então, que se dê novo rumo à Radio Mauá, afim de se tornar uma estação moderna, dotada de verdadeiro espírito radiofonico e não de propriedades dormitivas. Desde o início da guerra atual se usa na Inglaterra a radiofonia para melhora da atividade nas fabricas. Graças a programas bem confeccionados os operarios agem com gosto maior, sentem menos cansaço e o trabalho lhes corre suavemente. Imagine-se o rendimento notavel que ha de dar uma oficina onde se funciona ao som de uma voz rouquenha a dar sentenças da Justiça do Trabalho..."

Lopes Gonçalves
CORREIO DA MANHÃ — 20/10/944

alô... alô...

Com o atraso inevitavel das semanarios — a sessão efetuou-se no sabado transato, quando já ha muito havíamos fechado a edição de sabado ultimo — realizou-se no Sindicato dos Jornalistas Profissionais a segunda reunião do Departamento de Imprensa Radiofonica, para aprovação de estatutos e eleição de sua primeira diretoria. Estiveram presentes quasi todos os cronistas especializados, sendo eleito o seguinte corpo diretor, presentes quasi todos os cronistas especializados, sendo eleito o seguinte corpo diretor, que terá mandato de um ano, de acordo com o regulamento aprovado: Presidente: — Sodré Viana; Vice-Presidente: — Alziro Zarur; 1.º Secretario: — Armando Migueis; 2.º Secretario: — Eduardo Brown; Tesoureiro: — Antonio Cordeiro; Suplentes da Diretoria: — Anselmo Domingos, Braga Filho e o redator desta seção. Transcorreu a reunião em ambiente de intensa cordialidade, ficando assentadas, desde logo, providencias para o conagração da classe e defesa do direito profissional da critica.

VINOVITA

TONIFICA O SANGUE
ESTIMULA O CEREBRO
DA ENERGIA AOS MUSCULOS

MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE

Quem matou Algernon Ashe?

(Conclusão da página 37)

— Não? Então torne a ler a lista de passageiros que partiram no registro do hotel depois, releia o cartão e tire as deduções.

— Quer dizer com isso que descobriu o assassino?

— Tenho um palpite que amanhã saberei quem matou Algernon Ashe.

No dia seguinte chegaram Myriam, Guilherme, Mary, Ricardo, Maude e o velho Marshal.

Ao desembarcarem do trem, Ricardo se aproximou do detective e disse:

— Onde já se viu isso, então? Somos, por acaso, alguns furtivos da justiça, para sermos como fomes, vigiados durante a viagem, incomodados a toda hora pelo seu colega, sob os pretextos mais futeis, sómente para que ele pudesse verificar que não havíamos fugido...

— Mas eu lhe asseguro que somente

tomei essas providencias porque sabia que o criminoso havia de tentar fugir e soubesse que era suspeito...

— O senhor está insinuando que o criminoso é algum de nós?

— Estou!

A réplica foi tão decisiva que Freeman ficou interdito.

— Como?

— Digo-lhe que um dos senhores desse grupo é o assassino.

Freeman era baixo e muito gordo. Quando se excitava as suas faces ficavam rubras de cólera.

— E quem é o assassino, por favor?

— O assassino de Algernon Ashe é o senhor.

— Oh!

— Muito simples. Descobri que Mary Freeman saíra para telefonar. Para quem?

Para Algernon, sem dúvida. O bilhete era dele. Mary escrevera algumas cartas comprometedoras a Algernon e queria rehá-las.

Sabendo que estava em Monte Carlo, viera para cá para obtê-las. Pensava que o marido de nada soubesse, porém ele estava ao par da situação e, por isso, enquanto ela telefonava em vão para o quarto de Algernon, foi esperá-lo no parque. E matou-o. As cartas estavam no bolso do rapaz...

— Mas como soube que tinha sido Freeman?

— Simples. Lembra-se do cartãozinho meio queimado? Pois bem; Não percebeu que aquilo era o cartão que uma dessas balanças automáticas dá com o peso da pessoa na frente e uma observação sobre a pessoa nas costas?

Quem era gordo? Quem tinha oitenta e oito quilos, entre os suspeitos? Ninguém, segundo a lista. Logo, um deles alterara o registro do hotel; lembrando-se de que deixara o cartão no parque, alterara o registro na hora de sair. Quem teria feito isso? Qual, dentre os suspeitos, era gordo? Mandeí buscá-los.

Quando chegaram vi logo quem tinha mentido e quem não estava muito satisfeito de ter que voltar à cena do crime...

— Extraordinário!

— Pelo contrário: muito simples.

A Senhora zela pela alimentação de sua filha...

...EXERÇA A MESMA VIGILÂNCIA QUANTO AO DENTIFRÍCIO...

HOJE, as mães dão à necessidade de conservar em bom estado os dentes de seus filhos muito mais importância do que as mães da geração passada.

A senhora sabe que a alimentação é importante — deve conter as vitaminas e os minerais necessários — que o alimento sólido proporciona exercício aos dentes e gengivas — que os dentes de leite devem ser conservados a todo custo — e as visitas periódicas ao dentista são essenciais. Outro ponto importante é o dentifício.

Faça-a usar o

Creme Dental SQUIBB

É fabricado por uma casa há mais de 85 anos famosa pela qualidade de seus produtos medicinais e odontológicos. Limpa corretamente, sem utilizar substâncias ásperas ou adstringentes.

E ela gostará muito do Creme Dental Squibb! Toda criança gosta. Não apenas pelo seu sabor delicioso mas pela sensação de admirável frescor que produz na boca e faz com que escovar os dentes se torne um verdadeiro prazer, não uma obrigação! Experimente um tubo... hoje!



...PROCURE O SÊLO DA CASA SQUIBB PORQUE SQUIBB É UM NOME EM QUE SE PODE CONFIAR



UM BUSTO PERFEITO

Dá elegancia e juventude à mulher...

A plástica perfeita do busto é elegancia e juventude. Seios caídos prejudicam a silhueta feminina.

É fácil, porém, reconquistar a perfeição do busto, usando a PASTA RUSSA.

A PASTA RUSSA, isenta de perigo para o organismo, usada diariamente, ativa a circulação do sangue, e age sobre os tecidos atrofiados, dando firmeza aos seios.

Readquirir a juventude do busto, usando PASTA RUSSA, um produto científico de comprovada eficiencia e confiança absoluta.



PASTA RUSSA

Nas boas farm. e perfumarias
Distribuidoras:
ARAÚJO FREITAS & CIA.
Rua Miguel Couto, 88 - RJ

DE Música

Assim como as mães tem mais fracos, os escritores, em geral, não acentuam certo critério, tem uma tendência muito mais da no sentido de preferir, dentre as suas obras, exatamente as que são menos perfeitas, e, quando interrogados sobre o gênero literário que preferem, achando-o mais fácil, quase sempre indicam aquele que cultivaram com resultados mais medíocres. Ninguém ignora que Walter Scott considerava-se um grande poeta e um romancista de segunda categoria. Entretanto, poucos são os admiradores do escritor inglês que, hoje, ainda se lembram da Dama do Lago (que, aliás, serviu de libreto a uma ópera de Rossini, ou de Rokeby. Também entre os grandes nomes da literatura que escreveram sobre música encontramos dramaturgos, como Bernard Shaw, que se consideram críticos musicais de real valor e se ressentem de quaisquer resenhas feitas às suas críticas, respondendo com insolência, enquanto fazem ironia com os ataques às suas peças de teatro. É sempre fácil verificar quando foi atingido o ponto sensível pela violência desmedida do contra-ataque.

Tobias Barreto, poucos o sabem, foi também crítico musical. Assinou, durante certo tempo, um folhetim regular sobre música, onde pontificava, tendo, mesmo, certa vez, afirmado, que, sobre música, é que escrevia com mais profundidade e mais inteligência. Acreditava-se realmente uma autoridade e atacava os diletantes, chamando-os profanadores.

Numa polêmica das mais ardorosas, na qual além de atacar o adversário pessoalmente, ele ainda mandava alguns tiros de tabela contra terceiros, Tobias escreveu:

"Quem leu a minha crítica sobre o escrito em questão há de ter notado que o ponto capital do meu trabalho foi o seguinte: demonstrar *ad oculos* a incompetência do diletantismo para tratar de um assunto musical já muito e muito rebatido sem aduzir nada de novo, mas, ao contrário, revelando-se desconhecedor de muitos fatos que pertencem ao assunto, que já se acham, por assim dizer, incorporados a ele; e isso em uma revista intitulada 'Revista Brasileira' e publicada na corte do Império. Quem leu despreocupado o meu escrito há de ter, sem dúvida, observado este intuito".

E eis Tobias a degladiar-se por causa de música, e com um adversário, aliás, bem conhecido: Alfredo d'Escragnolle Taunay, autor de "Inocência" e de "A Retirada da Laguna". A obra do romancista, a propósito, ficou arrasada com as ironias que a respeito fez Tobias, antecipando-se a muito crítico moderno. Sem querer, ele estava fazendo crítica literária.

Mas, apesar de não podermos concordar com todas as opiniões de Tobias, por mais que o admiremos e demos valor ao seu talento e inteligência, é sempre interessante saber o que ele pensava sobre a arte de Mozart, com a mesma curiosidade com que o reporter, numa *enquête*, vai perguntar a um jurista, que já perpetrar os seus versinhos, qual a sua opinião sobre o último livro de um poeta famoso.

Tobias, em matéria de música, não só entendia fazer crítica justa e certa como formara, para esse fim, uma opinião, um ponto de vista, que deixá-lo-emos expor:

"Guardadas as reservas, eu continuo a julgar dos produtos musicais, não segundo a letra de um frio programa filosófico, mas segundo as impressões mais ou menos fundas que eles me causam.

As relações que mantenho com a música não são de pura intuição, mas ainda de caráter *patológico* — entusiasmo-me, apaixono-me por ela.

Não compreendo aquela espécie de serenidade celeste com que Hanslick pretende que o *belo músico* deve ser contemplado.

Si é exato e eu não contesto — que a música não existe para servir de meio a outra qualquer arte nem tem por fim

suscitar sentimentos da ordem moral, é igualmente indubitável que muitas vezes, malgrado mesmo dos autores, ela assume funções alheias, e um pedaço de bela música, se não produz, ao menos *lembra* a emoção produzida por objetos que não são estritamente musicais: — um quadro, uma poesia, uma campina em flor e até mesmo uns bellos olhos que nos falaram.

A música não é diretamente *representativa*, mas pode se dizer que ela o é indiretamente por força de uma *associação* não de idéias, porém de senti-

mentos: processo psicológico esse apenas pressentido e ainda não analisado". Tobias era, aliás, também, compositor. E' de sua autoria uma canção *Un Peu de Musique*. Não só na crítica, portanto, teve relações com a música: o boêmio das serenatas a beldades namoradeiras levava sua curiosidade mais além, até os domínios da música erudita. Era, de fato, um homem extraordinário o sergipano que escreveu: "sou um diletante em todos os ramos do saber humano, mas profundo em latim e música".

R. Lyra Filho

F. TARQUINO



Loções GALLY

PERFUMAM OS MAIS BELOS PENTEADOS!

Orygam - Rêve Rose - Narciso Azul

Paris e Harpa

A VENDA EM TODO O BRASIL



BELZEMA

para Erupções da Eczema

O Pomada não gordurosa, antissética, que combate as coceiras e erupções da pele. Não requer ataduras.





ÁGUA INGLESA

GRANADO

TÔNICA
E APERITIVA

NA ANEMIA
CLOROSE E
CONVALESCENÇAS

T. TARQUINO

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Quêda
dos
Cabellos

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**

**O maior amigo da
DENTADURA POSTIÇA**

Eis aqui uma forma agradável de evitar as contrariedades provocadas por uma dentadura postíça frouxa. **FIXO-DENT**, um novo pó para polvilhar a dentadura postíça, prende-a com mais firmeza na bôca, proporcionando maior comodidade. Não deixa sensação pegajosa. É alcalino (não ácido). Não amarga a bôca. Combate o "cheiro de dentadura postíça". Perfuma o hálito. Compre **FIXO-DENT** hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

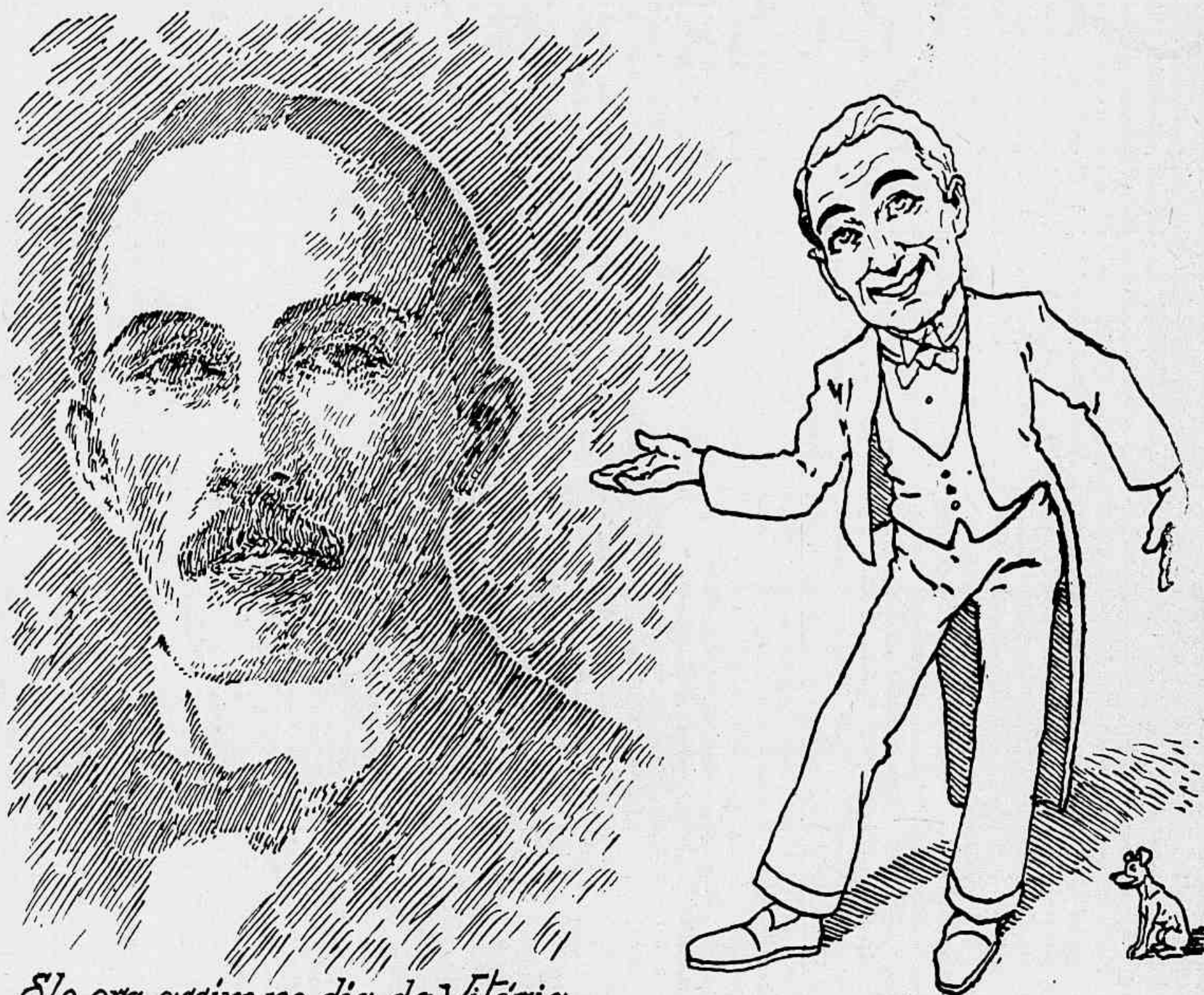
Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio

**CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA**
De Mme. Campos
ALIMENTA A PELE — CONTRA AS RUGAS
A VENDA EM TODA A PARTE

**Numeros atrasados desta
Revista em Sergipe**

PROCURAR A
LIVRARIA REGINA

29 DE OUTUBRO DE 1901



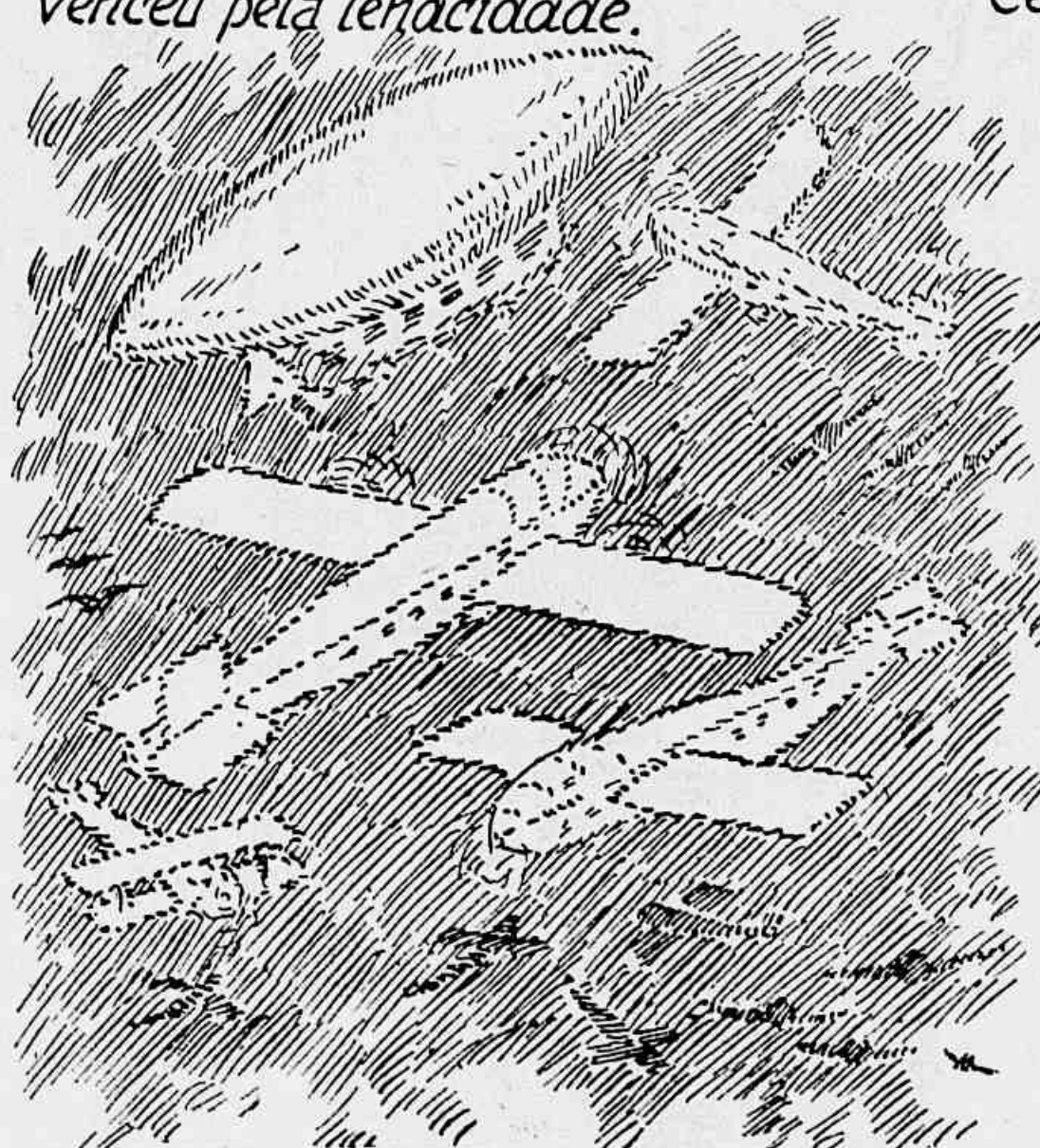
*Ele era assim no dia da Vitória.
Dedicou-se, de corpo e alma, à sua cista, à conquista do espaço.*



*Seis vezes arriscou a vida e
venceu pela tenacidade.*



*Realizou os sonhos de
Cezar, Gusmão e Severo.*



*Hoje admiramos orgulhosos, o resultado
da conquista monumental.*



*É o monumento?
Não se fala mais nisso?*

Contra-regra: risos de Alain e Zimmerman; ruído de vidros distante.

ZIMMERMAN — Mais um copo...

WEHRINGER — A sua capa, madame... Confesso-lhe, madame, que estou deveras encantado com sua inesperada visita!

DENISE — Oh! capitão...

WEHRINGER — Sua capa, madame... Entre!... Vai ficar surpresa... Temos visitas...

Contra-regra: passos.

ALAIN — Basta, doutor...

ZIMMERMAN — Mais... que diabo!... Logo o senhor, um esplêndido apreciador de vinho!

DENISE — Alain!... Meu irmão!

ALAIN (displicente) — Boa noite, mana... Perdoe-me a falta de cortesia em não levantar-me para cumprimentá-la... mas bem sabe que este fermento do meu joelho é de cura lenta...

WEHRINGER — Vê, senhora... O gôlo se desfez, pelo menos com um membro da família Kergueven... Temos em nossa companhia a presença, podemos dizer, muito ilustre e culta, de seu irmão Alain de Kergueven...

ALAIN — Oh!... Muito obrigado, capitão Wehringer...

WEHRINGER — Sente-se, madame Westbury... por obséquio... E pelo que estou presenciando, o círculo da família aumenta, visto que a senhora vem nos encantar com a sua presença, madame...

DENISE — Muito obrigada por tão gentis palavras, capitão...

WEHRINGER — O doutor Zimmerman consentiu em fumar conosco...

ALAIN — Perdão, capitão Wehringer... Sei que minha irmã está se sentindo muito mal... Entra aqui e, sem esperar, vê-me fumando e bebendo na companhia de todos os senhores...

DENISE — Capitão Wehringer, em parte meu irmão tem razão... de fato esperava tudo dele, menos o que está acontecendo...

WEHRINGER — Mas, madame, não somos tão hostis assim...

ZIMMERMAN — Mais um copo, sr. Alain?

ALAIN — Aceito... com muito gosto, Herr Doutor... com muito gostol...

Contra-regra: ruído de vidros e gorgolejar.

DENISE — Capitão, vai achar que sou muito exigente... mas tenho ainda um pequeno favor a pedir-lhe...

WEHRINGER — Vamos!... Vamos, minha encantadora senhora... os favores que me pede são tão insignificantes que eu desejaria fazer-lhe mil por dia. De que se trata, madame Westbury?

DENISE — Meu pai desejaria utilizar a horta, que está abandonada há seis meses, para plantar legumes necessários à nossa subsistência. Ele precisou de um hortelão...

ZIMMERMAN — Perdão, madame... mas o homem que estava no pavilhão com seu pai... êsse... o nome... esqueci-me o nome do belga...

DENISE — Leon Vertraet, doutor...

ZIMMERMAN — Justamente... é êsse o nome do homem... Por que? Não serviu para o trabalho? Não vai começar amanhã?

DENISE — Não quer mais trabalhar... Está com medo de que seja importunado. Ficou seriamente apreensivo com o senhor, herr doutor... E o senhor sabe, como eu sei, que é um pacato homem... mas é um refugiado... ainda tem na memória os momentos horríveis por que passou na invasão da Bélgica... Benoet está ocupada por uma força militar... e ele receia...

ZIMMERMAN — Da Gestapo?

DENISE — Sinto muito confessar... mas o senhor bem sabe como as pessoas simples... principalmente os camponeses, temem essas situações...

ZIMMERMAN — E ele quer ir embora?

DENISE — Sim... quer ir para Marthenay... a zona não ocupada... e nós precisamos de um hortelão...

ZIMMERMAN — Oh!... Esse belga é um bobalhão... não temos nada contra ele.

DENISE — Mas o senhor ficou com os documentos do homem... e ele está seriamente amedrontado!

ZIMMERMAN — Diga-lhe que não se assustel... Se quiser, madame, eu entregarei os documentos esta noite mesmo, para que ele se tranquilize...

DENISE — Seria um grande favor. E ficar-lhe-ia muito grata, herr Zimmerman...

ZIMMERMAN — Vou buscá-los já no meu quarto...

Contra-regra: passos que se afastam.

WEHRINGER — Viu, madame?... O seu mínimo desejo é a mais imperiosa das ordens...

DENISE — Oh!... Capitão!... Devo tudo isso ao senhor!

WEHRINGER — E pode dizer a êsse apavorado hortelão que pode cuidar dos legumes sem receio, pois farei as melhores recomendações dele ao doutor Zimmerman...

Contra-regra: passos distantes que se aproximam e bater de saltos.

VOZ — Com licença, meu capitão!

WEHRINGER (autoritário) — Aproxime-se, praça!

Contra-regra: seis passos fortes que se aproximam e bater de saltos.

VOZ — Um recado do coronel Duisberg, meu capitão!... Precisa falar-lhe por alguns minutos, meu capitão!

CAPITÃO — Onde está o coronel?

VOZ — Nos seus aposentos, meu capitão!

WEHRINGER — Pode ir!

Contra-regra: passos que se afastam.

WEHRINGER — Perdão, encantadora madame Westbury... Alguns minutos, permite-me?

DENISE — À vontade, capitão!

WEHRINGER — Com licença!... Sinto muito, mas não me demorarei...

Contra-regra: passos que se afastam.

ALAIN — Fale duma vez, minha irmã!... Não gosto que me olhe assim! Fale duma vez!

DENISE — Que significa a tua presença com eles? Não sabia que fosses tão amigo de Wehringer...

ALAIN — Amigo, eu? (riso displicente) Exageras! Ele subiu às oito horas da noite e me perguntou se eu não me aborrecia no quarto. Convidou-me para tomar um copo de vinho com eles.

DENISE — E aceitaste incontinenti.

ALAIN — Não estou dizendo que levas tudo que diz a meu respeito para o terreno do exagêro, minha irmã? Deixa-me terminar... A princípio eu recusei o convite, mas depois pensei ver que era êsse o meio de me corresponder com a zona não ocupada. Se me faço amigo do oficial Wehringer, ele fará com que a minha correspondência chegue a Riviera. Tenho dois ou três conhecidos por lá, que darão um jeito de descobrir o endereço de minha mulher.

DENISE — Sempre a tua esposa!

ALAIN — É a única coisa que me interessa, minha irmã, neste castelo.

DENISE — Imploras tão rasteiramente o amor de uma criatura que foge tão flagrantemente de ti!

ALAIN — Mas desejo-a da mesma forma e com mais intensidade. Ainda tenho a minha maneira de sentir, Denise!

DENISE — Evidentemente, meu irmão, és um perfeito comediante!

ALAIN — Obrigado pelos cumprimentos, minha irmã (baixinho) Aproxime-se de mim, Denise...

DENISE — Por que? E por que êsse tom de segredo?

ALAIN — Porque o que quero dizer só poderá ser dito em tom de voz bem reduzido... (passos).

DENISE — Fale...

ALAIN — Que significa êsse retrato de Leslie, que o enfeita de flores religiosamente no salão?

DENISE — Onde queres chegar, meu irmão?

ALAIN — Que quer dizer aquela cabeça de boleeiro do Lord Mayor? (pausa, rindo) Já sei por que se reserva, Denise... Ouça!... Desertor, sim... Traidor, não!... Aquela cara está muito longe de ser o retrato do teu marido, nem que o fotógrafo estivesse com um litro de whiskey em fermentação no estômago!

DENISE — Alain... Aquêlê retrato está lá de propósito...

ALAIN — E depois... continue, minha irmã... desertor, sim... mas não traidor... Pode dizer o resto!

DENISE (baixinho) — Leslie não morreu em Dunkerque!

ALAIN — Que?

DENISE — Foi apenas ferido e levado para a Inglaterra.

ALAIN — E então?

DENISE — Os alemães crêem que êle está morto. Dai o falso retrato.

ALAIN — E por que um falso retrato aqui no salão do castelo?... (pausa) Denise, já te disse que desertei, porque não quizes lutar!... Mas não quer dizer que eu seja um traidor!...

DENISE — Creio que não desceste a tamanha baixeza, meu irmão!...

ALAIN — E por que êsse retrato de cara de bolacha e nariz arrebitado todo enfeitado de flores?

DENISE (baixinho) — Leslie entrou para o Secret Service.

ALAIN — Secret Service? Ahn!... (pausa).

DENISE — O que estás pensando, meu irmão?

ALAIN — Ah!... Sim... (rindo displicentemente) O hortelão...

DENISE — Pelo amor de Deus!... Cuidado!... Perdes o meu marido Leslie. Disse-te tudo isso para que fiques prevenido e não te espantes quando encontrá-lo trabalhando na horta.

ALAIN — E eu me espantei, quando vi aquela cara na moldura, Denise?

DENISE — Não!... Tiveste admirável presença de espírito, Alain.

ALAIN (murmurando) — Então o teu marido depois de curado do ferimento voltou à ativa... Está no Secret Service? Hum... Sabe você o que lhe acontecerá fatalmente se for descoberto, Denise?

DENISE — Fuzilado. E bem sabes, Alain, que serão dois a morrer... Eu não resistirei à sua falta desta vez...

ALAIN — Vamos!... Nada acontecerá... nada acontecerá...

DENISE — Eu te revelei o nosso segredo, que aliás terias descoberto qualquer dias dêstes. Mas no teu interesse e para a tua própria segurança, evita todo o contacto com o hortelão.

ALAIN — Naturalmente. Pode contar com a minha absoluta discreção.

DENISE — Uma palavra de mais de tua parte, e as consequências seriam tão terríveis para o meu marido quanto para ti, Alain!

ALAIN — Está louca, Denise!... Completamente louca!... Não é possível que me considere um indivíduo tão degenerado!... Eu não sou capaz de vender a minha família.

DENISE — Disse-te isso incidentalmente para que nos compreendêssemos bem.

DENISE — Escute, minha irmã... Não lhe diga... que eu...

DENISE — Desertaste?

ALAIN — Sim.

DENISE — Fique tranquilo, não me gabarei disso, meu irmão... Não quero que êle trabalhe na perigosa missão que tão abnegadamente escolheu com tamanho desgosto!

Contra-regra: quatro tiros; murmúrios distantes.

VOZES — Por lá!... Por lá!... Pulou o muro!...

PICOT (distante) — Herr doutor... herr doutor... (passos cambaleantes) Herr doutor!...

DENISE — Oh!... Meu Deus!... Que teria acontecido? Tiros de fuzil!...

Contra-regra: murmúrios distantes.

ALAIN — Não perca a serenidade!... Denise!... Pode perdê-lo, minha irmã!...

DENISE — Oh!... Presinto que é com êle, Alain!...

ZIMMERMAN — Que foi?... (bem distante e passos precipitados).

PICOT (próximo) — Depressa, herr doutor... Espião... eu ainda o segurei... mas êle quase me matou com um soco!...

DENISE — Oh!... Maldição!... Esse corcunda é medonho!...

ZIMMERMAN — Vamos lá!... Vamos!... Hubert!... Traga os cães!... Ligeiro!...

PICOT — Os cachorros... (distante) Eu ainda o segurei, herr doutor!...

ZIMMERMAN — Vamos!... Dois homens para o lado do pavilhão...

Contra-regra: murmúrios.

ZIMMERMAN — De que lado do muro saltou o homem, Picot?

PICOT — Ali, doutor... Ali...

ZIMMERMAN — Mas êle deve ter voltado ao parque do castelo... Os guardas prenderiam o homem...

Técnica: latidos.

PICOT — Eu vi o homem saltar o muro!...

ZIMMERMAN — Mark!... Mark e Swartz, por ali... uma batida em regra... Soltem os cães... se êle ainda estiver no parque não escapará...

Técnica: manter bem distante os latidos de cães de oito em oito segundos.

LESLIE — Chegaram a ver-te, Detang?

DETANG — O corcunda... êsse maldito Picot... Deixei tamanho sôco quando me segurou...

LESLIE — Estão batendo o parque em todos os seus recantos...

Técnica: murmúrios bem distantes.

DETANG — Uma verdadeira multidão!...

LESLIE — Estão próximos à garagem...

DETANG — Revistam tudo... Daqui a pouco virão aqui no teu barracão...

LESLIE — Uma fuga agora é impossível, Detang! Por que voltaste?

DETANG — O guarda que ficou do lado de fora do portão atirou quando eu saltei o muro!... Fui obrigado a voltar... Ele ainda atirou umas três vezes com o seu fuzil... Uma bala passou bem rente à cabeça... Olhe o meu boné.

LESLIE — Encaminham-se para cá...

DETANG — Capitão Westbury... Uma senhora encaminha-se para aqui...

LESLIE — Deixa-me ver... (pausa) — Oh!... Denise!... Minha esposa!...

Contra-regra: passos rápidos e bater numa porta.

DENISE — Abra!... (nervosa e apressada) Abra ligeiro!... Sou eu... Denise!...

LESLIE — Sim... é Denise!...

Contra-regra: ruído de tranca.

LESLIE — Oh!... Você, querida!... Não devia ter vindo...

DENISE — Nem um segundo a perder... Eu atalhei o caminho por onde eles veem. Não tardarão a chegar aqui... Eles estão revistando todos os cantos do parque... Leslie, meu marido... Afaste esta cama... Tire-a donde se acha!... Ligeiro!...

Contra-regra: ruído dum móvel que é arrastado.

DENISE — Uma faca... um instrumento qualquer... Nesse interstício do assoalho!

DETANG — Aqui está o meu punhal!...

Contra-regra: esgravatar metálico.

LESLIE — Um alçapão... e êsse alçapão, Denise...

DENISE — Tem comunicação com os subterrâneos do castelo... Papai revelou-me isso há poucos minutos... Ele previa o que está acontecendo... Levante o tampão, senhor...

Contra-regra: ranger lento de uma dobradiça.

DENISE — Venha comigo, capitão Detang... ligeiro...

Técnica: latidos mais fortes.

ZIMMERMAN (distante) — Dois corpiço... Para o barracão do jardineiro...

DENISE — E' aqui, agora... Desça, capitão... Leslie!... Vamos... vou conduzi-los...

LESLIE — Não, querida... Desça você com o capitão... eu ficarei aqui...

DENISE — Desça, capitão... não temos mais um segundo a perder...

Técnica: latidos bem fortes.

DENISE — Arrele a tampa do alçapão, Leslie... Volte a cama ao seu lugar... querido!... Por favor, Leslie... toda a serenidade diante desses bandidos...

Contra-regra: bater forte na porta.

Técnica: cães, forte.

Contra-regra: arrastar de um móvel; batidas na porta.

ZIMMERMAN (distante) — Abra a porta!... (pancadas) Abre essa porta, jardineiro!...

LESLIE (extremunhando) — Quem é? (bocejando) Quem está batendo?

ZIMMERMAN — Abra imediatamente a porta, estúpido!... Eric Zimmerman!...

PICOT — Abra a porta!...

Contra-regra: passos e tranca de porta.

ZIMMERMAN — Sai da frente... Entrem todos... Revistem o barracão...

Técnica: disco de cães.

ZIMMERMAN — Entrou um homem aqui dentro, não é verdade?

LESLIE — Homem, doutor!...

ZIMMERMAN — Não minta!...

LESLIE — Não vi ninguém!

ZIMMERMAN — Está faltando à verdade!... Onde está refugiado o espião que procurou esconderijo aqui dentro?

LESLIE — Não vi ninguém!

Contra-regra: passos.

ZIMMERMAN — Alguma coisa, Picot?

PICOT — Não tem ninguém, doutor... mas êle não pode fugir...

ZIMMERMAN — Se você sabe onde está o espião que entrou no parque do castelo e está escondendo da polícia, pagará com a vida essa audácia!

LESLIE — Como posso dizer uma coisa que não sei, doutor Zimmerman!

PICOT — Ele está dentro do parque... e você... ein... não tem cara muito boa... Eu acho que você ainda vai passar mal...

ZIMMERMAN — Continuemos a batida... Vamos!...

Técnica: latidos distante.

Contra-regra: passos que se afastam.

INTERLÚDIO

KERGUEVEN — Tu me cavarás, antes de tudo, esta geira, que se encontra em boa terra arável...

LESLIE — Ya, ya... Muito boa terra...

KERGUEVEN — Realmente é muito fértil êsse pedaço de terra...

LESLIE — E que prefere o meu general que se plante nesta geira de terra?

KERGUEVEN — Alfaca...

LESLIE — Perfeitamente, meu general...

ZIMMERMAN — Então ontem, você não ouviu e nem viu nada perto do barracão onde está habitando, Leon Vertraest?

LESLIE — Não, doutor... Ouí tiros... e depois quando chegou com seus homens no barracão onde estou morando...

ZIMMERMAN — Estava dormindo?

LESLIE — Acordei quando bateram na minha porta.

ZIMMERMAN — Não ouviu nada?

LESLIE — Se ouvisse talvez ajudasse a polícia...

ZIMMERMAN — Talvez?

LESLIE — Sim, talvez... porque não sei se é agradável à polícia alemã um auxílio de pessoas particulares...

ZIMMERMAN (rindo) — Hun... Tem sempre uma boa resposta na ponta da língua! Bem... até logo, general Kergueven...

KERGUEVEN — Até logo, doutor... até logo...

Contra-regra: passos que se afastam.

KERGUEVEN (alto) — Bem, depois de plantar alfaca, Leon... cuidará das batatas... Há um bom terreno lá!...

LESLIE — Perfeitamente, meu general...

KERGUEVEN — Vamos ao barracão... quero ver o material que você tem para trabalhar...

LESLIE — Às suas ordens, general...

Contra-regra: passos até nova rubrica.

KERGUEVEN — Não deixarás também de fazer a colheita de castanhas. Tenho um hectare de castanheiros do lado sul do parque. Colhe-as antes que os ladrões as roubem. Serão preciosas neste inferno.

LESLIE — Sim, senhor...

KERGUEVEN (baixinho) — Olhe disfarçadamente, Leslie... alguém nos espreita...

LESLIE — Ninguém... Zimmerman conversa com o capitão Wehringer no terraço...

KERGUEVEN — Abra a porta da cabana e entre...

Contra-regra: girar de maçaneta.

LESLIE — Entre, meu general...

Contra-regra: passos que se afastam.

KERGUEVEN — Feche a porta...

Contra-regra: batida de porta.

KERGUEVEN — Deixe entreaberta a janela... Assim... Bem, Leslie, a nossa manobra deu resultado... E Detang?...

LESLIE — Está bem acomodado no subterrâneo... tem um bom colchão...

KERGUEVEN — E a alimentação?

LESLIE (baixinho) — Ótima... tudo muito bem... Esperamos apenas um relaxamento da vigilância...

KERGUEVEN — Sim... a situação está tensa no momento...

LESLIE — Esse Picot é um verdadeiro cão de fila...

KERGUEVEN — E' monstruoso êsse tipo... E' cem vezes mais perigoso do que o pior agente da Gestapo... Bem, meu caro genro... Como disse há pouco, a manobra deu ótimo resultado. Está enfim no seu lugar...

LESLIE — Obrigado, meu general... Graças ao senhor e à minha esposa, tudo se passou admiravelmente. Só me resta revelar-lhe o objetivo da minha missão...

KERGUEVEN — Capitão Westbury... tratando-se dum serviço militar... e particularmente de um segredo de grande importância e responsabilidade...

LESLIE — Devo dizer-lhe, senhor meu sogro, que realmente violo uma regra absoluta imposta pelos meus chefes... mas se não tivesse confiança no meu general...

KERGUEVEN — Obrigado, Westbury!

LESLIE — Meu general, vim aqui com um fim determinado. Certos agentes na zona ocupada tem por dever informar ao alto comando britânico os movimentos das tropas de ocupação entre Dunquerque e Bayonne e garantir a evasão dos elementos partidários do general De Gaulle.

KERGUEVEN — E' êsse o seu trabalho, Westbury?

LESLIE — Não. O meu trabalho é outro, general Kergueven... O almirantado soube que os cruzadores alemães "Augsburg" e "Breslau", que atualmente operam como corsários no Atlântico Sul e atacam os nossos comboios entre Capetown e Liverpool...

KERGUEVEN — Adivinho o resto... Esses dois corsários, como inúmeros outros, veem se reabastecer no Porto de Brest?

LESLIE — Justamente...

KERGUEVEN — E daí!...

LESLIE — Esses dois corsários, meu general, ficarão somente dois dias no porto militar, e serão camuflados para escapar aos observadores aéreos. E é portanto de interesse vital advertir os nossos aviões de bombardeio imediatamente da chegada dos cruzadores, pois na mesma noite em que arriarem âncora...

KERGUEVEN — Será possível pô-los fora de combate!

LESLIE — Justamente!... Graças ao meu rádio portátil, poderei enviar uma mensagem ao avião de reconhecimento que sobrevoará a região.

KERGUEVEN — E por que os seus chefes escolheram Benoet, capitão Westbury?

LESLIE — Porque acharam que a vizinhança do Estado Maior das tropas de ocupação da Bretanha seria para mim um ótimo posto de observação.

KERGUEVEN — E você contou conosco, não é verdade, Westbury?

LESLIE — Sim... Eu mesmo pensei que com a sua tácita cumplicidade eu poderia obter informações interessantes...

KERGUEVEN — Leslie, adquiriu já a minha cumplicidade, como vê... Infelizmente não tenho nenhuma relação com os nossos inimigos. Com efeito, falei duas vezes com o general Lehmbach há três meses. Não sou persona grata junto a êle, que conhece os meus verdadeiros sentimentos.

LESLIE — Posso contar então com o auxílio de Alain?

KERGUEVEN (hesitante) — Com Alain... meu filho?

LESLIE — Sim... Denise falou-me que êle foi ferido e que fala muitas vezes com os alemães.

KERGUEVEN — Basta, meu genro!...

LESLIE — Que acontece, meu sogro?...

KERGUEVEN — Não conte com Alain...

LESLIE — Por que, meu general?

KERGUEVEN — Porque... (pausa) Porque o seu cunhado voltou da guerra desencorajado e muito amargurado, Westbury... Lembre-se de que êle já tinha idéias subversivas pouco antes da guerra... Está fora do quadro. Aconselho-o mesmo a evitá-lo!...

LESLIE — Acho que tem algo além do que está me dizendo a revelar-me, general Kergueven...

KERGUEVEN (amargurado e hesitante) — Nada... nada... Depois, Leslie... nada posso dizer-lhe além do que já disse... Esse policial Zimmerman mete-se por toda parte... pior ainda, como você sabe, é êsse monstro... êsse corcunda Picot... E' melhor que não o surpreendam em companhia de meu filho Alain... Denise e eu o ajudaremos no que fôr possível... Uma coisa que estou para lhe perguntar... o seu rádio portátil?

LESLIE — Eu o escondi cuidadosamente no extremo da floresta de Guenant... Ele esperará a sua vez!...

KERGUEVEN — Sabe que são perigosíssimas as irradiações clandestinas?

LESLIE — Penso, general, que compreende as possíveis consequências das emissões de sinais. Logo que eu fizer o meu rádio funcionar, os alemães que estão à escuta na estação marítima de Brest descobrirão uma emissão clandestina na direção nordeste.

KERGUEVEN — E não será difícil localizá-la.

LESLIE — Sei disso, meu general...

KERGUEVEN — E as autoridades suspeitarão de todos os civis que se encontram nas vizinhanças do Estado Maior... E que fará você, meu genro?

LESLIE — Desaparecerei, de acôrdo com as ordens que recebi. Mas não gostaria de deixar o senhor e a minha esposa em situação difícil...

KERGUEVEN — Quer dizer com isso que fugiremos logo após a irradiação?

LESLIE — Sim... Concorda, meu general?

KERGUEVEN — Estou de pleno acôrdo, Leslie... E' verdade, antes que eu me despeça: Denise disse-me que fôsse arrancar umas ervas daninhas nos canteiros próximos ao viveiro de pássaros... (rindo) Ervas daninhas...

LESLIE (rindo) — Quando, meu general?

KERGUEVEN — Antes de pôr o sol... Às cinco... mais ou menos... Jardinagem do coração... Bem... Até amanhã, Leslie!...

LESLIE — Até amanhã, meu general...

INTERLÚDIO

DENISE — Eu te adoro, querido! (baixinho)

LESLIE (alto) — Preciso arrancar as ervas daninhas... Olhe... veja, minha senhora, como estão maltratados os canteiros...

DENISE (baixinho) — Estou louca para dar-te uma chuva de beijos...

LESLIE — Se a senhora quer ver... já apanhei esta manhã cinco quilos de castanhas...

DENISE — Oh!... Viu-me... Cuidado, querido... Haja o que houver não percas a serenidade...

LESLIE — O capitão Wehringer... vem para aqui...

Contra-regra: passos que se aproximam.

DENISE — Lembra-te que não és meu marido, Leslie... Suplico-te...

LESLIE (baixinho) — Descansada, querida... fica descansada...

Contra-regra: passos que se aproximam.

WEHRINGER — Oh!... Boa tarde, madame Westbury... Como vai?... Sempre fiel à memória do seu marido?

DENISE — Não é êsse o dever de uma esposa que se respeita, capitão? Aqui, Leon... olhe êsse tufo de ervas...

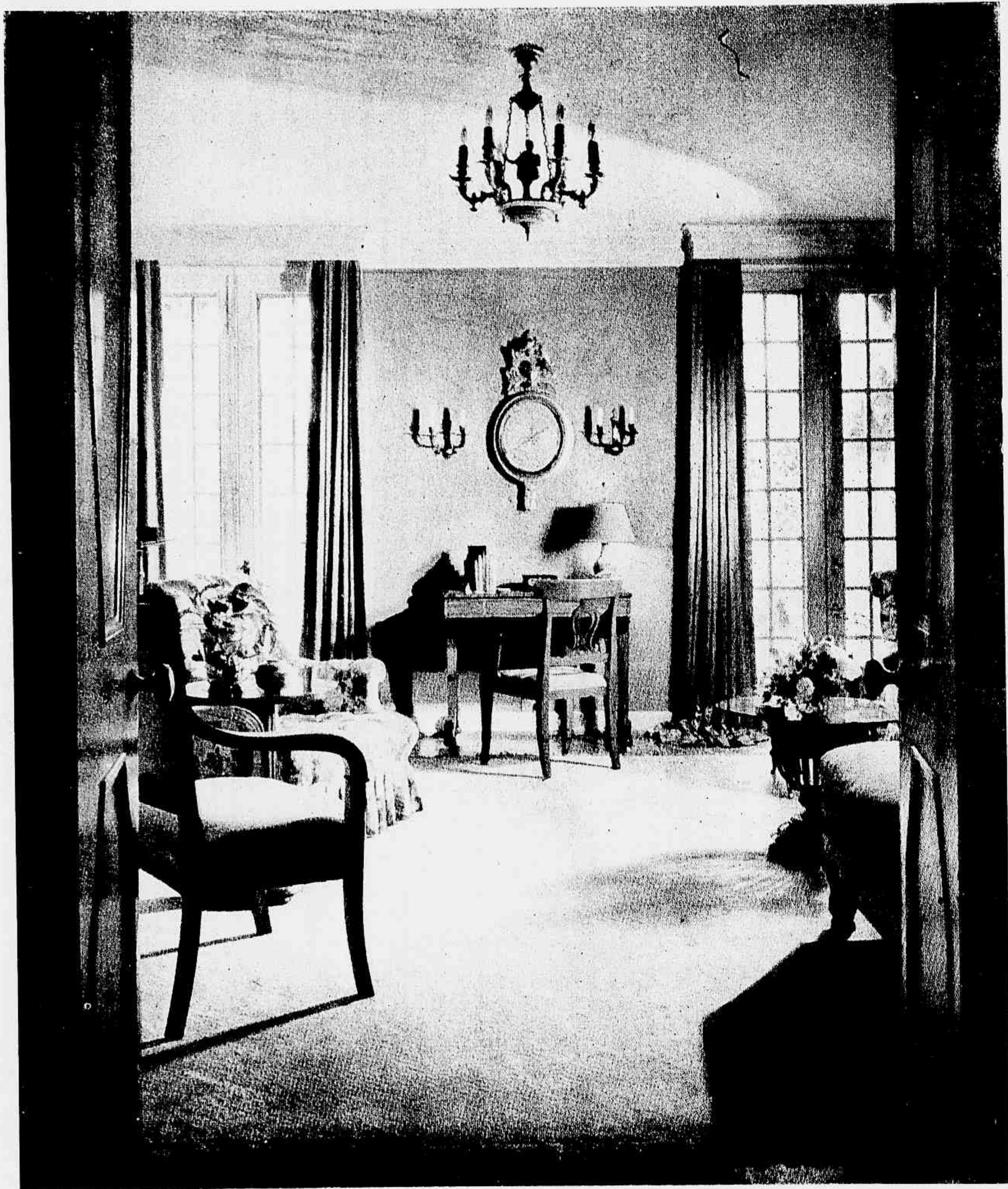
LESLIE — O canteiro está repleto, minha senhora... Olhe acolá o monte que já tirei...

WEHRINGER — Não quero absolutamente que interprete as minhas palavras...

DENISE — Não... Respondi também por responder...

WEHRINGER — Mas nós não estamos mais na era em que as viúvas do Malaber se atiravam, vivas, na fogueira dos maridos. O tempo, madame Westbury, é um grande remédio... (áspero) Hei hortelão!...

Estilos em confronto



A diversidade de estilo, se bem que dê ao conjunto do mobiliário um aspecto grotesco e deselegante quando feita ao arbítrio de um leigo, constitui um motivo de grande efeito artístico quando arquitetada por um decorador hábil e de senso estético apurado. Neste *living-room*, todo mobiliado com móveis modernos laqueados, que se harmonizam, quer nas cores quer nas linhas, com os candelabros e o relógio, um divã largo, em puro estilo árabe, dá à peça uma nota diferente que, ao invés de enfeia-la, lhe empresta ainda maior encanto.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 RUA DA CARIOCA-67 RIO

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

Hollywood



CHAMPANHE... HOLLYWOOD...
UMA SÓ CLASSE DE EXCELENCIA
PARA O REQUINTADO GOSTO
DE UM PUBLICO ELEGANTE.

Cia de Cigarros
SOUZA CRUZ



Record